



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CÂMPUS CURITIBA**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Mestrado em Teologia**

JOSÉ DE LIMA

**A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA DA INICIAÇÃO CRISTÃ
Um desafio atual para a Igreja**

**CURITIBA
2015**

JOSÉ DE LIMA

A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA DA INICIAÇÃO CRISTÃ
Um desafio atual para a Igreja

Dissertação apresentada ao mestrado em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do mestrado.

Orientador: Dr. Antonio José de Almeida

CURITIBA
2015

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

L732f
2019 Lima, José de
A formação de catequista da iniciação cristã : um desafio atual para a igreja
/ José de Lima ; orientador, Antonio José de Almeida. -- 2019
127 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2019.
Bibliografia: f. 123-127

1. Catequese. 2. Catequistas – Formação. 3. Cristianismo. 4. Fé. 5. Ritos de
iniciação – Aspectos religiosos – Igreja Católica. I. Almeida, Antonio José de.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Teologia. III. Título

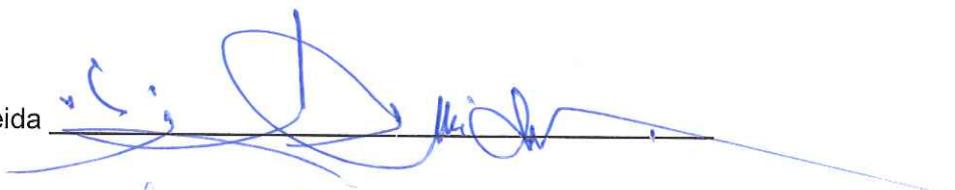
CDD 20. ed. – 268.6

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 103
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

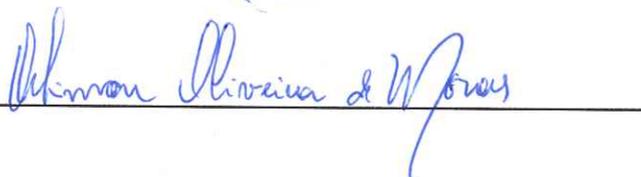
JOSÉ DE LIMA

Aos vinte e três dias , do mês de novembro de dois mil e quinze, às catorze horas e trinta minutos reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Antônio José de Almeida, Marcial Maçaneiro e Abimar Oliveira de Moraes, para examinar a Dissertação do candidato **José de Lima**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: **“A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA DA INICIAÇÃO CRISTÃ UM DESAFIO ATUAL PARA A IGREIJA”** O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 00 min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

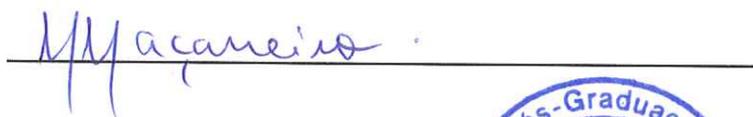
Prof. Dr. Antônio José de Almeida
Presidente/Orientador.



Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes
Convidado Externo



Prof. Dr. Marcial Maçaneiro
Convidado Interno



CIENTE
Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

Ao Deus da vida que, em sua infinita misericórdia derrama sua graça transbordante e ininterrupta, sustentando minha vida, minha vocação e a missão a qual me chamou.

À minha família e amigos pelo apoio e incentivo quando me senti cansado pelo esforço do trabalhado com esta pesquisa, paróquia e diocese.

Ao meu orientador, Pe. Dr. Antonio José de Almeida, pelo seu incentivo e ajuda para que o objetivo do estudo prevalecesse.

Ao Bispo do Getúlio Teixeira Guimarães (bispo emérito da diocese de Cornélio Procópio) pelo apoio e aprovação que me deu quando foi bispo dessa diocese, para que eu pudesse iniciar meus estudos.

Ao Bispo Dom Manoel João Francisco (atual bispo da diocese de Cornélio Procópio) pela preocupação e colaboração na leitura, oferta de livros, acolhida em sua casa para que eu pudesse pesquisar o tema proposto.

A Pastoral da Animação Bíblico-Catequética de minha amada Diocese de Cornélio Procópio, incluindo todos os catequistas das paróquias e da Escola Diocesana, que me inspiraram e ajudaram a me encantar a cada dia pela iniciação à vida cristã e, sobretudo pela formação de seus agentes.

À paróquia São Sebastião de São Sebastião da Amoreira onde sou pároco, pelo apoio que encontrei nos coordenadores das pastorais e movimentos bem como para com todos os paroquianos que me ajudaram nesse percurso de dois anos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a formação de catequistas da iniciação cristã. Para tanto, tomou-se como motivação a recomendação eclesial de que o processo de iniciação cristã é a maneira ordinária de se fazer catequese na América Latina e no Caribe. Sendo assim, o tema, ao nosso modo de pensar é, uma urgência e um desafio para a comunidade católica, para sociedade e para a academia, pois, para essa iniciação cristã da qual fala a Igreja, não temos catequistas preparados para assumi-la atualmente. O trabalho não tem como método uma pesquisa de campo, mas sim bibliográfica. No entanto, muitos elementos que aparecem e enriquecem o assunto, principalmente o III capítulo, estão amparados por uma fundamental experiência pessoal diária, tanto paroquial como diocesana e, isso trouxe, segundo nosso entendimento, um ganho qualitativo para a dissertação. Sabe-se que nas últimas décadas a Igreja vem enfrentando uma crise no processo de evangelização das comunidades, que se vê refletida principalmente na catequese. Uma defasagem do anúncio de Jesus Cristo, vem contribuindo para que muitos cristãos não vivam mais a fé, frequentem pouco os sacramentos e se evadem da Igreja com muita facilidade. Com isso, a Igreja, preocupada não somente com a preparação para os sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia), que muitas vezes foi reduzida a uma síntese doutrinal, pressupondo a vivência cristã na família e na sociedade, recomenda o processo de iniciação cristã de inspiração catecumenal para suas comunidades. Para entender, portanto, a formação de catequistas da iniciação cristã atual, a pesquisa partiu de um resgate histórico, documental, que mostra o processo iniciático das comunidades primitivas desde o século II até o século V. Isso é suficiente para a compreensão básica de um itinerário formativo. Depois, tendo em vista o itinerário catecumenal que se deve seguir como modelo ordinário da catequese de iniciação cristã, achamos por bem estudar o Ritual de Iniciação Cristã de adultos que traz orientações fundamentais para a operacionalização da iniciação cristã na Igreja. A relevância do objeto de nossa pesquisa está, portanto, na importância que um candidato ao ministério de catequista da iniciação cristã deve dar a esse conteúdo. Além disso, trouxemos um estudo de outros documentos de catequese da Igreja a partir do Vaticano II. Finalizamos a pesquisa com acenos inspiradores para a construção de projetos de formação para catequistas da iniciação cristã que atendam a demanda da qual carece a Igreja hoje.

Palavras-chave:

Formação, catequistas, processo, iniciação cristã, transmissão da fé, itinerário, Igreja.

ABSTRACT

This research aims to understand the formation of catechists of christian initiation. To this end, it took as motivation ecclesial recommendation that the christian initiation process is the ordinary way of doing catechesis in Latin America and the Caribbean. Thus, the theme, to our way of thinking is an urgency and a challenge for the catholic community, to society and to the gym, because for this christian initiation spoken of the Church, we are not prepared catechists to take it currently. The work has not as a method field research, but literature. However, many elements that appear and enrich it, especially chapter III, are supported by a major daily personal experience, both parochial and diocesan and it lead, in our opinion, a qualitative gain for the dissertation. It is known that in recent decades the Church has been facing a crisis in the process of evangelization of the communities, which is reflected primarily in catechesis. A lag of the proclamation of Jesus Christ, has contributed to many christians live no more faith, the sacraments and attend some evade the Church very easily. Thus, the Church, concerned not only with the preparation for the sacraments of christian initiation (Baptism, Confirmation and Eucharist), which was often reduced to a doctrinal synthesis, assuming the christian life in the family and in society, recommends the process of christian initiation of catechumenal inspiration for their communities. To understand, therefore, the formation of catechists of the current christian initiation, the research came from a historical, documentary, which shows the initiation process of primitive communities from the second century to the fifth century That's enough for the basic understanding of a formation process. Then, in view of the catechumenal itinerary that must be followed as ordinary model of christian catechesis, we thought it good to study the Christian Initiation Ritual of Adults who brings fundamental guidelines for the implementation of christian initiation in the Church. The relevance of our research object is therefore the importance of a candidate for the ministry of catechist of Christian initiation must give this content. In addition, we brought a study of other Church catechetical documents from Vatican II. We completed the research with inspiring nods to the building of training projects for catechists of christian initiation that meet the demand which lacks the Church today.

Key Words:

Training catechists, process, Christian initiation, transmission of the faith, itinerary, church.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Ad Gentes
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	Exortação Apostólica Catechesi Tradendae
DAp	Documento de Aparecida
DCE	Deus Caritas Est
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)
DGC	Diretório Geral para a Catequese
Did	Didaqué – Doutrina dos Apóstolos
DNC	Diretório Nacional de Catequese
EG	Evangelii Gaudium
EM	Evangelii Nuntiandi
IVC	Iniciação à Vida Cristã
LG	Lumen Gentium
MCC	Manual de Catequética do CELAM
Med	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
PO	Presbyterorum Ordinis
RdeC	Revista de Catequese
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
SC	Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium
TA	Tradição Apostólica (Hipólito de Roma)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
RESGATE HISTÓRICO DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL EM VISTA DA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS	13
1 Os aspectos históricos da iniciação cristã de inspiração catecumenal	14
1.1 Os Padres da Igreja e a iniciação cristã de caráter catecumenal	15
1.1.1 A iniciação cristã de caráter catecumenal no século II e III	16
2 Século II: Didaqué	16
2.1 O Batismo na Didaqué	16
2.1.1 A Eucaristia na Didaqué	17
2.1.2 Justino: Primeira Apologia.....	18
3 Século III: A <i>Tradição apostólica</i> de Hipólito Romano	19
3.1 Pré-catecumenato na Didaqué.....	20
3.1.1 O tempo do catecumenato na Didaqué.....	21
3.1.2 O tempo da eleição na Didaqué.....	22
3.1.3 O Batismo na Didaqué	22
3.1.4 A Confirmação na Didaqué	23
3.1.5 A Eucaristia na Didaqué	23
4 O testemunho de Tertuliano	24
4.1 O Batismo em Tertuliano.....	24
4.1.1 Catecumenato e Batismo: a prática	24
4.1.2 A Confirmação em Tertuliano.....	26
4.1.3 A Eucaristia em Tertuliano	26
4.1.4 A obra <i>De baptismo</i> de Tertuliano.....	27
5 Cipriano: controvérsia sobre o batismo	28
6 A catequese de iniciação cristã de caráter catecumenal e a formação de catequistas	29
6.1 A natureza do catecúmeno, sua relação com a formação de catequistas da iniciação cristã e a comunidade eclesial	30
6.1.2 O rosto da comunidade que estava em pauta.....	31
6.1.3 O caminho da iniciação cristã e o momento do sacramento	31
6.1.4 A celebração dos sacramentos da iniciação cristã naquele período	32
6.1.5 O significado geral e teológico da celebração dos sacramentos da iniciação cristã.....	33
6.1.6 A essência do ápice crismal	34
6.1.7 A sincronia de dois modelos celebrativos.....	35

6.1.8 O Sacramento do Batismo dos infantes	36
6.1. 9 A indispensabilidade do sacramento do batismo para se salvar	36
7 A iniciação cristã no século IV e V	36
7.1 A partir do século IV: a questão socioeclesial	37
7.1.2 A celebração dos sacramentos: a Quaresma e sua estrutura	39
7.1.3 O testemunho de Etéria.....	42
8 Agostinho de Hipona e a teologia batismal ocidental.....	44
8.1 Os hereges e a validade do batismo: a eficácia que vai muito mais além dos méritos	44
8.1.2 As crianças e as questões inerentes ao seu batismo.....	46
8.1.3 A culpa inicial e o sacramento do batismo dos infantes	47
9 Linhas sintéticas	48
9.1 O Batismo e sua preparação.....	49
9.1.1 A Vigília Pascal e seus ritos	50
9.1.2 Rito do Batismo	50
9.1.3 Rito da Crisma.....	50
9.1.4 Rito da Eucaristia	51
10 Considerações finais	51
O RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA) NA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS.....	53
1 A formação de catequistas da iniciação cristã de inspiração catecumenal ...	53
1.1 O contexto eclesial global e a formação de catequistas da iniciação cristã	55
1.1.1 O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos	57
1.1.2 As partes importantes do RICA na formação de catequistas da iniciação cristã.....	58
1.1.3 A proposta atual do RICA.....	61
1.1.4 A introdução geral do Ordo	62
1.1.5 O Ritual propriamente dito.....	64
1.1.6 As características fundamentais do livro	65
1.1.7 Os diversos ministérios da iniciação cristã	66
1.1.8 O pré-catecumenato.....	70
1.1.9 O catecumenato	70
1.1.10 A preparação durante a quaresma	71
1.1.11 A mistagogia.....	72
2 O Ritual do Batismo das Crianças de 1969.....	74
2.1 O iter redacional	74
1.1.1 Anotações particulares.....	75

2.1.2 O projeto do ritual	76
2.1.3 O rito de acolhida	76
2.1.4 A Liturgia da Palavra	76
2.1.5 A Liturgia do sacramento.....	77
2.1.6 Os ritos conclusivos	78
3 O Ritual do Sacramento da Confirmação de 1971	79
3.1 O iter redacional	79
3.1.1 A constituição apostólica <i>Divinae Consortium Naturae</i>	79
3.1.2 Os <i>Praenotanda</i> ao ritual.....	81
3.1.3 O projeto do rito.....	82
4 Considerações finais	83
ESTUDO DA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS NA IGREJA	85
1 O Magistério Universal.....	85
1.1 Diretório Geral de Catequese.....	85
1.1.2 O Diretório Geral para a Catequese articula-se da seguinte forma:.....	86
1.1.3 <i>Evangelii Nuntiandi</i>	87
1.1.4 O Sínodo sobre a Catequese	87
1.1.5 <i>Catechesi Tradendae</i>	89
2 O Magistério Latino-Americano	92
2.1 <i>Medellín</i> (1968).....	92
2.1.2 <i>Puebla</i> (1979)	92
2.1.3 Manual do CELAM	93
2.1.4 Documento de Aparecida	94
3 O Magistério brasileiro.....	95
3.1 Catequese Renovada.....	95
3.1.1 Estudos 59 da CNBB.....	98
3.1.2 O Diretório Nacional de Catequese	98
4 A formação de catequistas da iniciação cristã que se deseja	99
4.1 A situação atual da formação dos catequistas	103
4.1.2 O perfil do catequista da iniciação cristã	105
4.1.4 A formação de catequista da iniciação cristã	108
5 A finalidade e a natureza da formação de catequistas da iniciação cristã ...	108
5.1 A finalidade cristocêntrica da catequese de iniciação cristã.....	109
5.1.2 A natureza eclesial da formação de catequista da iniciação cristã.....	110
5.1.3 As dimensões da formação do catequista da iniciação cristã	111
5.1.4 O ser do catequista da iniciação cristã	111
5.1.5 O saber do catequista da iniciação cristã	112

5.1.6 O saber fazer do catequista da iniciação cristã	112
6 Dimensões e conteúdo da formação global do catequista da iniciação cristã	114
6.1 Os eixos norteadores para uma formação global de catequistas da iniciação cristã.....	114
6.1.2 Propostas de conteúdo para a formação básica e inicial de catequista da iniciação cristã em nível paroquial a partir dos eixos condutores:.....	116
6.1.3 Conteúdo do eixo bíblico-catequético.....	116
6.1.4 Conteúdo do eixo teológico-catequético:.....	116
6.1.5 Conteúdo do eixo metodológico-catequético:.....	116
6.1.6 Conteúdo litúrgico-catequético:	117
6.2 Proposta de conteúdo para a formação de aprofundamento para catequista da iniciação cristã em nível diocesano a partir dos eixos condutores:	117
6.2.1 Conteúdo do eixo bíblico-catequético:	117
6.2.1 Conteúdo do eixo teológico-catequético:.....	118
6.2.2 Conteúdo do eixo metodológico-catequético:.....	118
6.2.3 Conteúdo do eixo litúrgico-catequético	118
6.2.3 Considerações finais	119
7 CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

A formação de catequista da Iniciação Cristã deve ser entendida atualmente, mais do que nunca, dentro do atual contexto do mundo em que vivemos e da Igreja à qual pertencemos, como uma prioridade fundamental, uma necessidade intrínseca e um desafio a ser superado. “Se buscarmos uma característica para o mundo hoje, encontraremos palavras como confusão, perplexidade, impacto, transformações e incertezas, entre outras (AMADO, 2009, p. 10). Portanto, “qualquer atividade pastoral que não contar para sua realização com pessoas verdadeiramente formadas e preparadas, coloca em perigo sua qualidade” (cf. DGC, n. 234). “Uma boa reflexão catequética e uma boa organização da catequese de nada servirá sem bons catequistas” (GINEL, 2010, p. 154).

Nesse sentido, é uma prioridade fundamental a dimensão formativa do catequista. Por outro lado, não se forma catequista de qualquer maneira. “Tais catequistas, leigos, efetivamente, devem ser cuidadosamente formados para aquilo que, se não é um ministério normalmente instituído, é pelo menos uma função de grandíssima importância na Igreja” (CT, n. 71). Sendo assim, o que a formação de catequista deve perseguir em todo o seu contexto é:

Conseguir que o catequista possa animar eficazmente um itinerário catequético, pelo qual, mediante as necessárias etapas: anunciem Jesus Cristo; ajude a conhecer sua vida, concebendo-a no conjunto da História da salvação; explique os mistérios de Deus, feito homem por cada um de nós; e ajude, finalmente, o catecúmeno ou o catequizando a se identificar com Jesus Cristo nos sacramentos da Iniciação (DGC, 235).

Contudo, nenhum método, nenhum catecismo, supera o catequista, ou seja, a fé se transmite, sobretudo por contato, por contágio, pela presença concreta entre os que creem. O próprio *Diretório Geral para a Catequese* é muito explícito para com a meta da formação de catequistas quando narra sobre o que o catequista deve ser capaz de realizar: “nenhum método, por experimentado que seja, exime o catequista do trabalho pessoal em nenhuma das fases do processo da catequese” (DGC, n. 156). A finalidade da formação dos catequistas da Iniciação Cristã, portanto, vislumbra um horizonte exigente e responsável e ao mesmo tempo, criativo e pessoal.

“O catequista tem uma força, uma criatividade, uma ação pessoal que está acima de todo o método ou instrumento da catequese” (GINEL, 2010, p. 155).

Sendo assim, a formação de catequistas da iniciação cristã é necessária porque se sabe que ninguém é capaz de oferecer aquilo que não tem. Se os catequistas não estão por dentro do processo, não serão capazes de operacionalizá-lo nas comunidades.

No intuito de implantar a Iniciação Cristã, atualmente nota-se que o grande entrave está em encontrar pessoas dispostas a quebrar o velho e ultrapassado paradigma ao qual está acostumado, e passar para um outro modelo totalmente diverso e novo. “Evidentemente um novo paradigma catequético demanda um novo perfil de catequistas” (BENAVIDES, 2009, p. 30).

Há que se passar de uma catequese de manutenção, impositiva, que apenas sustenta e consolida a fé que já existe, para uma catequese de iniciação cristã, um modelo diferenciado do tradicional que muitas vezes obriga a pessoa a dar uma resposta ao amor de Deus. A catequese deve propiciar sempre uma resposta livre e autônoma das pessoas; respeitando os processos e a responsabilidade dos sujeitos. Não é ensinar, nem impor; não é obrigar nem pressionar; é oferecer, convidar; apresentar; mostrar; entusiasmar; em resumo, propor a fé.

Portanto, é necessário que se fuja do esquema de formação de catequistas que vai de encontro com o estilo acadêmico, ensinamentos apenas de doutrina, moral e outras coisas, ou seja, na formação não deve predominar o estilo escolar, ensinar a preparar as pessoas apenas para o sacramento, mas verdadeira construção de pessoas que sejam realmente discípulos missionários comprometidos e que seja nas comunidades os catequistas protagonistas deste mesmo estilo.

Em vista disso, a formação de catequistas da iniciação cristã é um desafio porque sabe-se que não é fácil atualmente reunir-se com pessoas voluntárias periodicamente para estudar sobre determinados temas. Além disso como não se tem pessoas, por hora, com muita habilidade para uma proposta formativa que contemple essa questão, fica difícil até mesmo em falar com entusiasmo, pelo menos por enquanto, no assunto. Comumente, ao convidar um assessor para uma escola de formação de catequistas, por exemplo, a grande pergunta é essa: será que ele vai conseguir trabalhar o conteúdo de maneira que não frise de mais um academicismo e comprometa o projeto?

Não se pode negar que há assessores por exemplo que são exímios teólogos, biblistas, eclesiologistas, pedagogos, psicólogos etc, mas nem sempre estão por dentro de uma formação mais vivencial, experiencial e querigmática, de inspiração catecumenal. Atuam ainda de maneira muita acadêmica e por isso corre-se o risco de catequistas formados a partir dessa ótica, reproduzirem, como tem ocorrido, o conhecimento para catecúmenos e catequizandos, bem como para a comunidade de maneira geral, tal e qual aprenderam nos encontros de formação. “A formação existente de caráter mais acadêmico, não atende à necessidade de uma formação adequada ao estilo catecumenal” (CNBB Estudos 97 n. 143).

A preocupação de se formar catequistas hoje ao estilo catecumenal desemboca no fato de que a catequese não é preparação apenas para este ou aquele sacramento. Os sacramentos são consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja.

O processo de crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam esse processo e têm consequências na vida. Considerada como parte da iniciação cristã (AG 14; RICA 19), a catequese não é uma supérflua introdução da fé, um verniz ou um cursinho de admissão à Igreja. É um processo exigente, um itinerário prolongado de preparação e compreensão vital, de acolhimento dos grandes segredos da fé (mistérios), da vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia (LELO, 2006, p. 33-34).

Portanto, para se falar em catequese de iniciação cristã é necessário saber que, em primeiro lugar, iniciação cristã não é catequese, mas sim um quadro global muito maior do que a catequese, a ponto de se dizer que a catequese está a serviço da iniciação cristã, assim como também as demais pastorais e movimentos da Igreja estão a serviço dessa mesma iniciação. A pergunta que se coloca é: a Pastoral Familiar, a Pastoral da Juventude, a Pastoral Vocacional, etc, o Movimento de Cursílio de Cristandade, a Renovação Carismática Católica, a Pastoral Catequética propriamente dita, está fazendo acontecer a Iniciação Cristã?

É necessário esclarecer, em primeiro lugar, que por Iniciação Cristã se entende todo o processo pelo qual alguém é incorporado ao ministério de Cristo Jesus; portanto, não se reduz à catequese. Esta é apenas um elemento do complexo pelo qual alguém é iniciado na fé cristã (RC, 2009, p. 15).

Para isso, como já foi dito, é preciso ter um conhecimento necessário de todo esse complexo iniciático tendo em vista aquela afirmação dos pais da Igreja, Tertuliano e São Jerônimo quando dizem que não se nasce cristãos, mas cristãos são feitos (FRANCISCO, 2004, p. 11).

Embora Pastoral da Catequese, por força maior, seja a primeira envolvida nesse processo e talvez seja o grupo que é tido como o carro chefe desse empreendimento, nenhuma outra pastoral ou movimento está isento de também saber fazer uma verdadeira iniciação cristã ou refazer essa iniciação que por ventura tenha sido fraca no decurso da vida de uma pessoa, seja ela criança, adolescente, jovem ou adulto, contribuindo assim para a construção do corpo da Igreja pela figura presente e participante de cada cristão e cristã.

Portanto, no interesse de contribuir com esse tema que versa sobre a formação de catequistas da iniciação cristã, essa pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro é um regaste histórico da iniciação cristã, ou seja, um conhecimento geral de como a Igreja iniciou os seus ao longo dos séculos II até o século IV.

A importância do primeiro capítulo está justamente no itinerário feito pela Igreja com os novos integrantes daquelas comunidades primitivas e como esse itinerário era eficaz na construção do ser cristão de cada um deles. Todo catequista da iniciação cristã atual, precisa saber fazer com seus catecúmenos ou catequizandos um itinerário tão eficaz como aquele e por isso necessita conhecer, portanto, ao menos um pouco desse passado da Igreja tão rico e concreto como será apresentado.

O Segundo é um estudo do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, o RICA como modelo inspirador para projetos de formação dos catequistas da iniciação cristã atual, pois, a iniciação cristã da Igreja primitiva tinha um método, e esse método se chama catecumenato. O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos está baseado completamente nesse método o qual a Igreja assume universalmente para si como método ordinário de se fazer catequese atualmente.

Para finalizar, o terceiro capítulo traz um estudo da formação de catequista na Igreja fazendo um resgate dos documentos mais importantes desse itinerário formativo a partir do Magistério Universal, Latino-Americano e Brasileiro, ao mesmo tempo que lança propostas de conteúdo para essa formação.

RESGATE HISTÓRICO DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL EM VISTA DA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

A iniciação cristã é um dos pontos centrais da vida e da ação pastoral da Igreja. Não é à toa que muitos são os documentos, estudos, planos pastorais que tem sido proposto sobre esse tema desde a muito tempo. Não cabe aqui elenca-los, pois não é nosso foco. Porém, diante daquilo que se tem feito ou daquilo que se tem a fazer, não se pode evitar a sensação de estarmos longe do ideal, entre o desejo e a realidade, entre a esperança e o desconcerto. Sabe-se, portanto, que é necessário um novo impulso para, com rigor e conhecimento dos diversos aspectos do tema, afrontar o convite feito pelas novas realidades e possibilidades de iniciação cristã hoje.

Quando falamos de iniciação, não nos referimos somente aos momentos sacramentais específicos, senão também, a todos os elementos que integram o processo: batismo, pedagogia iniciatória, primeira eucaristia, catecumenato e catequese, confirmação, comunidade eucarística. Nessa ação iniciatória total entram em jogo a seriedade da catequese e dos catequistas, da evangelização com um todo, sua autenticidade e a comunidade eclesial, bem como a verdade de ser cristão.

Ao falarmos de iniciação cristã nesse trabalho, não estamos querendo explicitar apenas a administração dos sacramentos da iniciação cristã, senão de qual é o cristão que foi feito ao preparar e celebrar esses sacramentos. Nesses cristãos deveria centrar grande parte da ação pastoral da Igreja. Batismo, Confirmação e Eucaristia são os centros significantes sacramentais de um processo que abrange muitos mais do que um rito e que deve continuar ao longo de toda a vida.

Nesse sentido, esse primeiro capítulo deseja fornecer uma compreensão da iniciação cristã do século II ao século V para uma boa formação de catequista dessa iniciação tendo em vista que o tema revela numerosas interrogações das quais nenhum catequista é isento. Não será abordado, nessa pesquisa, o período que vai do século VI em diante. Entende-se que esses quatro séculos são satisfatórios para uma compreensão suficiente do tema “iniciação cristã” e seus desdobramentos para a formação de catequistas da iniciação cristã a qual pretendemos com esse estudo.

1 Os aspectos históricos da iniciação cristã de inspiração catecumenal

O estudo de alguns séculos na história da iniciação cristã tem o intuito de conhecer o processo de iniciação de uma pessoa que desejava aproximar-se da fé em Jesus Cristo e na Igreja. O interesse é verificar como era feita sua acolhida na comunidade, sua evangelização, a celebração dos sacramentos da iniciação e, conseqüentemente, sua inserção definitiva na comunidade eclesial.

A iniciação cristã é um dos pontos centrais da vida e da ação pastoral da Igreja (BOROBIO, 2009, p. 9). E de acordo com os documentos escritos a partir do século II, ela compreende três distintos sacramentos: o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. São os sacramentos que estão no princípio da vida cristã, que são base e fundamento de todos os demais sacramentos (BOROBIO, 2009, p. 16). No período que vai do século II ao final do século IV, encontravam-se intrinsecamente ligados um a outro. A pessoa, depois de passar por um longo período de preparação que poderia ser até de três anos, era batizada, confirmada e lhe era dada a Eucaristia.

A iniciação cristã, no entanto, nesse período não tratava simplesmente de “como” administrar os sacramentos do Batismo, da Confirmação ou da Eucaristia. O que estava em jogo era a seriedade da evangelização de uma pessoa que desejava se tornar cristã. Aqui entra a famosa frase de Tertuliano quando diz que “Cristão não se nasce, cristão se torna” (ALMEIDA, 2010, p. 25). A Igreja entendia muito bem essa afirmação de Tertuliano e por isso se empenhava exaustivamente em seu projeto de fazer cristãos.

Não se preparava para os sacramentos, mas em vista de fazer com que um pagão se tornasse um cristão engajado na comunidade de fé.

Essa questão tem uma grande relevância porque se faz pensar que naquele tempo não se batizava, confirmava e se dava a eucaristia a um indivíduo, sem antes ele ter passado por um processo de iniciação cristã total e integral. Estava presente, portanto, no itinerário percorrido por um candidato, a “evangelização, o catecumenato, os processos catecumenais, a catequese, a renovação radical da vida, a comunidade cristã” (BOROBIO, 2009, p. 10). Se não fosse assim, corria-se o risco de comprometer todo um projeto de construção da comunidade primeva e da Igreja como um todo.

Uma consciência cada vez mais crescente apontava para o fato mesmo de não se apresentar a iniciação cristã seccionada, mas sim de modo global, incluindo nela o

desenrolar equilibrado de todos e cada um dos elementos que dela fazem parte. Em sentido contrário, se têm acentuado duas tendências na atualidade. Na primeira, um grupo defende a unidade cronológica sequencial como melhor forma de se expressar o sentido teológico. Na segunda, há quem reivindique uma unidade dinâmica como meio mais adequado de realização de todos os elementos da iniciação. Em geral, a tendência mais ampla é a segunda (BOROBIO, 2009, p. 11).

A iniciação cristã é a primeira verificação da sacramentologia fundamental: nela já não se trata tanto do que é um sacramento, senão como é este sacramento concreto (BOROBIO, 2009, p. 16). Em contrapartida, a vida de um cristão se inicia de maneira plena pelos sacramentos da iniciação. Esses sacramentos são fundamentalmente sinais eficazes da graça e do dom de Deus que em toda a história quis contar e continua contando com os seres humanos.

Nos dias atuais, embora passe despercebido e sem muito entendimento, o termo está plenamente inserido na linguagem cristã, em muitos documentos da Igreja, especialmente nos que versam sobre a liturgia, e a catequese, significando o processo completo da celebração dos três sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia, sendo que, por eles, o ser humano passa da situação de não-cristão a membro pleno do povo de Deus, tornando-se, “assim” completamente iniciado na fé da Igreja.

Os seres humanos, libertos do poder das trevas, graças aos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo, com ele sepultados e ressuscitados com Cristo, recebem o Espírito dos filhos adotivos, e celebram com todo o povo de Deus o memorial da morte e ressurreição do Senhor (RB, n. 1).

Portanto, os três sacramentos da Iniciação Cristã se ordenam entre si para levar ao seu pleno desenvolvimento os fiéis que exercem a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo.

1.1 Os Padres da Igreja e a iniciação cristã de caráter catecumenal

Nota-se que, aproximadamente do século II ao século VII, os Santos Padres foram tidos como aqueles grandes homens da Igreja que foram no Oriente e no Ocidente como que “Pais” da fé. Foram eles que firmaram os conceitos fundamentais do crer. Enfrentaram muitas heresias e, de certa forma, foram responsáveis pelo que hoje é tido como Tradição da Igreja.

A época dos Santos Padres foi um tempo de fecunda reflexão teológica. Nesse tempo, foi elaborada uma teologia dos sacramentos da Iniciação Cristã que, ainda hoje, é tida como referência por sua inspiração bíblica, sua perspectiva histórico-salvífica e profundidade doutrinal.

1.1.1 A iniciação cristã de caráter catecumenal no século II e III

Não haverá aqui nenhuma pretensão de falar de todas as grandes testemunhas da história. Serão destacadas aquelas que podem ser mais importantes. A partir de uma bibliografia elementar, será colocado aquilo que ajudará na compreensão do tema “iniciação cristã de caráter catecumenal”, a partir do método do catecumenato.

2 Século II: Didaqué

A Didaqué (*Διδαχή*, no grego – *Doctrina Apostolorum*, no latim) está relacionada com a catequese primitiva da Igreja (BORÓBIO, 2009, p 73). Traz, em seu conteúdo, a instrução dos Doze Apóstolos e geralmente é conhecida sob o nome de *Doutrina dos Doze Apóstolos*¹.

Foi escrita no final do século I e veio à luz somente em 1873 (CASPERI, 2013, P. 96). Trata-se, na verdade, de compilação, cujos autores, são desconhecidos (ZILLES, 2009, p. 13). Seu nome mais completo é: “Doutrina do Senhor através dos doze Apóstolos aos gentios [...]. É um testemunho literário da transmissão do depósito da fé, dos apóstolos à primeira ou a segunda geração pós-apostólica.” (ZILLES, p. 7).

A obra é constituída de dezesseis capítulos: do capítulo I ao VI, é tratada a doutrina dos dois caminhos. Apesar de ser um livro pequeno, testemunha com preciosidade as reflexões históricas e teológicas do passado, servindo para a atualidade, trazendo no seu conteúdo, informações legítimas e próprias das catequese pré-batismais.

2.1 O Batismo na Didaqué

¹ At 2,42 “Eles mostravam –se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos...”

O capítulo VII se dedica ao Batismo e o capítulo IX à Eucaristia. O documento fala pouco sobre o Batismo. Oferece, no entanto, um certo contexto batismal, pois, se por uma parte se refere aos dois caminhos, tema que pode estar relacionado com a catequese e com a conversão batismal e o jejum como fator preparatório, por outro lado fala expressamente do rito batismal com água e a fórmula trinitária, expressando a inserção do batizado na vida trinitária (BOROBIO, 2009, p. 73).

Quanto ao rito do batismo, ele procede da seguinte forma:

No que diz respeito ao batismo, batiza em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo em água corrente. Se não tens água corrente, batiza em outra água; se não puderes em água fria, faze-o em água quente. Na falta de uma e outra, derrama três vezes a água sobre a cabeça em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Mas, antes do batismo, o que batiza e o que é batizado, e se outros puderem, observem um jejum; ao que é batizado, deverá impor um jejum de um ou dois dias (*Did.* 7, 1-4).

2.1.1 A Eucaristia na Didaqué

Explicada essa primeira parte sobre o batismo, fica pendente a instrução sobre o sacramento da Eucaristia. Como se está investigando a iniciação cristã, tem-se por premissa que esta depende dos três sacramentos: o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. Nota-se que, nesse período, não aparece evidenciado o rito da Confirmação, embora presuma-se que ele estivesse presente. Em relação ao da Eucaristia, tem-se o seguinte:

No que concerne à Eucaristia, celebri-a da seguinte maneira: Digam primeiro sobre o cálice: Nós te bendizemos (agradecemos), nosso Pai, pela santa vinha de Davi, teu servo, que tu nos revelaste por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos! Amém. Sobre o pão a ser quebrado: Nós te bendizemos (agradecemos), nosso Pai, pela vida e pelo conhecimento que nos revelaste por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos! Amém. Da mesma maneira como este pão quebrado primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim, das extremidades da terra, seja unida a ti tua igreja (assembleia) em teu reino; pois tua é a glória e o poder pelos séculos! Amém. Ninguém coma nem beba de vossa Eucaristia, se não estiver batizado em nome do Senhor. Pois a respeito dela disse o Senhor: Não deis as coisas santas aos cães! (*Did.* 9, 1-5)

Sobre a *Doutrina dos Apóstolos*, não será necessário para esta pesquisa, maiores aprofundamentos. Embora a reflexão esteja bem limitada, o fato de se conhecer o documento que a compõe, ao menos a partir de uma visão geral, percebe-se sua importância para o estudo da história do dogma, da vida da Igreja e, sobretudo, para a catequese (ZILLES, 2009, p. 9).

2.1.2 Justino: Primeira Apologia

Depois da *Didaqué*, Justino pode ser colocado como aquele que traz um segundo testemunho, também precioso, para a história da iniciação cristã. A ele se atribui a chamada *Primeira Apologia*. Justino a escreve por volta dos anos 150-160 d.C. (BORÓBIO, 2009, p. 74). Foi endereçada ao Imperador Antonino Pio, ao senado e a todo povo romano. Os capítulos 61 a 67 se dedicam aos sacramentos do Batismo e da Eucaristia, como também ao itinerário que conduz a eles (CASPANI, 2013, p. 97).

Em relação ao Batismo, o autor faz a seguinte descrição sobre sua preparação e celebração:

Todos os que se convencem e acreditam que são verdadeiras essas coisas que nós ensinamos e dizemos, e prometem que poderão viver de acordo com elas, são instruídos, em primeiro lugar, para que com jejum orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles. Depois os conduzimos a um lugar onde haja água e pelo mesmo banho de regeneração, com que também nós fomos regenerados, eles são regenerados, pois então tomam na água o banho em nome de Deus, Pai soberano do universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo [...]. Esse banho se chama iluminação, para dar a entender que são iluminados os que aprendem essas coisas. O iluminado se lava também em nome de Jesus Cristo [...], e no nome do Espírito Santo, [...] De nossa parte, depois que assim foi lavado aquele que creu e aderiu a nós, nós o levamos aos que se chamam irmãos, no lugar em que estão reunidos, a fim de elevar fervorosamente orações em comum... (*Apol. I*, 61-65).

Quatro questões importantes são destacadas por Justino no itinerário de iniciação cristã de um candidato: o ensinamento, a oração, a participação ativa e viva na comunidade e o jejum. Depois que a pessoa vivenciava todas essas etapas, estava pronta para ser batizada.

Aquele que foi batizado (“iluminado”), “é imediatamente introduzido na assembleia dos “irmãos”, onde pela primeira vez, recebe o pão eucarístico, reservado unicamente a quem foi imerso no “banho para remissão dos pecados e para a regeneração” (CASPANI, 2013, p. 99).

3 Século III: A *Tradição apostólica* de Hipólito Romano

Hipólito Romano é um autor do final do século II e princípios do século III. Teve uma atividade importante na Igreja romana e foi grande conhecedor das diversas tradições de seu tempo (BOROBIO, 2009, p. 77). Nesse sentido, sua *Tradição apostólica* é o testemunho mais claro e conciso sobre a iniciação cristã daquele período.

Os trabalhos de E. Schwartz e do beneditino inglês R. H. Connolly (sábios que trabalharam independente um do outro), permitiram reconstruir esse documento. A conclusão é que está contida em suas páginas, uma organização catecumenal muito bem elaborada (cf. DUJARIER, 2003, p. 6). Suas descobertas levaram ambos às mesmas conclusões.

Esta obra, composta em Roma, não é apenas uma fórmula que traduz somente a liturgia romana. Ela pretende transmitir a tradição da Igreja. Apresenta um processo de iniciação muito bem estruturado, o catecumenato. Esse tem uma ordem a ser seguida, uma duração de três anos a serem cumpridos e diversas etapas a serem vivenciadas (BOROBIO, 2009, p.78).

Não se trata simplesmente de convidar alguém para fazer parte da comunidade. Muito menos seria forçar alguém a isso. O que está em jogo é “o rigor das exigências evangélicas, tomadas como condição para admissão no catecumenato e no processo efetivo da comunidade” (GIBIN, 2004, p. 24).

De maneira concreta, a estrutura do texto da *Tradição apostólica* sobre o catecumenato se apresenta da seguinte forma em sua segunda parte que vai do nº. 15 ao 21:

- n. 15-16: apresentação do candidato aos “catequistas” e à comunidade para o discernimento;

- n. 17-19: etapa do catecumenato que implica a catequese, oração e, obviamente, mudança de vida;

- n. 20: preparação próxima ao batismo que implica em um informe completo sobre a mudança de vida do candidato, a eleição para o batismo, o exorcismo e o jejum;

- n. 21: ritos de iniciação: batismo, confirmação e eucaristia;

- n. 21: mistagogia ou experiência comunitária.

Essa segunda parte do texto (n. 15-21) descreve o itinerário pelo qual se entra a fazer parte da comunidade cristã. Esse itinerário, em resumo, prevê três fases: um longo período de preparação ou catecumenato, ao qual se é admitido, após um severo exame; um tempo mais breve, ou tempo de eleição, ao qual se acede após um segundo exame de vida; uma celebração completa, mas unitária, graças à qual se entra no número dos “iluminados” (CASPERI, 2009, p. 100).

Nota-se que nessa obra está bem claro a presença dos três sacramentos da iniciação cristã, diferentemente da *Didaqué* a qual evidencia somente o Batismo e a Eucaristia.

O que se presume, portanto, é que o elemento mais determinante na configuração da iniciação cristã primitiva era a catequese. Ela aparece desde o princípio como uma constante mais ou menos institucionalizada. Em seu conjunto, a *Tradição apostólica* de Hipólito juntamente com outras testemunhas, revelam a duração, as etapas, os ritos, a relação com a comunidade e os conteúdos catequéticos, bem como os diversos ministérios presentes e inerentes ao processo iniciático daquela época.

3.1 Pré-catecumenato na *Didaqué*

Esse tempo, colocado na segunda parte da *Tradição Apostólica*, apresenta regras bem claras sobre a aceitação de uma pessoa no instituto do Catecumenato daquele período. Aqueles que se despertaram pela primeira vez para a escuta do Evangelho devem seguir o seguinte itinerário. Eis o texto.

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo; se algum deles for escravo... (TA 15).

Interpreta-se, portanto, neste texto, que os cristãos, têm a função de acompanhar os recém-chegados e levá-los até a presença dos “catequistas”². Aqui já

² Ministro, mestres, doutores, catequistas, introdutores, padrinhos. É assim que esses termos aparecem nas mais variadas traduções da *Tradição Apostólicas*. Embora a palavra “catequista” se mostre mais expressivo, não está presente na *Tradição Apostólica*. Nesse caso, segue-se a tradução da obra: HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma. Tradução de Maria da Glória Novak; Introdução de Maucyr Gibin. Petrópolis: Vozes, 2004 que coloca “catequistas” como melhor opção.

aparece bem delineada a figura dos “padrinhos” que, além de acompanhar esses candidatos, darão garantia da capacidade deles de escuta da Palavra. Os catequistas que poderão ser presbíteros, diáconos ou leigos dedicados ao ensinamento, recebem-nos e cuidam da formação desses candidatos por todo o tempo do catecumenato.

É importante saber que existia naquela época um interrogatório para a admissão dos candidatos na “ordem dos catecúmenos” e que geralmente acontecia no domingo. A evidência do domingo está presente na segunda parte da *Tradição Apostólica* quando diz o seguinte: “antes da entrada do povo, sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé” (TA 15). “Presumivelmente, essa expressão diz respeito à reunião para a celebração eucarística dominical” (CASPANI, 2013, p. 102).

Ainda na segunda parte da *Tradição Apostólica*, existiam regras bem severas para que uma pessoa fosse admitida à instituição do Catecumenato. Num primeiro momento, investigava-se o desejo de aproximação da fé da Igreja. Num segundo momento, se a pessoa era casada, se era escrava. Tudo isso por conta da gravidade e das exigências da vida cristã.

Se um homem tem mulher, se uma mulher tem marido, sejam ensinados a contentar-se – o homem com a mulher e a mulher com o marido. Se, porém, um homem não vive com a mulher, seja ensinado a não fornicar, mas a tomar uma mulher segundo a Lei – ou permanecer como está... (TA 118).

Seguindo o questionário, os que tinham anseio de serem cristãos respondiam sobre sua profissão. Por certo, segundo Caspani, havia profissões na época que não eram condizentes com a vida cristã por levar as pessoas à idolatria, ao homicídio ou à impureza (CASPANI, 20013, p. 102). Após passarem por esse exame e todas as exigências, estavam prontas para o ingresso no tempo do catecumenato.

3.1.1 O tempo do catecumenato na Didaqué

O tempo do catecumenato tinha duração de três anos. Se o candidato, contudo, demonstrasse zelo pela Igreja, pela comunidade e pelo itinerário proposto, esse tempo poderia ser reduzido. Não era uma prática engessada, mas flexível: “Ouçam os

catecúmenos a Palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considera o tempo: somente seu caráter – nada mais – será julgado” (TA 17-19).

3.1.2 O tempo da eleição na Didaqué

Ocorrido o pré-catecumenato, chega-se a uma segunda fase, o tempo do catecumenato. É o período de instrução. Nesse momento, é oferecida a catequese. Finalizada essa segunda fase, entra-se na terceira, à qual denomina-se eleição. No tempo da eleição, são escolhidos aqueles que irão receber o sacramento do Batismo. Para tanto, mais uma vez suas vidas são examinadas. Se antes se investigava o estado civil, se eram escravos, sua profissão, agora, examina-se a vivência correta do tempo do catecumenato: “Se honraram as viúvas, se visitaram os doentes, se praticaram boas obras. Se aqueles que os apresentam testemunham que eles se comportaram dessa forma, então escutem o Evangelho” (TA 20).

3.1.3 O Batismo na Didaqué

Segundo a *Tradição Apostólica*, o batismo era realizado por imersão em água corrente ou em água que caísse do alto. Na falta delas, em caso de necessidade, usava-se a água que fosse encontrada. Ao cantar do galo, realizava-se o rito. Por três vezes, os batizados eram mergulhados na água. Simultaneamente por três vezes, eles professavam sua fé. Essa profissão de fé acontecia em forma de diálogo com aqueles que no momento, estavam batizando. Em primeiro lugar o bispo, depois o presbítero e, em seguida, o diácono. Três perguntas se faziam sobre a fé: se acreditavam em Deus, em Jesus e no Espírito Santo. Essas perguntas ofereciam quase que um texto completo do símbolo dos apóstolos. Depois de terem sido batizados, os neófitos eram ungidos com o óleo de ação de graças. Eram enxugados. Vestiam suas roupas. Entravam na Igreja (TA 21).

3.1.4 A Confirmação na Didaqué

Logo em seguida ao momento do batismo, dentro da Igreja, acontecia o momento da Confirmação. O bispo impunha as mãos sobre os neófitos e recitava a seguinte invocação:

“Senhor Deus, que os fizeste dignos de obter o perdão dos pecados mediante o banho da regeneração e do Espírito Santo, infunde neles a tua graça, para que te sirvam segundo a tua vontade, porque a ti é a glória, ao Pai e ao Filho com o Espírito Santo na santa Igreja, agora e nos séculos dos séculos. Amém” (TA 21).

Em seguida, de acordo com a *Tradição Apostólica*, o bispo derramava óleo na mão e colocava sobre as cabeças dos que tinham sido batizados, dizendo: “Eu te unjo com o óleo santo, no Senhor Pai Onipotente e em Jesus Cristo e no Espírito Santo”. Marcava-os na fronte com o sinal da cruz e lhes oferecia o beijo da paz. Ao dizer “o Senhor esteja contigo”, os crismados respondiam: “e com teu espírito” (TA 21).

3.1.5 A Eucaristia na Didaqué

A descrição da *Tradição Apostólica* conclui-se, apresentando a celebração eucarística, na qual os crismados tomam parte pela primeira vez, aproximando-se, também pela primeira vez, da Eucaristia (CASPERI, 2013, p. 108).

Assim se proceda com cada um. A seguir, rezem junto com todo o povo – não rezando com os fiéis enquanto não tiverem alcançado tudo isso. - Após a oração, ofereçam o ósculo da paz. Os diáconos ofereçam então a oblação ao bispo, dê este graças sobre o pão, para representação do Corpo de Cristo, e sobre o cálice de vinho preparado, para imagem do Sangue do que foi derramado por amor de todos os que creem nele; igualmente sobre o leite e o mel misturados, para lembrar a plenitude da promessa feita aos antepassados; nessa promessa, anunciou Deus a “terra de onde fluem o leite e o mel”; e por ela, deu Cristo a sua Carne, de que, assim como crianças, se alimentam os que creem, tornando doce a amargura do coração pela suavidade da Palavra. Dê o bispo, igualmente, graças sobre a água em oblação, como representação do Batismo, para que o homem interior, que é alma, obtenha os mesmos dons do corpo. Todos esses fatos explique-os o bispo aos que recebem. Partindo o pão, diga, distribuindo os pedaços: O Pão Celestial em Jesus Cristo. E o que recebe responde: Amém. [...] Provem do cálice os que recebem, dizendo três vezes aquele que dá: Em Deus Pai Onipotente. Responda o que recebe: Amém. – E em Nosso Senhor Jesus Cristo. – Amém. – E no Espírito Santo e na santa Igreja. E responda: Amém. Assim se proceda com cada um. Após a cerimônia apressem-se a praticar o

bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade (TA 21).

4 O testemunho de Tertuliano

Tertuliano é o primeiro escritor cristão latino (CASPERI, 2013, p. 110). Esse grande teólogo, filósofo e apologista “nasceu cerca do ano 160, em Cartago, norte da África (ZILLES, 1975, p. 7). Documentou a prática da iniciação cristã de sua época e desenvolveu a doutrina sobre o batismo, em seu tratado *De Baptismo* entre os anos 198 e 200. “É uma apologia contra o dualismo maniqueu, um tratado doutrinal e uma explicação ritual da Iniciação Cristã (BOROBIO, 2009, p. 76).

4.1 O Batismo em Tertuliano

Para Tertuliano, o Batismo é o “selo da fé”, de uma fé que previamente em cada um deve ser despertada e aprofundada. A iniciação deve ser concebida como uma mesma e única entrada em uma mesma e única fé, porém através de etapas sucessivas.

“Em relação com a fé, o caminho catecumenal se expressa por estes três verbos: aceder à fé, entrar para a fé, selar a fé” (*Accedere, ingredi, obsignare*) (*De idolatria* 9,11;243). O batismo se realiza de maneira progressiva, desde o inicial temor de Deus até a experiência sacramental de Deus, através de uma fé consciente e penitente. “É o que se ensina, até o ano 200, aos catecúmenos de Cartago cuja lentidão em concluir sua conversão procede a partir de uma confiança temerária proveniente do Batismo” (DUJARIER, 2003, p. 8).

4.1.1 Catecumenato e Batismo: a prática

O ritual completo da iniciação cristã pode ser reconstruído recolhendo as indicações esparsas nos diversos escritos de Tertuliano” (CASPERI, 2013, p. 110). Ele compreende quatro tempos: o pré-catecumenato ou etapa de evangelização; o catecumenato ou etapa de catequese de iniciação; a última preparação pascal ou etapa quaresmal, tempo de purificação e iluminação e, por fim, a mistagogia ou etapa pascal, pós-sacramental.

O catecumenato que brota de tais documentos está ainda em busca de uma fisionomia precisa e, por alguns aspectos, as suas estruturas estão, ainda, *in fieri*. É assim, antes de tudo, no que diz respeito à duração, que varia conforme a pessoa. Ainda indeterminada, resulta também a fase da preparação imediata ao Batismo, cuja existência, de qualquer modo, é bastante certa: se todo catecumenato é “um tempo de penitência, de prova e de temor” (*De paenitentia* 6,8), isto vale com maior razão, para os dias que precedem imediatamente o batismo. Os catecúmenos devem demonstrar ter-se desembaraçado de seus maus hábitos (CASPERI, 2013, p. 110).

O Batismo, “banho de regeneração”, é o selo da fé que começa sempre pela penitência e é recomendada por ela. Nesse sentido, o ser humano não é lavado para deixar de pecar, mas porque já deixou antes o pecado. Antes mesmo do batismo, o ser humano já foi lavado em seu coração pelo itinerário catecumenal. O coração humano foi lavado anteriormente, esse é o primeiro batismo do catecúmeno. Ele teme a Deus porque sabe que Ele existe, o percebeu antes. Sua fé é genuína e sua consciência fez com que ele abraçasse a penitência de uma vez por todas (*De paenitentia* 6, 16-17).

Sendo assim, os que irão receber os sacramentos, os chamados catecúmenos, intensificam cada vez mais as orações, as preces, fazem jejuns, intensificam as vigílias e as prostrações, confessam de maneira pública todos os seus pecados. Embora ainda não apareça o termo instrução doutrinal, sabe-se que todo o catecumenato, no seu período anterior à preparação próxima, tivesse um tempo longo de evangelização, de instrução doutrinal e de conhecimentos referente aos arcanos da fé.

A *Tradição Apostólica* coloca a celebração batismal no quadro de uma vigília dominical, porém Tertuliano prefere colocar a Páscoa como dia próprio para a celebração do sacramento do Batismo, embora, não exclua que outras datas também são legítimas para a celebração do sacramento.

O dia mais solene para o batismo é por excelência o dia da Páscoa, em que é consumada a paixão do Senhor, na qual somos batizados. [...] Em segundo lugar, o tempo antes de Pentecostes é o tempo mais favorável para conferir o batismo. Este é o tempo em que o Senhor ressuscitado aparece muitas vezes aos discípulos, o tempo em que lhes foi comunicada a graça do Espírito Santo e se lhes deixou entrever a esperança da volta do Senhor. [...] De resto, todo o dia é dia do Senhor. Cada hora, cada tempo pode ser conveniente para o batismo. Isso só diz respeito à cerimônia, mas não muda nada na graça (*De baptismo* 19, 1-3).

Em Tertuliano, o ritual é bastante complexo. Em primeiro lugar, acontece a bênção da água (*De baptismo*); depois a renúncia a Satanás pelo candidato (*De spectaculis 4,1*); em seguida, a fórmula batismal. São feitas três perguntas sobre a fé, às quais deve-se obter três respostas da pessoa que está sendo batizada. As perguntas estão voltadas a uma das divinas pessoas sendo que a última se refere à Igreja. Em relação ao acontecimento propriamente dito do Batismo, ou seja, o gesto batismal, Tertuliano leva a imaginar que era feito por imersão completa, a não ser em casos particulares quando seria por efusão.

4.1.2 A Confirmação em Tertuliano

São três os ritos pós-batismais que seguem nesta ordem: unção, *signatio* e imposição das mãos. A unção com o óleo abençoado que escorre sobre todo o corpo é amplamente atestada e dá ao cristão o seu nome, como a Cristo: os nomes “Cristo” e “cristão”, com efeito, referem-se ao termo “crisma”, com a qual se designa a unção (CASPANI, 2013, p. 113).

As fases da celebração batismal segundo Tertuliano, espiritualmente falando, são as seguintes: a carne é lavada, a alma, portanto, fica purificada; a carne é assinalada e assim a alma recebe proteção; a carne é assombreada pela imposição da mão para que a alma fique cheia de luz; a carne se alimenta do corpo e sangue de Cristo, e assim sendo a alma também se preenche de Deus (*De resurrectione mortuorum 8,3*).

4.1.3 A Eucaristia em Tertuliano

A celebração batismal, o momento crismal, encontram, pois, como próprio ponto de chegada a participação no banquete eucarístico por parte do neófito. Nesse banquete, além do pão e do vinho, identificados como o corpo e o sangue de Cristo, são oferecidos também leite e mel.

4.1.4 A obra *De baptismo* de Tertuliano

“O “*De baptismo*” é um dos escritos dogmáticos-polêmicos do tempo em que Tertuliano era católico, isto é, foi escrito entre os anos 200-205. É a primeira monografia sobre o batismo cristão que se conhece” (ZILLES, 1975. p.9). Este livro foi escrito em resposta à heresia dos “cainitas”³. Segundo Tertuliano, esse grupo recusava o batismo. Justificavam que a água era má, enquanto criatura do demiurgo, sendo assim, não possibilitava a purificação do pecado e nem tampouco alcançar a vida eterna.

Tertuliano, por sua vez, desenvolve um eloquente louvor à água, descrevendo de forma otimista a função privilegiada da água, retratando os acontecimentos da origem como prefiguração das águas batismais:

...como os seres viventes surgiram das águas primordiais fecundadas pelo Espírito de Deus, assim as águas do Batismo, fecundadas pelo Espírito Santo, invocado sobre elas, tornam-se elas próprias santificantes, assim também “o espírito [do homem] é lavado na água por meio do corpo e a carne é purificada por meio do espírito” (4,5) ... (CASPERANI, 2013, p. 114)

Para Tertuliano, o homem que perdeu o espírito de Deus por conta do pecado, o reencontra pelo Batismo. Por este sacramento o homem é restituído a Deus, à sua semelhança (Gn 1, 26). Por ele recebe outra vez aquele Espírito de Deus, que outrora recebera pelo sopro, mas depois perdera pelo pecado (Gn 2, 7) (cf. *De baptismo* 5, 7).

Sob esse ponto de vista, como muitos responsáveis eclesiásticos de seu tempo, o mestre de Cartago tem a preocupação de submeter ao Batismo somente candidatos solícitos em romper todo o liame do pecado. Ele recorda que o Batismo pressupõe a purificação do coração. Para isso há necessidade de consciência de fé e de uma fé pura. Arrependimento sincero. Esforço moral.

Os catecúmenos para Tertuliano devem desejar o Batismo com seriedade. Trilhar o caminho de preparação com sinceridade. Não queiram se aproximar de Cristo sem saber o que Ele exige. Se houver dúvida manifesta do candidato em relação ao

³ Os “cainitas” ocupavam um lugar bastante obscuro entres as seitas gnósticas do século II. Receberam esse nome porque quiseram reabilitar certas figuras abomináveis do Antigo Testamento, como Caim. Parece que levaram a oposição entre Deus criador e redentor, entre corpo e alma, ao absurdo. Sentiam-se perseguidos injustamente pelo Deus Criador (ZILLES, 1975, p. 9).

sacramento, então é melhor que seja deferido. “Se compreende a importância do batismo, temer-se-á mais o recebimento que a protelação” (*De baptismo*, 18, 6).

Tertuliano nesse quadro tem uma posição extremamente reservada com relação ao Batismo das crianças (CASPANI, 20013, p. 118). Ressaltava que devido à fraqueza humana e possíveis intervenções de temperamentos malvados, havia o risco de tais crianças ao atingirem a idade adulta, traírem o seu empenho batismal.

Tertuliano diz que as crianças podem vir ao seu encontro, mas somente quando tiverem em idade que possibilite a instrução, mais crescidinhos, é que devem ser batizadas. Pois, precisam conhecer aquilo para o qual vêm. Podem tornar-se cristãos quando tiverem condições de descobrir a Cristo (cf. *De baptismo*, 18, 4-5). b

5 Cipriano: controvérsia sobre o batismo

Na Igreja africana dessa época, uma figura significativa aparece com o nome de Cipriano. Sua colaboração está justamente no valor que ele deu ao batismo dos hereges e ao batismo das crianças (BOROBIO, 2009, p. 76). Esse personagem da Igreja foi profundamente influenciado pela doutrina de Tertuliano, embora não ignorasse a perspectiva paulina do Batismo como morte e ressurreição com Cristo.

Ele privilegiava o enfoque de João que afirma que o batismo é um segundo nascimento. Além de aprofundar um pouco mais a reflexão de Tertuliano sobre a função decisiva da água batismal, melhora a distinção do banho batismal, do rito da imposição das mãos, ao qual aparece ligado o dom do Espírito Santo (CASPANI, 20013, p. 119).

Uma pequena história ajuda a entender essa a figura de Cipriano. Por volta dos anos 220, houve um Concílio na África presidido pelo então bispo de Cartago, Agripino. Esse bispo declarou que os que fossem procurar a Igreja Católica procedentes da heresia, deveriam ser batizados. De maneira análoga, essa prática se difunde também na Ásia menor. Em Roma, no entanto, os que tinham recebido o batismo de uma seita herética podiam ser aceitos na Igreja Católica. Bastava apenas a imposição das mãos. Ora, essa prática valia apenas para os penitentes e não para acolher pessoas na Igreja. Essas deveriam ser batizadas (CASPANI, p. 20).

Essa prática de acolher os heréticos somente com a imposição da mão perdurou até meados do século III quando estoura o conflito entre Cipriano – agora

bispo de Cartago – e Estêvão Bispo de Roma. Em 225, uma pessoa por nome Magno que possivelmente fora um bispo africano, dirigiu-se a Cipriano perguntando-lhe se os hereges que provinham da seita de Novaciano deveriam receber o batismo e serem santificados na Igreja Católica. Cipriano, segundo sua obra *De catholicae Ecclesiae unitate*, reafirma que existe somente uma Igreja que é a Igreja Católica e somente ela tem o poder de batizar. “Se, pois, todos na Igreja estão de acordo sobre o fato de os heréticos não possuírem o Espírito Santo, deve-se admitir que eles não podem nem mesmo batizar e conceder a remissão dos pecados” (CASPERI, 2013, p. 120).

Na primavera do ano de 256, aconteceu um sínodo em Cartago para tratar desse tema. As conclusões foram enviadas por Cipriano a Estêvão, bispo de Roma. Estêvão responde ao sínodo acentuando a tradicional prática da Igreja Romana que acolhia os hereges convertidos apenas com a imposição da mão. Ele não concordava em introduzir novidade naquilo que era já era tradição. Ou seja, a de não conferir um novo Batismo a um herege convertido.

A controvérsia entre Cipriano e o Papa Estêvão só termina com a morte dos dois, o primeiro em 14 de setembro de 258 e o segundo em 257.

Os sucessores, em um primeiro tempo, deixaram esfriar a controvérsia, cada um tolerando a praxe do outro; é evidente, contudo, que o problema não pode ser considerado resolvido. No Ocidente, após uma primeira aproximação no sínodo de Arles de 314, será a reflexão de Agostinho a oferecer uma clarificação definitiva, em conformidade com a praxe romana (CASPERI, 2013, p. 122).

6 A catequese de iniciação cristã de caráter catecumenal e a formação de catequistas

Embora se tenha aludido de forma bem resumida a Didaqué, Justino, Tertuliano e Cipriano, tendo deixado a parte Irineu de Lion e Orígenes entre outros, percebe-se que os textos e os personagens forneceram muitas indicações sobre a história do catecumenato que são importantes para a formação de catequistas da iniciação cristã. Sabe-se que, devido à complexidade do processo que configurou esse instituto, seu entendimento total ainda está incompleto em grande parte, cabendo talvez um maior aprofundamento na história a fim de que se possa completar um pouco mais o que foi exposto até aqui.

Do que foi visto fica certo, no entanto, que nos primeiros séculos da Igreja Católica, o sacramento do Batismo era administrado ordinariamente para pessoas adultas que viviam um tempo de preparação significativamente longo em vista da necessidade de um acompanhamento criterioso que oportunizasse a verificação e a seriedade do candidato criando condições para que esse pudesse ser inserido verdadeiramente na vida cristã.

Para a recepção do Batismo, eram decisivas a renúncia ao pecado, fazer um caminho concreto de penitência, ter conhecimento suficiente das coisas de Deus e da Igreja e ter convicção da regra da fé.

Configura-se, assim, o instituto do catecumenato, o qual, ainda que em forma não institucionalmente determinada, começa a delinear-se em Roma pelo ano 180, para estruturar-se em forma articulada no decorrer do século III (CASPERI, 2013, p. 123).

6.1 A natureza do catecúmeno, sua relação com a formação de catequistas da iniciação cristã e a comunidade eclesial

A condição do catecúmeno - interpretada a partir da sua relação com a Igreja naquela época - era a seguinte: não tendo ainda recebido o Batismo, ele era excluído da Eucaristia e da plena pertença à comunidade de fé (CASPERI, 2013, p. 124).

Não era uma condenação ou recusa, mas um tempo favorável, uma reserva temporária. Entendia-se que esse catecúmeno - que ainda estava em fase do cumprimento do itinerário de preparação para os sacramentos da iniciação cristã pela catequese de iniciação cristã, conseqüentemente pelos catequistas dessa iniciação - deveria se reservar de participar de algumas atividades dos fiéis, por exemplo, do rito da Eucaristia e do beijo da paz.

A distinção entre o catecúmeno e o batizado era interpretada deste modo: “O catecúmeno já é cristão, mas somente o batizado é um fiel. Pertence a Igreja de modo pleno e definitivo” (CASPERI, 2013, p. 124). Por isso, os catecúmenos eram convidados a sair da assembleia após a liturgia da Palavra.

Sobre essa questão na Igreja, atualmente o Decreto *Ad gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, definiu o que segue a respeito dos catecúmenos: “Que se defina com clareza, no novo Código de Direito Canônico, o lugar que ocupam os catecúmenos: já pertencem à Igreja, à família de Cristo e, na maioria das vezes, vivem desde já, segundo a fé, a esperança e a caridade” (AG 14). A Constituição dogmática

Lumen Gentium fundamenta essa máxima da AG quando diz o seguinte: “Os catecúmenos que, graças ao Espírito Santo, desejam profundamente entrar na Igreja, já estão ligados a ela por esse mesmo desejo. A Igreja já os trata como mãe, dedicando-lhes todo amor e atenção (LG 14).

6.1.2 O rosto da comunidade que estava em pauta

O catecumenato, como está sendo visto, foi organizado a partir de algumas exigências que são colocadas para aqueles que desejam ser cristãos, sejam elas moral ou ética. Nota-se que havia uma tendência até mesmo a uma severidade em relação ao projeto da Igreja de fazer cristãos.

O rigor que qualifica o itinerário catecumenal é motivado pela situação da Igreja que normalmente “Está presente com pequenas comunidades dispersas em um território cujo horizonte socioreligioso está ligado a formas de religiosidade politeísta” (GIRARDI, 2000, p. 118). Sob os aspectos sociopolíticos, “ao cristão não é ainda reconhecido o direito de cidadania (CASPERI, 2013, p. 125).

Em relação a esse fato, a Igreja consolida a consciência de si mesma como comunidade escatológica, lugar do Espírito, do qual recebe a nota característica da santidade. É a igreja dos mártires, em conflito com o Estado, e o mundo pagão. Ser batizado, portanto, significa entrar para a comunidade dos eleitos, dos santos (GIRARDI, 2000, p. 47).

É evidente que essas coisas englobam um afastamento com radicalidade da forma de pensar e da forma de viver da sociedade circunstancialmente citada. Sobre a atitude e o rigor que conotam claramente “a praxe desses primeiros séculos pode ter influído também a exigência de enfrentar as crises provocadas por cismas e heresias” (CASPERI, 2013, p. 125).

6.1.3 O caminho da iniciação cristã e o momento do sacramento

Como se vê, a Iniciação Cristã que está sendo contemplada nesta pesquisa tem como método o catecumenato da Igreja primitiva, tempo ordinariamente longo para a formação de um cristão. A título de atualidade, “O Catecismo da Igreja Católica, confirmando a tradição, afirma que tornar-se cristão é algo que se realiza desde os

tempos dos apóstolos por um itinerário e uma iniciação que passam por várias etapas” (FRANCISCO, 2004, p. 11).

Este itinerário pode ser percorrido célere ou lentamente. Deverá sempre comportar alguns elementos essenciais: o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho acarretando uma conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística (CIC 1229).

Segundo Caspani (2013, p. 126), "A insistência sobre a seriedade do itinerário catecumenal não devia, naquele tempo, conduzir a conceber o Batismo como ratificação extrínseca de um caminho fundamentalmente confiado ao esforço ascético e moral do candidato."

Como afirma Girardi (2000, p. 48), "ao contrário, pode-se considerar que seja justamente o alto conhecimento na participação do dom divino mediante o sacramento que conduz a sublinhar a responsabilidade do homem e, portanto, o empenho da conversão". Sobre esse ponto, portanto, não está sendo colocado concorrência entre fé e sacramento, mas sim, deve-se verificar o empenho do homem e a força de Deus que nele chega, pelos sacramentos.

A *Tradição Apostólica*, como se viu, traz em seu conteúdo a fundamentação dessa perspectiva, ou seja, de que é justamente o momento sacramental que dá forma, estrutura e sentido ao caminho de conversão colocado em ato no âmbito do catecumenato. O elemento de conexão entre o catecumenato e o Batismo é representado pela profissão de fé batismal que entra a constituir o núcleo central do rito. De fato, "Por meio da profissão batismal, todo o catecumenato se insere no Batismo, e sendo a profissão de fé elemento essencial deste sacramento, também o catecumenato se torna uma parte dele" (RATZINGER, 1976, p. 22-39).

6.1.4 A celebração dos sacramentos da iniciação cristã naquele período

Segundo Caspani (2013, p. 126), "Os testemunhos do século II documentam um rito batismal muito simples, centrado no gesto da água, sem ligação com eventuais gestos pós-batismais ou com a celebração eucarística. No entanto, por si mesmo, o silêncio das fontes não permite excluir, com absoluta certeza, tais ligações. Em contrapartida, a relação do Batismo com a Eucaristia é reservada exclusivamente aos batizados."

Como visto, Justino foi o primeiro que documentou a participação na mesa da eucaristia dentro do quadro da liturgia batismal. Um itinerário litúrgico melhor articulado surge, no entanto, nos documentos do século III. Neles, a celebração litúrgica da iniciação cristã, com a qual se conclui o itinerário catecumenal, configura-se com um único complexo ritual fortemente unitário, estruturado em momentos distintos, mas normalmente inseparáveis, que costumeiramente as fontes litúrgicas e patrísticas designam com um único termo: batismo (CASPERI, 2013, p. 26).

Nesse período, acontece já um desenrolar ritual bem delineado: a água pode ser corrente, cair do alto, ou em caso necessidade, a que se encontrar (*Didaqué*); o banho é por imersão, com o emprego da fórmula trinitária (*Didaqué e Justino*); é explicitada a renúncia a Satanás e a adesão a Cristo; é explicada a fórmula do banho na água: submergindo o batizando três vezes, sendo que a cada vez se confessa a fé na Trindade (*Tradição apostólica*); utiliza-se a unção, a imposição das mãos (*signatio*) (*Tertuliano e Tradição Apostólica*)... Em resumo, já havia nessa época um importante desenrolar dos ritos de iniciação que depois terá sua continuidade ao longo da tradição da Igreja (BOROBIO, 2009, p. 81).

A presidência de toda a celebração estava confiada, normalmente ao bispo, auxiliado por presbíteros e diáconos. Tendo como ponto de partida o momento propriamente batismal, os gestos litúrgicos sucedem sem ruptura de continuidade, até a celebração eucarística, durante a qual o neófito se aproxima, pela primeira vez, da comunhão. Nesse momento, ele consagra sua integração na comunidade cristã (cf. CASPERI, 2009, p. 127). Como se vê, essa celebração dentro da comunidade cristã tem como ápice, a Eucaristia, que fundamenta suas raízes nos apóstolos, os primeiros a serem convidados por Jesus, a fazerem sempre Seu memorial.

Quanto aos ritos crismais, a *Tradição Apostólica* fala da imposição da mão, da unção e da *signatio*: ainda que em ordem diversa, esses três gestos são documentados também por Tertuliano e Cipriano. Com relação ao dado escriturístico, é inegável um processo de desenvolvimento, não sem uma substancial continuidade, com os testemunhos neotestamentários que fazem referência a uma imposição das mãos pós-batimal (CASPERI, 2013, p. 127).

6.1.5 O significado geral e teológico da celebração dos sacramentos da iniciação cristã

A prática realça a dimensão eclesial, ou seja, receber o batismo significa ser incorporado à Igreja e, nesse sentido, ter acesso à salvação. Para o acolhimento da

salvação, precisa antes ser acolhido pela Igreja que é chamada: a comunidade escatológica do Senhor à qual é transmitido o Espírito Santo, promotor da santificação interna daquele que recebe o batismo.

Com efeito, juntamente com a remissão dos pecados, unanimemente reconhecida como o efeito primário do Batismo, é dado amplo espaço ao tema da santificação, que é descrita com diversas imagens: a regeneração, a iluminação, a filiação, a semente de imortalidade etc. Nessa fase, não existe a preocupação para estabelecer com precisão uma relação entre cada rito e os diversos efeitos da celebração: é através de todo o complexo ritual que o catecúmeno se torna fiel, é regenerado mediante o perdão dos pecados, é agregado à Igreja e recebe o dom do Espírito Santo (CASPERI, 2013, p. 128).

Outros aspectos que se somam a essa teologia são: o primeiro deles é justamente o desenvolvimento de uma cristologia pascal que explica o mistério propriamente dito do Batismo. Por ele se participa de uma vida nova. Novo nascimento. Atualiza-se por ele a morte e a ressurreição de Jesus na vida da pessoa que o recebe. O segundo é o desenvolvimento da essência da fé, do símbolo da fé. Essa fé que leva a pessoa a mudar de vida. Por fim, terceiro aspecto é a incorporação do crente à comunidade como foi mencionado no início.

6.1.6 A essência do ápice crismal

Logo que o Batismo era realizado, se cumpriam alguns ritos que complementavam e explicitavam o seu significado. Significam de forma especial o dom do Espírito Santo que depois de algum tempo foi chamado de “confirmação”: imposição das mãos, unção com o Crisma, sinal da cruz e, por último, os pés são lavados.

É necessário lembrar que naquela época havia uma diversidade de Igrejas e tradições. Sem entrar em pormenores, pode-se citar para o Ocidente, a África, Milão e Roma. Ambas viviam, no entanto, em certa unidade na maneira de conferir os “sacramentos” levando a cabo um idêntico sentido teológico-batistal.

Tendo como pano de fundo tal perspectiva unitária, é preciso enfrentar a questão do valor que se deve atribuir aos ritos qualificados como “crismais”. A quem se interrogasse, nesse período, se pudesse falar de um sacramento autônomo, distinto do Batismo, deve-se notar ser impossível responder a uma pergunta colocada

nesses termos: nesses séculos, com efeito, o conceito de sacramento não foi ainda formalizado nos termos que a pergunta pressupõe, nem se preocupa com a número deles distinguindo-os com rigor.

É verdade que autores como Tertuliano e Cipriano parecem acenar de modo específico ao momento “confirmatório” do dom do Espírito Santo. Seria, contudo, anacrônico atribuir-lhes a consciência de uma distinção sacramental entre os diversos ritos que constituem a iniciação cristã.

Deve-se reconhecer, de outro lado, que os ritos colocados entre o momento batismal em sentido estrito e a celebração eucarística são o núcleo ao redor do qual se desenvolverá a liturgia da Confirmação. Progressivamente, ao menos no Ocidente, esse núcleo ritual se distinguirá do Batismo e assumirá um peso autônomo; e em correspondência a isso amadurecerá na Igreja a consciência do valor sacramental desse momento celebrativo. A tomada de consciência do valor da Confirmação como sacramento “autônomo” com relação ao Batismo, está, pois, ligada a dois fatores: a separação dos ritos crismais do Batismo que se determina no Ocidente exigindo que se encontre um significado específico para este momento; o surgimento, com a escolástica, de um momento formalizado de sacramento, que será referido tanto ao Batismo quanto à Confirmação (CASPANI, 2013, p. 129).

6.1.7 A sincronia de dois modelos celebrativos

Na Igreja, dentro do processo iniciático de uma pessoa, existem duas formas de celebrar o sacramento do Batismo: a primeira segue o curso normal para os que gozam de plena saúde e, nesse caso, é oferecida uma caminhada significativa por um itinerário bem determinado, sendo que, no final, é realizada a modalidade ordinária da celebração do Batismo. A segunda forma prevê a administração do Sagrado Sacramento para os que se encontram em perigo de morte, através de uma forma abreviada que se pode chamar de batismo clínico. Como existem dois rituais, o de adulto e o de criança, cada um traz suas peculiaridades. A explicação plausível, no entanto, para essa questão é trazida por Caspani (2013, p. 129-130) da seguinte forma:

O Batismo “clínico” (do grego Kliné, “leito”) –, utilizada quando um candidato está seriamente doente ou, mais ainda, se encontra em perigo de morte: neste caso, um presbítero ou diácono, ou um simples cristão, batiza o doente (obviamente, por infusão) e, eventualmente, dá-lhe a comunhão; se o doente recupera a saúde, o bispo completará o rito mediante os gestos que competem especificamente a ele.

6.1.8 O Sacramento do Batismo dos infantes

“O fato de, nos primeiros três séculos, grande parte dos candidatos ao Batismo ser constituída por adultos não significa que a Igreja antiga se desinteressasse das crianças” (CASPANI, 2013, p. 130). É certo que na Igreja primitiva havia necessidade de uma catequese antes dos sacramentos e isso talvez fosse um dos elementos mais determinantes que configurava a Iniciação à Vida Cristã. Como se verifica, no entanto, em Tertuliano, Cipriano, na *Tradição Apostólica* e em Orígenes, também nessa época, as crianças eram batizadas, sobretudo aquelas que tinham origem nas famílias cristãs (BORÓBIO, 2009, p. 78).

6.1. 9 A indispensabilidade do sacramento do batismo para se salvar

A Igreja, a partir do dia de Pentecostes, celebra e administra o santo Batismo, seguindo o exemplo dos Apóstolos que ofereceram, naquele tempo, o Batismo para todos aqueles que acreditavam em Jesus Cristo (CIC 1226). O Apóstolo São Paulo, em sua Carta escrita aos Romanos, no capítulo 6, versículos de 3 e 4, afirma que “pelo Batismo o crente comunga da morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com ele” (CIC 1227). O próprio Cristo é quem afirma a necessidade do Batismo para a Salvação: “Se alguém não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino dos céus.” (Jo 3, 5). Deu ordem aos discípulos para que o Evangelho fosse anunciado e para que “batizassem todas as nações” (CIC 1257). Nesse sentido, a Igreja dos primórdios afirma vigorosamente a necessidade do Batismo para a salvação.

Com efeito, o Batismo, necessário para a salvação, é aquele que se realiza com a admissão dos neófitos na mesa eucarística. Objetivamente, o Batismo e a Eucaristia coincidem com a salvação, a ponto de o Batismo ser chamado simplesmente *salus*, enquanto a Eucaristia é chamada *vita*. A necessidade do Batismo e da Eucaristia enraíza-se na mesma necessidade da redenção de Cristo, por eles mediada sacramentalmente: conseqüentemente, quem voluntariamente recusa o Batismo e a Eucaristia condena-se a permanecer no pecado e, portanto, na morte. (CASPANI, 2013, p. 130).

7 A iniciação cristã no século IV e V

A prática da iniciação cristã teve grandes reviravoltas a partir do século IV. Para entender essa questão, é necessário dar uma olhada nas linhas que fundamentam essa nova situação que se pode chamar de socioeclesial. Em seguida, há que se

reconstruir, de certo modo, a história e ou a prática da iniciação cristã da Igreja de Roma para depois trazer à tona um modelo de teologia do batismo, tendo Agostinho como parâmetro do pensamento da época. Por último, se faz necessário pensar numa linha de síntese a título de conclusão da reflexão sobre a iniciação cristã desses séculos.

7.1 A partir do século IV: a questão socioeclesial

A época que a partir de agora será abordada compreende uma imensa riqueza, tanto em relação aos grandes testemunhos como também em relação à teologia, à configuração ritual e à evolução da pastoral. Como se sabe, é impossível recorrer a tudo aquilo que as fontes são capazes de dizer, no entanto o que será exposto é suficiente para uma compreensão razoável do assunto (BOROBIO, 2009, p. 85).

A mudança radical da política e da lei do Império no século IV, no que tange aos confrontos do Cristianismo, foi provocada uma reviravolta decisiva na eclesiologia daquele tempo e, conseqüentemente, no catecumenato da Igreja. No ano 313, houve o chamado Édito de Milão do Imperador Constantino – recém convertido ao cristianismo – que reconheceu aos cristãos o direito de professar com liberdade a fé. Já no ano 392, Teodósio proibiu em todo seu Império, o culto, até mesmo privado, dos deuses pagãos. Dessa forma, o cristianismo assume o lugar da antiga religião pagã e será um instrumento que garantirá a unidade sociopolítica das nações heterogêneas (CASPANI, 2013, p. 132).

A concessão desse favor do imperador, atribuído ao cristianismo, faz com que o povo corra em massa para se inscrever no instituto do catecumenato, porque através dele, se tornaria cristão e usufruiria das benesses que os imperadores, sempre e cada vez mais, largamente, destinavam à Igreja.

Com essa complexa situação, houve uma significativa descaracterização do instituto catecumenal que foi restringido a uma espécie uma área de espera para todos os cristãos que ainda não teriam vivido um processo de conversão exigido pela Igreja.

Progressiva desvalorização da primeira parte do catecumenato (desde a entrada até a “eleição”), devido a várias causas: entrada em massa ou massificação depois da conversão de Constantino; motivações por interesse e debilidades da conversão de muitos; medo das exigências batismais que conduz à indiferença e ao atraso desconsiderado do rito, ou resistência para dar o passo rumo ao batismo (*recrastinantes*), que alguns pediam quando

estavam em perigo de morte, o que chegou a ser uma prática generalizada na Igreja (BOROBIO, 2009, p. 88).

Diante disso, os bispos insistem para que o Batismo não seja adiado e que se crie ações para que se possa renovar o modelo catecumenal, herança dos séculos anteriores. Mesmo não se conseguindo impedir a inscrição em massa para o catecumenato, que pelo menos se distinguisse os catecúmenos chamados vitalícios dos mais recentes, ou seja, dos que desejavam receber o Batismo e aderir a fé cristã, mas não tinham passado pelo processo anterior do catecumenato como era o costume.

Para esses que corriam para o batismo, precocemente, se fazia necessário, portanto, valorizar e estruturar de modo mais preciso o tempo de preparação imediata para a recepção do Sacramento. Esse costume, no entanto, já havia se difundido no seio da Igreja e, a partir do final do século IV, recebe uma terminologia específica para evidenciar os participantes desse processo: na cidade romana são chamados de *electi*; no Ocidente, de *competentes* (*cum petentes*, os que estando em grupo, unidos, juntos, pedem o Sacramento do Batismo); no Oriente, de *méllontesphotízesthai* ou *photizómenoí* (iluminados).

A partir do século IV, se fixa a data para o Batismo, ou seja, agora a Páscoa é o tempo ordinário para conferi-lo aos catecúmenos e sendo assim, vai se configurando naturalmente o início da Quaresma como tempo próprio para a inscrição do nome para os que desejam receber o Batismo. Nesse período, se verifica através de documentações a partir Concílio de Niceia (325) que essa preparação imediata leva consigo além daquilo que lhe é próprio, a questão de se ter que fazer jejum e penitência tornando assim a Quaresma, um tempo de preparação intensivo, um grande retiro espiritual, do qual, participam todos os que irão receber o Batismo na Páscoa e em Pentecostes.

Nesse sentido, tendeu-se reduzir a preparação catecumenal que a Igreja tinha elaborado nos dois séculos anteriores como um período longo e bem definido. Esse tempo passou agora a ser mais curto e intenso mudando, assim, a estrutura originária do catecumenato.

7.1.2 A celebração dos sacramentos: a Quaresma e sua estrutura

Durante os séculos IV – V a preparação catecumenal alcança seu ponto alto e por vezes suas mais sérias dificuldades. Embora sua estrutura, seus elementos, sua duração e conteúdos estejam bem delimitados, aconteceram fenômenos como: entrada em massa depois da conversão de Constantino; motivações interessadas, debilidade da conversão; medo das exigências batismais. Esses acontecimentos levaram a uma evolução importante na sua estrutura originária.

A consequência de tudo isso foi a redução no tempo de preparação catecumenal a um tempo mais curto e intenso, o tempo da Quaresma, também chamado de preparação próxima. Ainda se segue falando de catecumenato, mas cada vez mais ele se parece com o dos séculos II e III.

Outra situação é a concentração de conteúdos e ritos. Dois são os momentos que mais evoluíram. O primeiro é a recepção do candidato que inclui o rito do sinal da cruz, o uso do sal, os exorcismos e a imposição das mãos. O segundo é a etapa da eleição ou iluminação, que consiste na mudança ética da conduta e no conhecimento dos arcanos da fé, que vai acompanhado de exorcismos e escrutínios, da entrega e devolução do Símbolo e do Pai Nosso (BOROBIO, 2009, p. 89).

Durante o tempo a que foi reduzido o catecumenato, se desenrola uma grande atividade na Igreja. As etapas clássicas do processo: conversão, catecúmeno, iluminado e neófitos, são conservadas, mas de forma teórica e prática. De fato, a preparação se reduz ao tempo da Quaresma. Nesse sentido, a preparação durante o tempo Quaresmal, que precede o Batismo, inclui três aspectos complementários: o catequético, o litúrgico e o moral ascético.

A praxe da Igreja romana nos séculos IV e V funcionava dessa maneira: no primeiro domingo da Quaresma, celebrava-se um solene *rito de admissão*. Depois de um prévio exame da conduta moral do candidato, ele era inscrito no catecumenato. Em seguida, fazia-se a primeira catequese relativa aos rudimentos da fé (*rudimenta fidei*⁴), desenvolvem-se os ritos da *exsufflatio*⁵, acompanhada de uma forma de exorcismo, da imposição do sinal da cruz e da imposição do sal. Ao final, os catecúmenos são despedidos com a bênção *post sal dandum*. Agora admitidos, os que, depois de algum tempo, ao menos de nome, eram tidos como *catechumeni*,

⁴ *De catechizandis rudibus* – Santo Agostinho

⁵ Oração de exorcismo sobre o catecúmeno.

entram para o grupo dos denominados *electi* ou *competentes* (CASPANI, 2013, p. 134).

A catequese patrística sobre a iniciação cristã pode agrupar-se em três grandes blocos: as questões doutrinárias tratadas *ex professo* ou, circunstancialmente, como motivos de outros temas de pregação; a explicação dos ritos da iniciação no contexto mesmo de sua celebração (catequeses mistagógicas) e as questões do tipo pastoral as quais os Padres se referem. Entre os testemunhos patrísticos mais importantes devemos recordar Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Paciano de Barcelona, São Gregório Nanzianzeno, São Basílio, São Cirilo de Jerusalém, São João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuestia (BOROBIO, 2009, p. 86).

Em relação ao tempo da Quaresma, durante a semana, os eleitos reúnem-se para uma catequese pré-batismal especial. Nesse tempo são usadas as catequeses pré-batismais de Cirilo de Jerusalém, o número corresponde a um total de dezoito; as de Teodoro de Mopsuéstia, num total de onze; seis de João Crisóstomo e as de Niceta de Ramesiana (CASPANI, 2013, p. 136).

Os chamados escrutínios (*scrutinia*) são realizados sempre aos domingos e seus conteúdos parecem constituídos por formas de exorcismos, sendo assim, no primeiro plano, não se verifica a maturidade do candidato, mas a ação da graça de Deus em seu coração.

O primeiro deles acontece no terceiro domingo da Quaresma e está previsto para esse momento uma série de exorcismos (*esorcismi super electos*), a escuta e a explanação da Palavra de Deus que tem como texto base o Evangelho de João capítulo 4 (sobre o relato da samaritana).

O segundo escrutínio tem seu desenrolar no quarto domingo da Quaresma quando se renova a prece de exorcismo, colocando no centro da catequese desse dia a passagem bíblica de João capítulo 9 (sobre o cego de nascença) e leva a terminologia de Batismo como iluminação.

Por fim, tem-se o terceiro momento, chamado terceiro escrutínio que acontece sempre no quinto domingo da Quaresma, juntamente com as preces de exorcismo e a participação, escuta atenta da Palavra e da sua explicação. O texto é o de João, capítulo 11, sobre Lázaro, em que está prevista a entrega (*traditio symboli*, a *traditio*

*dominicae orationis*⁶) onde, a partir de meados do século VI, entra em vigor uma outra tradição chamada de (*traditio evangeliorum*⁷).

No Sábado Santo, pela manhã, acontece uma celebração que compreende diversos gestos rituais e que é também momento de uma última catequese. Os gestos rituais têm como principais elementos o exorcismo que acompanha a imposição das mãos (*super capita*); o rito chamado *Effeta* (abre-te), que tem valor exorcístico (*tangens aures et aures de sputo*); a recitação do Creio (*redditio symboli*), cujo desenvolvimento é de difícil reconstrução. Sabe-se que na Igreja de Roma esse rito tem um grandioso relevo. A *renuntiatio*, segundo o *Sacramentário gelasiano* acontece sempre no sábado pela manhã e, para esse rito, acompanha uma unção no peito e no dorso.

Junto aos testemunhos patrísticos que foram vistos até agora, podem se somar testemunhos que representam também as fontes litúrgicas como por exemplo “a carta do diácono João a Senário (492) que descreve diversos passos e ritos batismais” (BOROBIO, 2009, p. 86-87). Ela, no entanto, em continuidade com a *Tradição Apostólica*, parece ser contrária a essa proposta, acima descrita.

A carta a Senário, [...] em continuidade com a *Tradição Apostólica*, deixa supor que a renúncia a Satanás, pela deposição dos sapatos e das vestes, forme uma unidade ritual com a imersão batismal: ela deveria ser colocada no quadro da vigília pascal. Essa é a hipótese que melhor espelha a prática romana dos séculos IV e V (CASPANI, 2013, p. 138).

Como já foi visto na *Tradição Apostólica* sobre o rito batismal, ele tem início com bênção da água, compreendendo a tríplice interrogação e a tríplice imersão. Ainda, segundo Caspani, quando o candidato sai da fonte, o presbítero “assinala-o sobre a nuca (ou sobre o crânio) com o crisma (*signatur a praesbitero in cerebro de christmate*)”, acompanhando o gesto com a fórmula declarativa: “Deus onipotente, Pai do Senhor nosso Jesus Cristo, que te regenerou pela água e pelo Espírito Santo e que te concedeu a remissão de todos os pecados, ele mesmo te com o crisma de salvação em Jesus Cristo, nosso Senhor, para a vida eterna.” (CASPANI, 2013, p. 142). Logo depois o *Sacramentário Gelasiano* (GeV 555-590), assinala a intervenção direta do bispo: “*Ab episcopo datur eis Spiritus septiformis. Ad consignandum imponit*

⁶ A *traditio symboli* (símbolo da tradição: é a entrega do creio que devolve com a *radditio* (resposta), isto é, após tê-lo decorado, então o recitam. O mesmo acontece com a oração do Senhor (o Pai Nosso).

⁷ A *traditio evangeliorum* prevê, ao invés, a proclamação dos versículos iniciais de cada Evangelho, seguida da explicação da figura simbólica associada a cada um deles.

eis manum in his verbis". [...] o rito prevê a imposição da mão coletiva sobre os neófitos, acompanhada de uma oração epiclética em forma deprecativa, que faz explícita referência à infusão do Espírito Santo e dos seus sete dons.

Estando na rubrica que introduz a imposição da mão, o bispo executa este gesto *ad consignandum*. Com muita certeza o verbo *consignare* refere-se não somente à imposição da mão e à prece epiclética, mas também aos ritos que imediatamente os seguem: a crismação e o beijo da paz. Sem alguma interrupção, com efeito, após ter imposto a mão, o bispo "signat in fronte de chrismate" cada neófito, dizendo: "Signum Christi in vitam aeternam"; neste gesto, evidentemente, a unção crismal sobre a fronte é difundida com *signatio*. A saudação da paz conclui esta fase ritual (CASPANI, 2013, p. 143).

A iniciação se conclui com a *liturgia eucarística* ("*inde cum laetania ascendit ad sedem suam et decit 'gloria in excelsis Deo'*"); então os que foram batizados tomam parte pela primeira vez na mesa da eucaristia comungando do corpo e do sangue do Senhor.

7.1.3 O testemunho de Etéria

Como foi visto, Cirilo de Jerusalém, com suas catequeses mistagógicas, tratou da liturgia e da catequese no século IV. Somado a ele, houve uma senhora, na segunda metade desse século, por nome de Etéria (entre 381-384), que também abordou o mesmo assunto em uma peregrinação a Jerusalém. Etéria recorda a prática que até então existia em Jerusalém, e de que modo, aos que se inscreviam no catecumenato, eram examinados suas disposições e suas vidas, ao modo da *Tradição Apostólica* (BOROBIO, 2009, p. 90). Etéria descreve a catequese dos que se preparavam para os sacramentos da Iniciação Cristã durante a Quaresma da seguinte forma:

E devo escrever, também, de que maneira se doutrinam os que são batizados pela Páscoa. Pois aquele que dá o seu nome o dá antes do primeiro dia da Quaresma, isto é, antes de se iniciarem as oito semanas nas quais afirmo que aqui se comemora a Quaresma: e o presbítero anota o nome de todos. Tendo o sacerdote anotado, pois, todos os nomes, então, no primeiro dia da Quaresma, isto é, no dia em que têm início as oito semanas, coloca-se a cátedra episcopal no meio da Igreja Maior, quer dizer, no *Martyrium*; sentam-se de um e de outro lado os presbíteros, em cadeiras, permanecendo de pé os clérigos; são, então, chamados, um a um, os competentes: se são homens vêm com padrinho e se são mulheres vêm com a madrinha. O bispo, então, interroga, um a um, os acompanhantes do que entrou, dizendo: "tem este vida virtuosa, e honra os pais, e não é um ébrio ou um impostor?" Interroga acerca de cada um dos vícios que são graves em um homem. E se o *competens* for julgado irrepreensível a respeito de tudo quanto foi perguntado, o bispo, na

presença das testemunhas, registra-lhe, com a própria mão, o nome. Se, porém, é acusado de algo, ordena-lhe que saia, dizendo-lhe que se corrija e, quando se tiver corrigido, que se apresente, então, ao Batismo. Assim interroga, tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres. E se algum deles é estrangeiro, a menos que tenha uma testemunha que o conheça, não conseguirá tão facilmente o Batismo (ETÉRIA 2004, p. 117).

Sendo um objetivo central do catecumenato a instrução nos conteúdos centrais da fé, se explica porque uma grande parte da atividade da Igreja, portanto, era a catequese. É uma catequese feita pelos bispos e pelos presbíteros mais competentes. Comentava-se o essencial das Escrituras – a história da salvação – e era dirigida algumas vezes somente aos “competentes” e outras vezes à comunidade de maneira geral.

O conteúdo dessa catequese era fundamentalmente as Sagradas Escrituras: história da salvação, Símbolo da fé e em alguns casos o Pai Nosso. Para tanto, é Etéria quem descreve com riqueza de detalhes como se dava essa catequese. A autora, não se sabe bem se religiosa ou devota, senhora leiga de elevada cultura, provavelmente oriunda da Galácia, descreve com agudo espírito de observação a Liturgia diária, semanal e anual de Jerusalém naquele tempo (BECKHAUSER, 2004, p. 8), bem como o conteúdo catequético:

[O costume aqui é que durante os quarenta dias da Quaresma, faz-se jejum]. Durante esses quarenta dias de jejum, os que se preparam para o Batismo são, primeiro, exorcizados, de manhã cedo, pelos clérigos – assim que termina o ofício matinal na *Anástasis*. Coloca-se logo a seguir, no *Martyrium*, na Igreja Maior, a cátedra episcopal e sentam-se, ao redor, junto ao bispo, todos os que devem ser batizados, tanto homens quanto mulheres; também aí se encontram os padrinhos e madrinhas e ainda os que, dentre o povo, desejam ouvir; todos entram e se sentam, contanto que sejam fiéis. O catecúmeno, porém, aí não entra enquanto o bispo assim ensina a lei: começando do Gênesis, durante os quarenta dias, percorre inteiramente as Escrituras, explicando-as, primeiro, literalmente e explicando-as, a seguir, espiritualmente. E também a respeito da Ressurreição e igualmente a respeito da fé, tudo é ensinado nesses dias: e isso se chama catequese. E logo, decorridas cinco semanas desde o início das instruções, então recebem o *symbolum*, cuja natureza, igualmente, tal como o significado de todas as Escrituras, lhes é explicada, palavra por palavra, primeiro do ponto de vista literal e depois do ponto de vista espiritual. [...] As catequese duram três horas (ETERIA, 2004, p. 119)

De acordo com os mais variados testemunhos desde Justino com a *Tradição Apostólica*, a iniciação não termina com os ritos pós-batismais que completam o batismo. Falta ainda a introdução dos neófitos, na assembleia. Eles devem agora participar da Eucaristia com a comunidade dos fiéis. Esta introdução deve estar

cercada de solenidade e emoção. Por outro lado, pode-se dizer que, se com a Eucaristia a iniciação chegou ao seu ápice, ela não chegou ao seu fim. É preciso que haja uma continuidade com a chamada mistagogia. Nesse sentido, no decorrer da semana seguinte, os neófitos vêm para a Igreja para escutar um comentário ou uma catequese sobre o sentido dos ritos que acabam de celebrar, e as exigências morais que neles estão contidas. Deste modo, os neófitos aprofundam e partilham a alegria da nova vida em Cristo, como testemunha Etéria:

E, mais tarde, nos dias da Páscoa, durante os oito dias, quer dizer, da Páscoa até a Oitava, terminado o ofício na igreja, quando o povo se dirige à *Anástasis* entoando hinos, imediatamente se diz uma oração, abençoam-se os fiéis e o bispo, que permanece apoiado de encontro ao interior do gradil da gruta da *Anástasis*, explica tudo quanto se faz no Batismo. Nesse momento, nenhum catecúmeno se aproxima da Basílica, mas tão-somente os neófitos e também fiéis que desejam ouvir a respeito dos mistérios aí de encontram: e as portas se fecham para que nenhum catecúmeno possa entrar. E, examinando o bispo todos esses aspectos e expondo-os, tão alto fazem ouvir os presentes as suas palavras de louvor que, ao longe, fora da igreja, se lhes ouvem os gritos. De tal forma, realmente, ele desafia os mistérios que ninguém pode deixar de comover-se ante o que – assim exposto – ouve (ETÉRIA, 2004, p. 121).b

8 Agostinho de Hipona e a teologia batismal ocidental

Com sua reflexão sobre o Batismo, surgem alguns temas que serão fundamentais e que irão exercer grande influência sobre a teologia batismal ocidental, Aqui se considera, por um lado, a validade do sacramento do Batismo dos hereges e, por outro, as questões pertinentes ao Batismo dos infantes, na sua relação com a fé e com a doutrina do pecado e do paraíso.

8.1 Os hereges e a validade do batismo: a eficácia que vai muito mais além dos méritos

A teologia do Batismo se desenrola sob a perspectiva da relação fé pessoal, mediação da Igreja e eficácia da graça. Esse aspecto suscita diversas controvérsias que começaram já com Cipriano na África e continuaram durante os séculos IV e V no ocidente (BOROBIO, 2009, p. 109).

“A questão do Batismo dos hereges – não resolvida após a controvérsia do século III – é reproposta no século IV com a disputa entre Agostinho e os donatistas⁸ (CASPINI, 2013, p. 144). Os discípulos de Donato apelam, entre outros, para Cipriano, na tentativa de dar validade, somente aos sacramentos, principalmente o Batismo e a Ordem, quando celebrados por ministros que estejam em plena comunhão com a Igreja. Os donatistas afirmam que os cismáticos ou heréticos, quando administram os sacramentos, estes não têm validade alguma. Sendo assim, quando uma pessoa for batizada sob essas condições na Igreja Católica, ao passar para a crença donatista, esse é rebatizado.

Agostinho, ao invés, dá valor ao Batismo celebrado pelos donatistas, sobretudo, com uma motivação cristológica. Através da ação do ministro humano, o Cristo age nos sacramentos. Sendo assim, o sacramento do Batismo não depende nem dos méritos de quem o concede, nem tão pouco dos méritos dos que o recebem e sim de Cristo, o santo e o verdadeiro que propriamente o instituiu e que, por meio dele, continua sua ação: nesse caso quando Pedro batiza, é o Cristo mesmo quem batiza; quando Paulo batiza, é Cristo mesmo quem batiza e se até Judas batizar, ali estará o próprio Cristo batizando.

Nesse sentido, a Igreja Católica nunca batizava novamente os que já receberam o Batismo, seja na heresia ou no cisma, mas reconhece como válido esse Batismo, “fazendo tornar fonte de salvação o que era ocasião de condenação, enquanto o batizado permanecia entre os cismáticos e hereges” (CASPINI, 2013, p. 146).

Para Santo Agostinho é preciso distinguir entre validade e eficácia do Batismo. Para a validade não são necessárias nem a fé, nem os méritos ou santidade do ministro: o batismo pode ser administrado validamente inclusive fora da comunhão católica; pois a validade depende do caráter ou força do sinal mesmo, que por sua vez depende do mesmo Cristo. O sacramento é válido porque depende, não do ministro, senão de Deus e da Igreja: quando o ministro batiza, é Cristo mesmo que está batizando. A única coisa que se exige do ministro é que ele respeite a regra eclesial (BOROBIO, 2009, p. 109-110).

Para Agostinho, os bens que vêm de Deus (os sacramentos) estão sob a guarda da Igreja Católica (pertencem a ela) mesmo quando estão sendo usados por comunidades fora da comunhão. Na particularidade dos sacramentos, mesmo quando

⁸ O movimento donatista (303 – 305), nasce após as perseguições do Imperador Dioclesiano. Primeira controvérsia.

são administrados fora da Igreja, serão sempre sacramentos dessa única Igreja, por isso são válidos. Perdem a validade se celebrados a partir de transformações rituais substanciais, caso contrário, permanecem sendo sinais eficazes da graça de Deus.

8.1.2 As crianças e as questões inerentes ao seu batismo

No tempo das questões (controvérsias) da heresia donatista e as perspectivas que se mergulhavam naquele período (contexto), considera-se uma carta que leva o número 98 e está endereçada a Bonifácio, que era Bispo de Cataquas (408), na qual Santo Agostinho responde questões colocadas por seu interlocutor sobre a questão do Batismo dos infantes. O diálogo entre os dois tem como base um tema fundamental que era a questão de que existiam cristãos que buscavam receber a cura para seus filhos que foram batizados, através de sacrifícios oferecidos a Satanás. Bonifácio pergunta para Agostinho se tal gesto, que para ele era considerado um sacrilégio, podia trazer algum dano espiritual para a criança.

A essa questão, Agostinho responde dizendo que a eficácia do Batismo é tal que quem o recebe não se torna responsável pelas culpas dos demais, quando não as consinta voluntariamente. Consequentemente, uma criança não peca quando, sem que saiba, realizam ritos diabólicos para ele. Com efeito, os pais transmitem a natureza humana ao filho, solidária com o pecado de Adão e por ele negativamente assinalada. Contudo, não transmitem os seus pecados pessoais, os quais são imputados unicamente à livre vontade de cada um. Vice-versa, a vontade daqueles que apresentam a criança ao Batismo (*os offerentes, pais ou padrinhos*) pode ser útil ao infante, graças à intervenção do único Espírito que opera internamente aquela regeneração que a água significa exteriormente; e por que o Espírito é o mesmo, quer no batizado, quer naquele que o leva ao Batismo, por força dessa partilha do mesmo Espírito, a vontade dos *offerentes* ajuda os infantes. A eficácia da vontade dos *offerentes*, portanto, está totalmente subordinada à ação do Espírito, princípio da regeneração batismal (CASPANI, 2013, p. 148).

Se se quiser entender alguma mudança psicológica na criança que foi batizada, não será possível nenhuma conclusão, porque não houve nenhuma mudança nesse nível. Há que se esperar que ela cresça e compreenda o sacramento que recebeu e a ele corresponda; no entanto, pela força do Sacramento recebido, essa criança já é crente desde então.

8.1.3 A culpa inicial e o sacramento do batismo dos infantes

Uma segunda controvérsia que deve ser trazida à tona nessa época se verifica ainda sob a figura de Agostinho, só que agora em relação ao pelagianos (411-412). Os seguidores de Pelágio negavam a necessidade do batismo para crianças, alegando que esses não tinham pecado e, portanto, a razão de seu batismo não está no aspecto negativo da purificação, mas no aspecto positivo da santificação. Essa questão irá acompanhar Agostinho até sua morte em 430.

Nesse contexto, o tema do Batismo das crianças adquire uma função de primeiro plano no debate teológico, como testemunham as numerosas páginas que o bispo de Hipona dedica no *De peccatorum meritis et remissione* de 412. Em coerência com a entonação global do seu pensamento, segundo o qual o pecado é fruto unicamente de uma livre decisão pessoal, os pelagianos acreditam que não tem sentido falar de um Batismo dado aos infantes *in remissione peccatorum*: de um lado, não se pode falar de um pecado que eles teriam herdado de Adão. O pecado do progenitor, com efeito, embora introduzindo em todos certa inclinação ao pecado, deixa a natureza humana substancialmente sã: trata-se, no fundo, somente de um mau exemplo, que os seus descendentes permanecem livres de imitar ou não. Consequentemente, aos infantes o Batismo é dado não “em remissão dos pecados”, mas em vista daquela santificação em Cristo que lhes permite o acesso ao Reino dos Céus. As crianças mortas sem o Batismo, embora sendo excluídas do Reino do Céus, entram na vida eterna, uma espécie de *locus medius* de salvação, porém distinto do Reino dos Céus (CASPERI, 2013, p. 151-152).

Agostinho, por seu lado, propõe-se justificar o fato que também aos infantes o Batismo é dado *in remissione peccatorum*. Ele observa que – como afirma claramente o rito batismal – também os infantes são salvos, livrados, purificados, resgatados dos pecados. Uma vez que os ritos cristãos – longe de serem simulações vazias – operam aquilo que significam, deve-se concluir que também nas crianças existem pecados a ser perdoados.

“Agostinho ensinará a universalidade do pecado original, e, portanto, a necessidade universal do batismo, também para as crianças, ainda que não podem responder com um ato de fé pessoal, para evitar a condenação (BOROBIO, 2009, p. 110)”.

E porque não se pode falar de pecados pessoais, deve-se pensar no pecado herdado de Adão, que também as crianças trazem em si mesmas como algo que lhes pertence. A referência ao pecado original entra, pois, como argumentação funcional na intenção fundamental de Agostinho: justificar teologicamente o Batismo dado também aos infantes em remissão dos pecados. Quanto às crianças mortas sem

Batismo, Agostinho recusa a hipótese de um “lugar intermédio” entre salvação e condenação e acredita que eles incorram na condenação, ainda que “a mais suave de todas (*in damnatione omnium mitissima*)”.

Essa afirmação parece-lhe a consequência lógica do princípio absolutamente irrenunciável segundo o qual todos os homens – compreendidas as crianças – têm necessidade da salvação de Cristo, comunicada através do Batismo. De outro lado, Agostinho declara ter “grande angústia” quando chega a tratar o tema e, conseqüentemente, atribui às crianças uma condenação mais tolerável com relação àquela na qual incorrem aqueles que cometeram também pecados pessoais. Certamente, ao invés, as crianças batizadas são enumeradas entre os “fiéis”, isto é, entre “aqueles que acreditaram”.

Observou-se que, em Agostinho, a condenação das crianças mortas sem Batismo é uma consequência do fato de, por causa da situação universal de pecado que grava sobre a humanidade após a culpa de Adão, todos os homens têm necessidade da salvação de Cristo mediada justamente através do Batismo. A ligação da temática harmatológica com a soteriológica e cristológica, “se por um lado oferece a chave para ler exatamente o pensamento agostiniano sobre o pecado original, por outro oferece o ponto de partida mais eficaz para uma crítica” das insuficiências da doutrina agostiniana; insuficiências que podem facilmente ser reconduzidas ao fato de o tema cristológico ser introduzido após o tema do pecado original projeta “uma ligação dos homens em Adão, antes da ligação em Cristo”. A sucessiva fixação dogmática dessa posição agostiniana contribuirá de forma determinante para o seu endurecimento (CASPERI, 2013, p. 153-154).

Essa questão foi entendida por muito tempo pela Igreja a partir da visão de que quando uma criança morre sem o sacramento do Batismo, ela vai para um lugar chamado limbo. Uma novidade atual em relação a isso foi o decreto de Bento XVI, que pôs fim a essa ideia.

9 Linhas sintéticas

É possível algumas linhas de síntese em torno de dois argumentos: o primeiro é o próprio itinerário que prepara o Batismo, e o segundo é o modo em que se articula a celebração sacramental no desenvolvimento da vigília pascal.

9.1 O Batismo e sua preparação

Nesse período, pode-se falar de uma crise que caracteriza o catecumenato por conta da verificação de uma certa escassez de testemunho que se refere a ele. Quanto ao primeiro momento do catecumenato que é a acolhida, Agostinho está praticamente sozinho no fornecimento de material histórico inerente a esta instituição. Com seu *De catechizandis rudibus*, ele nos oferece alguma informação sobre aqueles que estão nesta fase de preparação remota ao Sacramento do Batismo. O termo usado nesse caso para os candidatos é “ouvintes” (*audientes*). Para esse tempo, os que desejam receber o Batismo, vivem apenas o momento da escuta da Palavra durante a liturgia eucarística, porém são despedidos após a homilia. Em muitos casos, sob muitos aspectos da compressão pessoal de cada um, decidem viver a vida toda como apenas ouvintes, decidindo pelo Batismo somente à beira da morte.

Diferentemente desses apenas ouvintes, os que desejam receber o Batismo na vigília pascal, no começo da Quaresma, fazem as inscrições de seus nomes no livro de registros dos batizados, durante um rito universalmente aprovado que no Ocidente se chamava *nomendatio* e no Oriente de *onomatografia*. “A partir daquele momento, o candidato não é simplesmente *audiens*, mas se torna *competens* no Ocidente, *electus* em Roma e *mellonphotízhethai* ou *photizómenos* no Oriente” (CASPANI, 2013, p. 155).

Os diversos exercícios que caracterizam a preparação quaresmal são de ordem ascética, catequética e ritual. Raramente, porém, os autores indicam juntos esses três componentes; mais frequentemente, cada um insiste sobre um ou outro aspecto, conforme suas preocupações pessoais ou as exigências dos candidatos. Sob o perfil ritual, sobretudo os exorcismos são característicos dessa fase. Eles são apresentados como luta contra o demônio: uma luta para a qual o candidato se dispõe com um treino rigoroso, feito de jejuns e penitências. Geralmente colocados mais para o final da Quaresma, encontra-se a *traditio* e a *redditio* do Creio de o Pai-nosso. Com a *redditio orationis dominicae*, normalmente se conclui a preparação batismal (cf. CASPANI, 2013, p. 154).

9.1.1 A Vigília Pascal e seus ritos

No século IV, o Batismo é celebrado de maneira solene e acontece durante o desenrolar da vigília pascal. A prescrição é a de que os candidatos sejam colocados fora da assembleia dos fiéis, durante a celebração comum da Eucaristia.

9.1.2 Rito do Batismo

Na maior parte das igrejas, a vigília começa com o duplice rito da renúncia a Satanás e da adesão a Cristo, ambos expressos com fórmulas que variam de uma Igreja a outra. À renúncia/adesão está ligado um exorcismo que pode ter duas formas: a imposição das mãos ou a unção característica das liturgias orientais, comparadas à unção do atleta em vista da luta corpo a corpo.

Depois que a água foi benta, se desenvolve o momento da imersão e empregada a fórmula trinitária (Didaqué, Justino...). Por três vezes a pessoa é imersa na água acompanhado pela profissão do símbolo da fé que é realizado através de três perguntas e três respostas. Para cada pergunta e para cada resposta, acontece uma imersão.

Outra fórmula para se batizar é atestada por dois grandes nomes desse tempo, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia, ou seja, quanto alguém está sendo batizado, cada vez que se nomeia uma das divinas pessoas da Trindade, o que está recebendo o batismo é imerso na água. Essa é chamada de forma batismal passiva porque o operante no momento é o próprio Deus, de cuja ação aquele que administra o sacramento é apenas um servidor.

A tríplice imersão/emersão representa o coração do rito batismal; na trilha de Rm 6,3, quase que todos os Padres veem neste gesto uma figura da morte e ressurreição de Cristo ou, melhor, uma configuração do batizado a Cristo morto e ressuscitado. Esse simbolismo combina-se com o do novo nascimento, retomado de Jo 3, 3-5. Nessa linha, para Teodoro e Cirilo, a fonte batismal é, ao mesmo tempo, tumba e útero materno; e as águas batismais, como as da origem (Gn 2,1), enquanto fecundadas pelo Espírito, torna-se fonte de vida (CASPERI, 2013, p. 156-157).

9.1.3 Rito da Crisma

Realizado o rito do sacramento do Batismo, pelo bispo ou presbítero, os fiéis (homens e mulheres) são ungidos com um óleo chamado “ação de graças”, unção

pós-batismal. Em seguida colocam suas roupas e entram na Igreja para serem crismados pelo bispo que já se encontra no presbitério. Nesse momento, o bispo impõe as mãos sobre a cabeça dos que foram batizados e reza a seguinte oração: “Senhor Deus, tu que os fizeste dignos de obter a remissão dos pecados pelo banho de regeneração, faze-os também dignos de serem preenchidos pelo Espírito Santo, e manda sobre eles tua graça para que te sirvam segundo a tua vontade” (BOROBIO, 2009, p. 82-83). Em seguida, os unge com o Crisma traçando em suas frentes o sinal da Cruz.

9.1.4 Rito da Eucaristia

Como certificam os diversos testemunhos (desde São Justino, a *Tradição Apostólica...*), a Iniciação à Vida Cristã naquele tempo não terminava com os ritos pós-batismais que completavam o Batismo, ou seja, os neófitos ainda precisavam ser introduzidos na assembleia e participar da Eucaristia com toda a comunidade dos fiéis. Todo o rito é, portanto, concluído com o abraço e o beijo da paz pelo bispo, a oração universal e, finalmente, a participação na eucaristia, como sinais de recepção deles na comunidade dos fiéis. “Tudo isso se dá num clima de solenidade e emoção segundo as testemunhas mais antigas como São João Crisóstomo, Gregório de Nanzianzeno e Santo Agostinho” (BOROBIO, 2009, p. 103-104).

10 Considerações finais

Chegamos ao final desse primeiro capítulo cientes de que a iniciação cristã de inspiração catecumenal é um processo muito rico e profundo, modelo para nossa catequese de iniciação atual e, conseqüentemente, para a formação de catequistas, agentes dessa mesma iniciação. Aprovado e regulamentado pela Igreja, tem seu período áureo, como vimos, nos séculos II ao IV. Era constituído de um conjunto de práticas litúrgicos-rituais, assinalações e exorcismos, uma série de ensinamentos (catequese), exercícios (tirocínios) de vida cristã e práticas evangélicas.

A comunidade exercia um papel importante nesse processo como, por exemplo, a apresentação de catequistas ou introdutores para os catecúmenos, bem como padrinhos e ministros. Todo processo culminava na celebração dos mistérios

crisãos fundamentais: batismo, confirmação, Eucaristia. Com duração de aproximadamente 3 anos, era um tempo de formação e prova sob a guia do catequista. Participavam da liturgia da Palavra e terminava com um exame sobre a autenticidade das atitudes dos catecúmenos.

Nesse sentido, a iniciação crista de inspiração catecumenal era um caminho ou processo de formação por etapas, graus: um aprendizado completo Instrução. Somava-se a isso, a instrução catequética, a conversão, a experiência litúrgica, a oração e, por fim, a formação espiritual.

O RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA) NA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

Vimos no capítulo I a história da iniciação cristã de inspiração catecumenal através dos estudos de alguns séculos dessa iniciação e de testemunhos que com suas obras documentaram todo esse empreendimento da Igreja na construção das comunidades daquele período. Agora vamos estudar o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) que, reformado após o Concílio Vaticano II, oferece extraordinária riqueza litúrgica e preciosa fonte pastoral, especialmente para formação dos catequistas, particularmente no que se refere ao restabelecimento da catequese de iniciação cristã de inspiração catecumenal na Igreja.

O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, reestabelece na Igreja a praxe e o espírito do Catecumenato, não sendo somente um texto com ritos. Apresenta o itinerário espiritual - catecumenato- que deve ser percorrido por aqueles que querem ser iniciados na vida cristã. Ajuda as comunidades cristãs a acompanhar este itinerário por meio de celebrações e ritos que marcam as etapas do catecumenato e que devem ser realizados durante a Missa dominical.

Sua publicação representa um momento fundamental para a renovação da iniciação cristã. Seu objetivo é apresentar como a Igreja acolhe e inicia os que pedem para serem cristãos. Nesse sentido, o RICA oferece uma verdadeira estrutura de iniciação para aqueles que, por traz do anúncio do mistério de Cristo, sejam crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos, assistidos pelo Espírito Santo, tomam o caminho da fé e da conversão afim de preparar-se para o batismo, confirmação e Eucaristia.

O RICA apresenta a ritualidade completa da iniciação cristã do Rito do Catecumenato em torno de suas etapas, como modo ordinário de iniciar uma pessoa na fé. Tal modelo deve servir de inspiração para todas as outras situações pastorais de formas de iniciação cristã e, conseqüentemente, para a formação de catequistas dessa iniciação a qual estamos falando.

1 A formação de catequistas da iniciação cristã de inspiração catecumenal

O segundo capítulo, num primeiro momento, aborda a importância do Ritual de Iniciação à Vida Cristã de Adultos (RICA) como um texto primordial, pós-vaticano, para

a formação dos catequistas de iniciação cristã, respondendo o pedido de *Aparecida* que diz o seguinte:

A iniciação cristã é um desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre e fragmentada. [...]. Impõem-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. [...]. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira evangelização nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequisados. Esse catecumenato está intimamente unido aos sacramentos da iniciação: batismo, confirmação e eucaristia, celebrados solenemente na Vigília Pascal (DAp 287 288).

Dado a importância da reflexão sobre a catequese de iniciação cristã atualmente discutida na Igreja, sobretudo pela dinâmica do processo de identidade cristã e os elementos que intervêm neste mesmo processo e, em se tratando da formação de catequistas dessa iniciação cristã que serão os operadores do método é, pertinente, integrar o *Ordo* no plano dessa formação. Por isso a proposta é trabalhar o conteúdo desse Ritual individualmente e de maneira aprofundada, antes dos demais documentos de catequese da Igreja que serão vistos e comentados no terceiro capítulo.

Entende-se, portanto, que, o modelo de iniciação cristã de caráter catecumenal que se pretende e deve ser desenvolvido pelas mãos dos catequistas, demanda, por parte deles, um fundamental conhecimento do RICA. Pois, esse documento traça, segundo os ritos do catecumenato e suas etapas, orientações fundamentais para a operacionalização da iniciação cristã de caráter catecumenal que atualmente é pleiteada pela Igreja.

Ainda mais porque “o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã deve ser assumido em todo o Continente como a maneira “ordinária” e indispensável de introdução na vida cristã e como catequese básica fundamental” (DAp 294).

Portanto, não haverá uma catequese verdadeiramente catecumenal que cumpra essa meta, se não houver catequistas que entendam o método evidenciado pela Igreja e que estejam preparados suficientemente para desenvolvê-lo. Sendo assim, além da formação se ater ao processo histórico como foi visto no primeiro capítulo, é preciso desenvolver ainda, segundo as necessidades desse tempo, um itinerário formativo segundo o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos.

Por fim, a título de complementação e enriquecimento do capítulo, é proposto um estudo do Ritual de Batismo de Crianças (RB) e do Ritual de Confirmação (RC), para a formação de catequistas da iniciação cristã no novo contexto eclesial da evangelização global, pois, por questões pastorais, como se sabe, atualmente os três sacramentos da iniciação cristã que deveriam ser conferidos em uma única celebração, como determina a Igreja, está em total falta de unidade.

Com a introdução e fixação do costume de batizar crianças, ainda nas origens do cristianismo, a unidade dos três sacramentos foi rompida, pois a iniciação cristã era apenas começada com o batismo, esperando-se a idade mais adulta para receber os outros dois sacramentos e, assim, completar a própria iniciação (LIMA, 2009, p. 19).

1.1 O contexto eclesial global e a formação de catequistas da iniciação cristã

Jesus disse: “ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado” (Mt 28, 19-20). Com essas palavras, Jesus Cristo, antes de subir aos céus e se sentar à direita de Deus Pai (cf. Ef 1,20), enviou os seus discípulos para anunciar a Boa Nova ao mundo, para formar a personalidade humana, cristã através da dinâmica interna dos sacramentos da iniciação cristã que brotaram da cruz.

Sendo assim, o catequista da iniciação cristã é formado para anunciar e transmitir a fé em nome da Igreja imitando a ação de Jesus, do próprio Deus que deseja comunicar-se com a humanidade através de seu Filho, derramando sobre ela o Espírito Santo.

No entanto, atualmente se vive em tempos de grandes e profundas transformações na sociedade e no mundo como um todo que, conseqüentemente, afeta as formas de anunciar o Evangelho. É a chamada mudança de época. “Seu nível mais profundo é cultural (DAp 44). “São tempos nos quais se constata avanços e conquistas no mundo das ciências e da técnica, que proporcionam conforto e bem-estar” (DGAE 19). Por outro lado, esse fenômeno afeta “os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações” (DGAE 21). Os desafios são inúmeros e vão desde o socioeconômico, passando pelo sociopolítico e culminando com o socioreligioso.

Nesses vários âmbitos, nossa sociedade se caracteriza por um conjunto de condicionamentos e situações que revelam não apenas a exigência de profundas mudanças, mas também um dinamismo acelerado, difícil de administrar e de controlar. Algumas manifestações de mudanças são bem conhecidas, [...], como a globalização, [...], o rico mundo da comunicação mediática...(ALBERICH, 2004, 41-42).

No campo da economia vemos como a globalização se tornou ambígua: “por um lado, acesso a novas tecnologias, mercados e finança; pelo outro, lucro como valor supremo, formação de grades monopólios, concentração das riquezas e do poder nas moas de poucos” (AMEIDA, 2010, p. 13).

No campo da política observa-se os desencantos e desconfiças por todos os lados que atingem todos os poderes do Estado. Corrupção pública e privada. Deterioração da convivência social e civil, bem como o aumento da violência. Falência da educação, da saúde e da segurança. Devastação do planeta, etc. (cf. ALMEIDA 2010, p. 14).

Em se tratando na religião “que é o coração da cultura, ela sofre todos os impactos dessa mudança de época, pois está intrinsecamente relacionada com o contexto social em que existe e é por ele condicionada” (AMEIDA, 2010, p. 16). O contexto atual de mudança de época, “coloca a fé em crise” (ALMEIDA, 2010, p. 22), no entanto, “o cristão sempre – mas, sobretudo, em uma situação de crise – é solicitado a dar razão da esperança que o habita e que o impulsiona na direção do futuro (ALMEIDA, 2010, p. 24).

Nesse sentido, o anúncio do Reino de Deus exige conhecimento da realidade, “de modo que a Igreja possa contribuir – como é seu dever – para a transformação da sociedade no sentido da fraternidade, da liberdade, da justiça e da paz” (ALMEIDA, 2010, p.13).

Diante de uma realidade que se transforma a cada dia, a Igreja em saída é convocada a superar uma catequese de mera conservação ou manutenção para assumir uma catequese decididamente da iniciação cristã que saiba resgatar os benefícios e os valores recebidos de um passado marcado pela preocupação de garantir uma transmissão sistemática da fé, integral, orgânica e hierárquica (cf. CT 30-31).

É preciso reconhecer que, na sua forma mais global e tradicional, a catequese eclesial mostra sinais evidentes de uma grave crise. Na situação atual pode-se constatar a presença de não poucos sintomas de um mal-estar e de uma

insatisfação que sugere uma crise generalizada. Pode-se dizer, em termos gerais, que o sistema tradicional de catequese já não funciona, não produz os frutos esperados (ALBERICH, 2004, p.37).

O instrumento fundamental, portanto, proposto pela Igreja para a transmissão da fé, é a catequese de iniciação cristã de caráter catecumenal inspirada no RICA. Graças a essa catequese de iniciação a Igreja transmite a fé de forma ativa e viva, semeando-a nos corações dos catecúmenos e catequizandos para fecundar as suas experiências mais profundas.

Por isso a boa formação dos catequistas da iniciação cristã deve proporcionar o contato com o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), texto que será abordado de agora em diante de maneira mais direta.

1.1.1 O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos

O Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), FOI publicado em 1971 é um livro litúrgico, a pedido do Vaticano II, para restabelecer o catecumenato batismal na Igreja.

Estudando suas páginas, percebe-se que ele descreve justamente os ritos do catecumenato, porém, não os conteúdos catequéticos propriamente ditos. O Ritual em questão quer deixar claro que o importante é perceber como no catecumenato a formação acontece inseparavelmente da prática da vida cristã (cf. RICA 19). A formação consiste na instrução doutrinal unida intimamente com a experiência litúrgica onde o mistério de Jesus Cristo se faz mais presente.

O RICA lembra que não basta as pessoas conhecerem os dogmas e preceitos: é preciso vivenciar o mistério da salvação do qual desejam participar plenamente, o que é facilitado pela vinculação dos conteúdos com o ano litúrgico e com uma maior valorização das celebrações da palavra.

Parece até que o RICA dá mais importância a tais celebrações do que propriamente aos encontros catequéticos. As celebrações ajudam a assimilar os conteúdos da catequese, ensinam prazerosamente as formas e os caminhos da oração, aproximam dos símbolos, ações e tempos do mistério litúrgico e introduzem gradativamente no culto de toda a comunidade. Ou seja: no processo catecumenal, a catequese (entendida como o momento da instrução) está intimamente articulada com a liturgia (cf. RICA 106).

Outro elemento importante no catecumenato evidenciado pelo RICA é o “itinerário espiritual” realizado por etapas e através do acompanhamento pessoal de alguns membros da comunidade, sobretudo os “introdutores”. São estes (sobretudo os catequistas) que acompanham os catecúmenos, que dão testemunho perante a comunidade sobre o amadurecimento e crescimento do catecúmeno. Esse é um elemento de relevo para o catequista da iniciação cristã que está em seu processo de formação. É necessário que ele tenha bem presente em sua mente em seu coração no momento de sua ação na comunidade como catequista.

Este acompanhamento deve ser feito na vida concreta das pessoas e também através dos ritos catecumenais e celebrações da palavra, pois através deles Deus age gradativamente, purificando e protegendo os catecúmenos. Assim, os catequistas não são apenas instrutores (ministério da palavra, ensino, magistério), mas também são ministros da oração e da celebração da palavra de Deus (mais que pedagogos são mistagogos.)

Portanto, a figura do catequista de iniciação hoje muda muito com relação ao tipo tradicional do “catequista professor” que apenas ensina. Ele deve ser um entendido também em ritos e celebrações: deve ser um liturgo que possa compreender todos os passos do RICA e saber aplica-lo no momento da catequese.

1.1.2 As partes importantes do RICA na formação de catequistas da iniciação cristã

As partes mais importantes do RICA para a formação dos catequistas são as seguintes:

a) Duas introduções:

- 1) a iniciação cristã - observações preliminares gerais (RICA 1-35);
- 2) Introdução ao rito da iniciação cristã de adultos (RICA 1-63).

b) O capítulo I: ritos do catecumenato em torno de suas etapas (RICA 68-72);

c) O capítulo IV: preparação para a confirmação e a eucaristia de adultos que, batizados na infância, não receberam a devida catequese (RICA 295-299);

- d) Um “apêndice” com o rito de admissão na plena comunhão da Igreja Católica das pessoas já batizadas validamente (RICA 1-13);
- e) Por fim se deve fazer referência ao capítulo V com o curioso título: rito de iniciação de crianças em idade de catequese (RICA 306-313).

Por ser um livro litúrgico, não se encontra no RICA as orientações detalhadas sobre os conteúdos da catequese de cada tempo do catecumenato, nem detalhes pastorais para sua implantação e implementação. Isso fica a cargo do projeto de catequese implementado pela comunidade em prol de seus membros. Por isso a formação de catequistas da iniciação cristã que leva em seu bojo um espaço de estudo desse Ritual, abre janelas para futuros projetos de evangelização de inspiração catecumenal baseado neste Ordo. Catequistas que entendem o itinerário, serão capazes de implementarem tais projetos em suas comunidades.

Portanto, seguindo a ótica da iniciação à vida cristã, sobretudo em se tratando da formação de catequistas de caráter catecumenal, na tentativa de superação de um modelo catequético elaborado para um mundo cristão, é necessário propor nos dias atuais, sobretudo diante da atual crise na transmissão da fé pautada no novo paradigma da catequese, uma vez que a “sociedade cristã em grande parte desapareceu” (GEVART, 2004, p. 11), um conhecimento sistemático do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), a fim de que, a partir do entendimento completo do mesmo, se possa elaborar itinerários de trabalhos na catequese tanto de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Já é sabido que, deste Ritual, são derivados muitos itinerários atualmente em voga nas mais diversas iniciativas de catequese na Igreja. O último deles no Brasil é o da CNBB. Trata-se de um itinerário, que apresenta orientações para um caminho possível a ser realizado em todas as realidades do território nacional. Oferece orientações fecundas e importantes para a pastoral bíblico-Catequética. Traz orientações que possibilitam a concretização de uma verdadeira iniciação cristã aos que buscam esse caminho. Insere-se no processo de inspiração catecumenal recuperando a mística que vem da experiência catecumenal da Igreja primitiva, tornando-a inspiração para desencadear um verdadeiro processo de educação da fé nesses tempos de mudança de época.

Sendo assim, é preciso que todos os agentes desse novo modelo de catequese, obviamente, conheçam eficazmente essa proposta da Igreja. Vale apenas

relembrar o *Documento de Aparecida* quando interpela que o o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como catequese básica fundamental.

Sejam vigilantes no que diz respeito à instituição catequética, que visa, pela ilustração da doutrina, tornar viva, explícita e atuante a fé entre os seres humanos. Que ela seja ministrada cuidadosamente às crianças e aos adolescentes, como também aos jovens e adultos. Observe-se sempre o método mais apropriado, dentro da ordem ditada menos pela conveniência da matéria do que pela índole, capacidade, idade e condição de vida dos ouvintes, sempre com base na Sagrada Escritura, na Tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja. Procurem fazer com que os catequistas sejam bem preparados para a sua função, conhecendo plenamente a doutrina da Igreja, a psicologia, a pedagogia, tanto prática como teoricamente. Reestabeleçam também, na forma mais apropriada, a instituição dos catecúmenos adultos (CD 14)

No período em que se realizava o Concílio Vaticano II, a Igreja tinha clara consciência da necessidade de renovar o catecumenato. Por isso a Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma: “restaura-se o catecumenato de adultos, em diversos níveis, de acordo com a autoridade local. As etapas do catecumenato podem ser santificadas por diversos ritos, aptos a manifestar seu espírito” (SC 64). Esta restauração se concretiza melhor no Decreto *Ad Gentes*, aonde não só se descreve a necessária união entre evangelização e conversão, mas também afirma explicitamente que este é o primeiro passo de um processo de iniciação que implica a realização do catecumenato com todos os elementos que o integram:

Todos que receberam de Deus a fé, por intermédio da Igreja, devem ser admitidos ao catecumenato, segundo o rito estabelecido. Mais do que simples exposição de dogmas e dos preceitos, o catecumenato deve ser uma iniciação a toda a vida cristã, um aproximar-se de Cristo, durante o tempo que for necessário (AG 18).

Ainda em relação ao catecumenato e a Iniciação Cristã, o Decreto afirma:

Sejam os catecúmenos iniciados convenientemente no mistério da salvação, na prática da vida evangélica, nas celebrações litúrgicas segundo os diversos tempos, na vida de fé, de culto e de amor, características do povo de Deus (AG 14).

E uma definição bem abrangente sobre a finalidade do catecumenato está no Catecismo:

O catecumenato, ou formação dos catecúmenos, tem por finalidade permitir a esses últimos, em resposta à iniciativa divina e em união com uma comunidade eclesial, que levem a conversão e a fé à comunidade. Trata-se de uma “formação à vida cristã integral (...) pela qual os discípulos são unidos a Cristo, seu mestre. Por isso, os catecúmenos devem ser iniciados (...) nos mistérios da salvação e na prática de uma vida evangélica, e introduzidos mediante ritos sagrados celebrados em épocas sucessivas, na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus (CIC 1248).

Para tanto, o *Código de Direito Canônico* ainda indica: “o adulto que pretende receber o batismo seja admitido ao catecumenato e, enquanto possível, percorra os vários graus até a iniciação sacramental, de acordo com o ritual de iniciação” (CDC 851 § 1). “Aqueles que tiverem manifestado a vontade de abraçar a fé em Cristo, após terem concluído o tempo do pré-catecumenato sejam admitidos ao catecumenato com cerimônias litúrgicas; seus nomes sejam inscritos no livro para isso destinado” (CDC 788 § 1). “Teologicamente falando a verdadeira iniciação se dá na celebração dos sacramentos do Batismo, Eucaristia e Crisma, chamados justamente, a partir do século XIX, de Sacramentos da Iniciação” (LIMA, 2009, p. 15).

Por fim, a importância do catecumenato é destacada em um outro documento do Concílio, a *Presbyterorum ordinis*, ao recordar aos sacerdotes, de maneira muito especial, que “os catecúmenos devem ser progressivamente admitidos à eucaristia, enquanto os fiéis batizados e confirmados, pela recepção da eucaristia, se inserem cada vez mais profundamente no corpo de Cristo” (PO 5).

1.1.3 A proposta atual do RICA

Depois da publicação da *Sacrosanctum Concilium*, a equipe encarregada da preparação dos novos rituais resolveu assinalar as linhas de sustentação do Ritual para a Iniciação Cristã dos adultos, antes mesmo da confecção do Ritual para o sacramento do Batismo dos infantes. No entanto, essa ideia foi abandonada, ou seja, o Ritual do Batismo das crianças foi precedido, concluído no ano de 1969, três anos antes da publicação do Ritual de adultos (1972), sendo que, depois da conclusão do Ritual das crianças, ainda foi publicado o Ritual de Confirmação renovado (1971), e somente então foi concluída a ideia primeira (cf. CASPANI, 2013, p. 271).

O que foi até agora esboçado, contextualiza o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* o RICA. Esse ritual é de suma importância em se tratando de uma proposta pedagógica em seu aspecto referente à liturgia que está intimamente ligada à

catequese e a formação de catequistas. Já foi visto que não é um livro de conteúdo catequético, nem muito de menos metodologia. O que se pode extrair deles são riquíssimas orientações pastorais para uma catequese de iniciação cristã.

1.1.4 A introdução geral do Ordo

A introdução geral também chamada de Os *Praenotanda generalia* desmembram-se em duas partes diferentes. A primeira trata do assunto da iniciação cristã (RICA 1-2), ao passo que a segunda se aplica ao estudo sobre o Sacramento do Batismo (RICA 3-35) sem tocar nos outros dois Sacramentos, ou seja, a Confirmação e a Eucaristia. “A reflexão sobre o complexo sacramental da iniciação cristã permanece, ainda, como um esboço” (CASPANI, 2013, p. 272). Sem embargo, mesmo que de forma inacabada, o documento ratifica de maneira pública a reabilitação daquele entendimento nuclear dos livros litúrgicos.

Resgatando fielmente o número 14,2 do Decreto *Ad Gentes*, o termo iniciação cristã é empregado para qualificar a unidade estrutural do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia (RICA 1).

A seguir, libertados do poder das trevas pelos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo com Ele sepultados e com Ele ressuscitado, recebem o Espírito da adoção de filhos e com todo o Povo de Deus celebram o memorial da morte e da ressurreição do Senhor (AG 14).

“Os efeitos complexivos são individuados na libertação do poder das trevas, na participação no mistério pascal de Cristo e na infusão do dom do Espírito Santo e na habilitação para celebrar o mistério eucarístico junto com todo o povo de Deus” (CASPANI, 2013, p. 272-273).

O destaque oferecido para a ótica unitária anteriormente ao estudo de cada sacramento aponta que um correspondente entendimento de cada um deles não pode alhear-se do conceito de relação que congregam um a outro. De fato, é na sua mútua similitude inter-relacional que o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia são deliberativos em vista da formação de uma identidade dos cristãos integralmente desenhada.

“De tal modo se completam os três sacramentos da iniciação cristã, que proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura no exercício de sua

missão de povo cristão no mundo e na Igreja” (RICA 2). Neste quadro, o texto de ocupa de identidade própria de cada sacramento, apresentando na ordem que vai do Batismo à Confirmação, à Eucaristia, buscando determinar com mais precisão os efeitos específicos de cada um deles.

O Batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus, perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em nova criatura pela água e pelo Espírito Santo; por isso, são chamados filhos de Deus [...]. Assinalados na crisma pela doação do mesmo Espírito, são configurados ao Senhor [...]. Finalmente, participando do sacrifício eucarístico, comem da carne e bebem do sangue do Filho do homem [...]. De tal modo se completam os três sacramentos da iniciação cristã, que proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura no exercício de sua missão de povo cristão no mundo e na Igreja (RICA 2).

A alínea que se aplica ao Primeiro Sacramento, tanto dos adultos como das crianças, permite aflorar o receio de que as declarações preceituais atinam para a legítima operação no esquema litúrgico ritual. Da mesma forma, as referências sobre o que é fundamental para se celebrar o Sacramento do Batismo: a água, a fonte, o rito, as palavras usadas, o livro de registro (RICA 18 – 29).

A água, a fonte batismal, o batistério, o rito essencial, a fórmula sacramental etc, apresentam algumas anotações rituais capazes de tornar mais expressivos os sinais litúrgicos. Os ofícios e ministérios que concorrem para à celebração ganham amplo espaço (CASPERANI, 2013, p. 273-274).

É tarefa fundamental de toda a Igreja preparar pelos catequistas da iniciação cristã, tanto o catecúmeno para a recepção do sacramento do Batismo como fornecer elementos fundamentais de evangelização para que uma pessoa já batizada insuficientemente evangelizada, possa ir, no decurso de sua vida, construindo sua identidade cristã firme e concreta.

Nesse sentido, “a catequese foi sempre considerada pela Igreja como uma das suas tarefas primordiais, porque Cristo ressuscitado, antes de voltar para junto do Pai, deu aos Apóstolos a ordem de fazerem discípulos seus todas as nações” (CT 1).

Por isso é de suma importância que, desde a preparação para o Primeiro Sacramento, catequistas, juntamente com outros leigos, cooperem com o clero nesse empreendimento. Do mesmo modo, é importante que “o povo de Deus participe ativamente no rito, não somente os pais e padrinhos, mas amigos, parentes, vizinhos de casa e membros da comunidade local” (CASPERANI, 2013, p. 274), pois “na iniciação

é decisiva a participação ativa da comunidade dos já iniciados: ela que acolhe e acompanha os iniciados, influencia-os e com eles se comprometem” (OÑATIBIA, 2007, p. 8).

As pesquisas proemiais globais finalizam com algumas indicações sobre adequações rituais que cada Igreja, em seu país, (as conferências episcopais) poderá implementar em unidade com a Sé Apostólica. A missão mais brilhante, e simultaneamente mais sensível, creditada a elas, principalmente nos países de missão, é a de considerar se aqueles componentes da iniciação, que cada nação abriga em seu seio, poderão ser nele englobados, “porque o livro litúrgico não é um prontuário inerte a ser repetido mecanicamente, cada ministro tem a possibilidade de introduzir uma série de “acomodações” previstas pelo mesmo Ritual (CASPANI, 2013, p. 375).

Como está sendo visto, é de uma grande complexidade a implantação de uma catequese de iniciação como determina a Igreja. O desafio está em sua implementação, sobretudo quando se pensa que atualmente não se pode contar com pessoas significativamente qualificadas para o feito, ou seja, o modelo de catequese atual, a qual os catequistas estão acostumados, não abarca todo esse complexo da iniciação cristã que se pretende. Por isso é urgente uma formação que contemple o RICA.

1.1.5 O Ritual propriamente dito

Os documentos do Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium* e *Ad Gentes*, assinalaram a recuperação do Catecumenato como já foi visto, mas como essa proposta poderia ser efetivada? Para tanto, um grupo de pessoas peritas no assunto chamada de “*Coetus XXII*”, preparou uma primeira estrutura do (RICA) que foi encaminhada ao chamado “*Consilium ad exsequendam constitutionem de sacra liturgia*”. A redação do ritual de Batismo dos adultos durou 6 anos, ou seja, de 1965-1971, “e publicado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, a 6 de janeiro de 1972, festa da Epifania ou manifestação do Senhor aos gentios” (FLORISTÁN, 1995, p. 161).

O RICA, tal como se apresenta em sua edição típica, é um ritual referencial, que deve adaptar-se as diversas situações, como por exemplo: as Igrejas jovens, as Igrejas antigas, as missões, a sociedade secularizada..., também,

as diversas idades: adultos, jovens, adolescentes, crianças em idade escolar (BOROBIO, 2009, p. 220).

Esse trabalho teve como fonte estudos históricos, experiências do catecumenato em países de missão e também na Europa como, por exemplo, na França, e foi inspirado na tradição “litúrgico-pastoral” da Igreja, bem como a consideração do que falavam os missionários que trabalhavam com o catecumenato naquele período.

Todos esses fatos permitiram que o Ritual se configurasse como um livro litúrgico “atento não somente às coordenadas teológicas e litúrgicas, mas também às problemáticas pastorais (CASPANI, 2013, p. 276). O *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (RICA), foi promulgado durante o pontificado do Papa Paulo VI que, segundo João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, foi um Papa que se dedicou de maneira extraordinária a temas inerentes à catequese.

Os últimos papas atribuíram à catequese um lugar eminente na sua solicitude pastoral. Nesta linha, Paulo VI, com seus gestos, sua pregação e sua interpretação autorizada do Concílio Vaticano II – que ele considerava como grande catecismo dos tempos modernos – e ainda com a sua vida, esse meu venerado predecessor serviu a catequese da Igreja de modo particularmente exemplar (CT 2).

O fato é que “a iniciação cristã é um caminho que tem sua própria verdade. Verdade que precisa ser bem conhecida por seus autores. Verdade à qual esses autores (catequistas), aderem consciente e livremente” (ALMEIDA, 2010, p. 30). Para essa iniciação cristã, “os catequistas não são professores ou especialistas ou doutores da fé, mas, juntamente com o pároco, têm o dom de garantir a instrução catequética, cuja finalidade é tornar viva, explícita e operosa a fé pela doutrina” (ALMEIDA, 2010, p. 58).

1.1.6 As características fundamentais do livro

O documento que melhor acolhe, restaura e aplica o catecumenato é o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. Nele, o tema da iniciação cristã recebe um tratamento todo especial. Não se limita à conhecida e famosa iniciação sacramental apenas, mas oferece um caminho progressivo de iniciação catecumenal (BOROBIO, 2007, p. 25).

Recebendo a essência do catecumenato antigo, tenta aplicá-lo de maneira adaptada aos nossos dias, tendo em vista uma questão muito peculiar: “a fé cristã não

é um fato natural que se adquire automaticamente ou por herança. [...] Tornar-se cristão, além de ser graça de Deus [...], demanda um extenso processo de iniciação chamado catecumenato” (FRANCISCO, 2004, p. 28).

É um itinerário que se aplica propriamente a essa classe de pessoas que, depois de ouvirem e aderirem o “anuncio do Evangelho, movidos pelo Espírito, empreendem um caminho de fé e de conversão” (CASPANI, 2013, p. 276).

É um caminho integral para uma verdadeira caminhada de fé dos que desejam conhecer melhor a Cristo e fazer uma experiência com ele, pois: “conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa [da Igreja]” (DAp 18).

Uma obra que apresenta desde gestos sacramentais a um acompanhamento sério do adulto que pretende receber o Sacramento do Batismo e os demais sacramentos da iniciação cristã. Ela “comporta uma grande riqueza teológica, litúrgica e pastoral, em uma adequada harmonia e equilíbrio entre ação graciosa de Deus, mediação da comunidade eclesial, ritos sacramentais da iniciação e resposta de fé do sujeito (BOROBIO, 2007, p. 26).

É uma proposta de caminhada completamente amparada [essa é uma das grandes exigências do Ritual] pela comunidade que é convocada a aliar-se por completa ao itinerário de seus catecúmenos, “encontrando nele ocasião para meditar sobre a importância do mistério pascal e para renovar a própria conversão” (CASPANI, 2013, p. 276).

A iniciação cristã é um processo eclesial: a iniciadora é a *Ecclesia Mater* no exercício privilegiado de sua maternidade (OÑATIBIA. 2007, p. 8). Nesse percurso catecumenal, com uma pluralidade de “ministérios” envolvidos de maneira direta: introdutores, padrinhos, catequistas, bispos, padres, diáconos (RICA 41-48), tem-se a expressão da presença viva de toda a comunidade.

1.1.7 Os diversos ministérios da iniciação cristã

Como temos visto, os agentes da iniciação cristã, a começar pelos catequistas, devem ser pessoas capazes de considerar os destinatários dessa iniciação de inspiração catecumenal como interlocutores, por isso o cuidado especial numa formação adequada bem como num acompanhamento personalizado, também no

estilo catecumenal. A missão dos responsáveis diretos pela iniciação cristã engloba todas as forças da Igreja. É a comunidade eclesial que evangeliza.

Precisamos em primeiro lugar ajudar o iniciando a dar o seu sim pessoal: sua participação existencial é requerida como contrapartida à gratuidade da graça.

A preocupação primordial de nossa ação pastoral muitas vezes tem sido sacramentalizar antes mesmo de percorrer um itinerário adequado para garantir a vivência da fé cristã, e não se faz um processo de iniciação sem priorizar a pessoa do iniciando. Cabe, pois, aos agentes da iniciação cuidar da qualidade da atenção às pessoas e das relações humanas, traduzidos em gestos fortes e convincentes de acolhida, fraternidade, solidariedade, criação de um ambiente de afeto e carinho. O mesmo se diga com relação à comunidade: seu modo de viver e de se relacionar, deve ter um jeito de casa acolhedora, de família de irmãos que se amam e se ajudam mutuamente, tornando-se cativante e atraente.

No processo da iniciação interferem pessoas e circunstâncias. É complexo o trabalho dos agentes da iniciação: lidam com a história de vida dos iniciandos, com as Escrituras Sagradas, com a liturgia, a vida da comunidade e o confronto com as necessidades e desafios da realidade que nos cerca. Precisam contar com o testemunho de discípulos missionários, o acompanhamento próximo dos introdutores, amigos e companheiros de caminhada, com os catequistas, os ministros ordenados, a fraternidade vivida na comunidade e a postura da Igreja em geral diante da sociedade.

Seguindo bem de perto as propostas do RICA (41-48) o texto descreve os ministérios e as funções de todos aqueles que estão implicados no processo iniciatório, o que precisa ser conhecido e adaptado a cada situação. Nessa relação incluem-se, além dos vários agentes, também os sujeitos da iniciação e suas famílias.

a) Introdutores/as: possuem tarefa específica e indispensável no início do processo iniciático: acompanhar os candidatos à iniciação, durante o Pré-catecumenato, preparando-os para acolher o dom da fé, o anúncio da Boa Nova e para assumir o encontro pessoal com o Senhor; prepara para o longo tempo do Catecumenato. Leva ao encontro com Jesus Cristo mais pelo testemunho de vida e vibração de sua fé do que pela palavra. Precisa ter percorrido o caminho da Iniciação Cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia).

- b) Padrinhos e madrinhas: em sua escolha é necessário superar critérios de amizade e compadrio, sem condições para o exercício dessa importante missão junto aos afilhados. Escolhidos antes da primeira etapa devem ser pessoas que conheçam o candidato e que testemunhem a sinceridade de quem se apresenta à Iniciação.
- c) As famílias no processo da iniciação: são, pela força do sacramento do Matrimônio, os primeiros e principais educadores na fé de seus filhos. Não só participam das reuniões, mas passam a integrar o processo de catequese com adultos, que existe em função dos filhos e como complementação da própria Iniciação. O texto se estende em analisar as diversas situações por que passam as famílias hoje, com relação à vida de fé e insiste na colaboração da Pastoral Familiar no processo iniciático.
- d) Os catequistas: a ação mais forte e comprometedora dos catequistas se dá no segundo tempo, Catecumenato propriamente dito. Na celebração da primeira etapa (passagem do pre-catecumenato para o catecumenato) sejam apresentados os catequistas à comunidade. O texto repete algumas orientações e critérios já estabelecidos no DNC. Insiste numa nova formação dos catequistas, também ela no estilo catecumenal: não se trata de formar o pedagogo apenas, mas sobretudo o mistagogo.

Uma figura de suprema importância é o catequista que foi qualificado para esse serviço. Ele será alguém que tem a responsabilidade de mediar o acolhimento do catecúmeno ou catequisando, da Revelação do Deus amor e de seu projeto salvífico. Ele os encaminha para que cada um e cada uma realize seu encontro pessoal com o Senhor, mediante Jesus Cristo, o Filho de Deus ressuscitado, que nos leva, com o Espírito Santo, à comunhão com o Pai (IVC 97, 141).

- e) A Equipe de Coordenação da iniciação cristã: deve-se organizar uma Comissão da iniciação cristã, formada pelos encarregados da tradicional preparação ao Batismo, à Confirmação e à Eucaristia, a ser substituída pelo processo da Iniciação Cristã. Essa equipe é fundamental para o bom desenvolvimento de todo o processo da Iniciação vai ser vivido.
- f) A comunidade e seu estilo de vida: insiste-se na importância do testemunho comunitário. Diante do frágil compromisso de grande parte dos católicos com o testemunho e a missão, urge, então, um processo iniciático de conversão que dinamize catequizandos e catecúmenos na vivência da fé. Nesse sentido, o processo

de iniciação é benéfico e educativo para a comunidade inteira, não apenas para os iniciantes.

g) Os Ministros ordenados: aqui são abordadas as competências da Conferência Episcopal, particularmente a respeito da inculturação. O Bispo como primeiro responsável pela Igreja particular, é o catequista por excelência e deve ter a catequese como a prioridade das prioridades (são citados: *Catechesi Tradendae* 63; Código e Diretório dos Bispos). Cabe-lhe um zelo especial para com o processo da iniciação cristã e todas as iniciativas de formação continuada em sua diocese. Releva a importância do Bispo no catecumenato primitivo, principalmente por ocasião da mistagogia. Presbíteros e Diáconos: deles depende muito o êxito do processo catecumenal; devem se preparar constantemente para poderem orientar, acompanhar e animar o processo iniciático (cf. RICA 45-47), zelar pela adequada formação dos responsáveis pelos quatro tempos da Iniciação e garantir a celebração e ritos das três etapas de modo vivencial e envolvente.

h) Lugares da iniciação cristã: a Igreja particular é o espaço eclesial de testemunho e evangelização por excelência; não se reduz a um espaço geográfico ou estrutura pastoral. A Igreja, por natureza missionária, deve estar presente e atuante nas diversas situações, lugares e ambientes, como por exemplo, em áreas de necessidade social, famílias, hospitais, meios de comunicação e outros ambientes. Movimentos de nível regional, nacional ou internacional estejam em sintonia com as orientações locais e com a Pastoral Orgânica da Diocese. A unidade da Igreja é mais importante do que a afinidade com qualquer grupo ou movimento, embora se possa e deva contar com sua colaboração.

Por último, o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* proposto, está afinado com os tempos do ano litúrgico, ou seja, gravita integralmente em torno da Páscoa do Senhor.

Quanto à sua forma estrutural, ele está metodologicamente ordenado em torno de três momentos celebrativos que se pode chamar de “graus” que se organizam-se dessa forma: rito de admissão ao catecumenato, rito da eleição ou inscrição do nome, celebração dos sacramentos da iniciação que marcam o caminho em quatro tempos: o pré-catecumenato, o catecumenato, a preparação quaresmal e a mistagogia (CASPANI, 2013, p. 277).

1.1.8 O pré-catecumenato

Etapa de acolhimento da comunidade cristã; momento da primeira evangelização; inscrição do nome e conversa com o catequista bem como participação em ritos. Quando se fala em pré-catecumenato, está se reportando ao primeiro anúncio, sendo ele “o primeiro momento da evangelização, que consiste no anúncio de Jesus Cristo e seu Reino” (NENTWIG, 20013, p. 95).

Esse tempo está “orientado a fazer amadurecer uma vontade de conversão e a decisão de seguir o Senhor Jesus. Nesta fase, a intervenção da Igreja se conota como anúncio fundamental da salvação operada por Cristo” (CASPANI, 2013, p. 277).

Durante esse tempo dever ser feito por catequistas, diáconos e sacerdotes [...], uma conveniente explanação do Evangelho aos candidatos. Sejam ajudados com solicitude, afim de que, cooperando com a graça divina com intenção mais pura e esclarecida, se integre mais facilmente nas famílias e grupos cristãos (RICA 11).

1.1.9 O catecumenato

Esse é o tempo da celebração da entrada no catecumenato. É uma etapa suficientemente longa para a catequese, para a reflexão, para o aprofundamento, para a vivência cristã, para a conversão e entrosamento na comunidade cristã.

Os candidatos participam de ritos inerentes a esse período. É necessário compreender que o catecumenato propriamente dito está vinculado a um tempo bastante significativo de acompanhamento da pessoa ou das pessoas que decidiram trilhar um caminho de fé concreto antes de se abeirar ao sacramento do Batismo.

O período varia de meses até de anos, de acordo com a caminhada de cada pessoa, porque o catecumenato “tem a finalidade de fazer amadurecer a disposição de ânimo manifestada no rito de admissão” (CASPANI, 2013, p. 278).

Incorporado ao anúncio explícito do mistério de salvação, elemento indispensável, sem o qual a pessoa dificilmente será feita cristã integralmente, soma-se “um sério adestramento à vida cristã; ritos litúrgicos próprios que ajudem o caminho de purificação (orações de exorcismos) e sejam fonte de aperfeiçoamento espiritual (liturgia da Palavra, entregas, invocações comunitárias)” (CASPANI, 2013, p. 278).

O catecumenato se conclui com o rito da eleição ou inscrição do nome. Para aceder a ele exige-se uma “firme vontade de receber os sacramentos da Igreja”.

Normalmente colocado durante a celebração eucarística do primeiro domingo da Quaresma, ele prevê uma série de momentos, que acontecem após a homilia:

a apresentação dos candidatos, seguida pela interrogação dirigida aos padrinhos e, eventualmente, à inteira comunidade; a interrogação dos mesmos candidatos, para que confirmem a sua vontade de admitidos aos sacramentos e a inscrição do nome; a solene declaração de eleição e a recomendação aos padrinhos a fim de que assistam os eleitos; a oração litúrgica, concluída por uma oração do celebrante (CASPERI, 2013, p. 278).

1.1.10 A preparação durante a quaresma

A liturgia da eleição dos novos candidatos abre o ciclo de preparação para a quaresma e compreende dois propósitos: “a purificação dos candidatos, mediante a execução de penitência, e a sua iluminação, através de um mais profundo conhecimento espiritual de Cristo salvador” (CASPERI, 2013, p. 278).

Em relação ao aspecto litúrgico, volta-se no assunto sobre o costume antigo da Igreja, o instituto dos escrutínios e das entregas. Os escrutínios são ritos celebrativos pelos quais a Igreja volta-se para o Criador pedindo que Ele examine os corações dos que foram acolhidos como eleitos, lavando-os das suas faltas e encorajando neles a ânsia do acolhimento de Sua redenção.

Esclarece-se assim, a atividade importante que, no horizonte dos exames, (*scrutinium*) têm as orações de exorcismos (*exorcismis*). Essas orações se encaminham para Deus para que preserve os candidatos do mal e, no curso da tradicional catequese da Igreja romana, compreende uma clara alusão aos Evangelhos do Ciclo litúrgico A, que no Lecionário daquele povo compreende os seguintes textos: o primeiro é o de Jo 4, um relato sobre a samaritana, usado no terceiro domingo da Quaresma; o segundo compreende a passagem de Jo 9, sobre o cego de nascença, colocado para o quarto domingo e por último vem o recorte de Jo 11 que fala de Lázaro, o amigo de Jesus, usado durante a liturgia do quinto domingo.

As entregas (em latim: *traditiones*) são programadas nas férias que seguem os escrutínios: a entrega do Creio, na semana sucessiva ao primeiro escrutínio; a do Pai-Nosso, na semana sucessiva ao terceiro escrutínio. Através das entregas, torna-se evidente que a fé é possível somente como acolhimento daquela fé que a Igreja transmite, justamente “entrega” (CASPERI, 2013, p. 279).

Na chamada “Noite Santa” (Vigília Pascal) se conclui o tempo de preparação quaresmal com a celebração dos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia. Poderá ser pensado um outro domingo para melhor expressar a “pastoralidade” desses sacramentos, desde que seja em um dos domingos do tempo pascal.

É escolhido o tempo Pascal para que se aproveite toda a força do tempo da ressurreição do Senhor na vida dos candidatos, porque do lado de Cristo que dorme na cruz, nasceram os admiráveis sacramentos. Por isso, nada melhor do que celebrá-los na noite da ressurreição, ou próximo dela. Aqui está o ápice do itinerário, “a passagem decisiva, através da qual o catecúmeno se torna um “fiel” definitivamente introduzido no mistério de Cristo e da Igreja, seu Corpo” (CASPANI, 2013, p. 279).

1.1.11 A mistagogia

Preliminarmente à incorporação efetiva na vida da comunidade dos féis, o período da mistagogia concede aos que foram recentemente batizados (*neophyti*) uma rica oportunidade de enraizamento na comunidade eclesial. A mistagogia está em sincronia com os cinquenta dias do período pascal, porém, poderá se prolongar por um tempo maior, umas duas semanas a mais, se as circunstâncias da pessoa demandar.

O Ritual solicita que se consagre um zelo essencial aos “neobatizados” durante as missas dos domingos de Páscoa. “Propõe por volta de pentecostes, uma celebração particularmente solene para assinalar o encerramento deste tempo, que é também o mais adaptado para a recepção dos sacramentos da Penitência” (CASPANI, 2013, p. 280).

Para concluir, como está afirmado no documento catequese renovada, o catequista da iniciação cristã recebe a delegação da Igreja, isto é, do Bispo e da comunidade e, portanto, age e fala em nome da Igreja.

É fundamental que ele vivencie seu ministério catequético como uma vocação e missão privilegiadas. Sem dúvida, trata-se de um dom de Deus, mas que precisa ser bem acolhido e cultivado com a ajuda de uma adequada formação e de todos os meios possíveis que subsidiem o seu crescimento na fé, na esperança, no amor na competência em conteúdo, na pedagogia e especialmente na espiritualidade.

Por isso, não é redundante afirmar, mais uma vez, que a iniciação cristã de inspiração catecumenal exige uma nova formação dos catequistas, caso contrário não acontecerá a almejada renovação da catequese e da Igreja.

Não se trata de formar professor de religião, ao estilo escolar, mas de uma pessoa investida com uma especial para colaborar na educação da fé, o que implica vivência profunda da adesão a Jesus Cristo, à sua Igreja e à missão e, também, um processo pedagógico original, por lidar com pessoas que estão no caminho específico da explicitação e maturação da fé (IVC 97, 143).

A missão do catequista da iniciação cristã, nesse sentido, é ampla e com inúmeras exigências. Dele se requer alta competência no conhecimento da fé, por isso deve se oferecer, através de uma eficaz formação, os conteúdos centrais contidos na pessoa, mensagem e missão de Jesus Cristo, no ensinamento da Igreja, nas Sagradas Escrituras. Exige-se também, desse catequista, a intensa vida espiritual, participação na comunidade eclesial, uma ampla cultura geral e compromisso com a transformação evangélica da sociedade (cf. IVC 97, 144).

É prudente que o candidato inicie seu compromisso de catequistas da iniciação cristã como auxiliar de alguém experiente, ao mesmo tempo em que faz sua preparação específica na escola paroquial ou diocesana.

Fala-se em critério para que se possa ser um catequista da iniciação cristã e entre estes critérios, os mais evidentes são:

- 1) Tenha recebido os sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia;
- 2) Não tenha impedimento canônico que o impeça de exercer função ou ministério na Igreja;
- 3) Vivam com simplicidade seu testemunho de vida cristã;
- 4) Tenha boa formação humana;
- 5) Equilíbrio psicológico;
- 6) Facilidade de trabalhar em grupo;
- 7) Bom relacionamento com os outros;
- 8) Dedicção;
- 9) Comunicação;
- 10) Criatividade.

2 O Ritual do Batismo das Crianças de 1969

A recomendações sobre a renovação do rito de Batismo de crianças e do rito da Confirmação feita pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, mantêm-se substancialmente desassociadas e se situam, quase que puramente, no prisma da celebração.

Não há, portanto, um acordo explícito “entre o rito sacramental e a mais ampla ação pastoral de introdução de crianças e meninos (as) na vida cristã” (CASPANI, 2013, P. 280). Nesse sentido, os rituais que dão performance às instruções do Concílio estão empobrecidos por causa dessa deficiência e, apesar de acanhadas tentativas de caminhar um pouco mais além, não alcançam um fundamento de unidade como existe na Iniciação à Vida Cristã dos Adultos.

Deste modo, para “um único Ritual de Iniciação Cristã de Adultos correspondem dois distintos rituais: o Ritual de Batismo das Crianças e o Ritual da Confirmação” (CASPANI, 2013, p. 281).

2.1 O iter redacional

O Documento do Vaticano II sobre a Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), prescreve as seguintes instruções modelares para a renovação do Ritual Batismal designado aos infantes: “o rito deve ser adaptado à situação real das crianças, dando maior relevo às figuras de acompanhamento, a partir dos pais” (CASPANI, 2013, p. 281).

Somado a isso, durante os anos de 1965 a 1968, durante o projeto de correção, aflora a atenção para uma formatação textual que coloque nas celebrações litúrgicas o caráter mais evidente do sentido teológico do sacramento celebrado. Dessa fase brotam quatro posteriores parâmetros de avaliação textual:

Evidenciar a intrínseca referência do sacramento do Batismo ao mistério pascal; explicitar a noção de Batismo como *sacramentum fidei*, remarcar o nexo teológico do Batismo com a Confirmação e a Eucaristia; dar novo vigor à dimensão eclesiológica do sacramento do Batismo, seja no aspecto dos efeitos sacramentais, seja no da celebração litúrgica (CASPANI, 2013, p. 281).

O requisito de algumas proposições especiais inerentes ao Ritual proposto para os infantes conduz à implantação, além das considerações proemiais globais,

similarmente a sequência “Batismo das Crianças – Observações preliminares. O Ordo completo, com as duas séries de Observações e os diversos capítulos para a celebração foi promulgado no dia 15 de maio de 1969” (CASAPNI, 2013, p. 282).

1.1.1 Anotações particulares

Na vanguarda, o estudo desvenda que os “infantes” para os quais é indicado o Ritual são todos aqueles que ainda não conquistaram o período racional da vida e, por isso, estão incapacitados de confessar pessoalmente a fé por si mesmos sendo necessários outros (pais, padrinhos, a comunidade) responderem por eles.

São os que ainda não estão em condições de se expressarem publicamente através da linguagem falada, a sua fé. No entanto, há uma tríplice razão que assegura o direito de conferir, também a estes, o sacramento do Batismo: “a praxe em ato da Igreja desde os primórdios, o apelo ao dado bíblico (Jo 3,5) e a referência à “fé da Igreja, professada pelos pais, pelos padrinhos e por outras pessoas presentes ao rito”” (CASAPNI, 2013, p. 282).

Na verdade, quando se fala em batizar as crianças, logo se deve pensar num conjunto bem maior do que simplesmente o momento ritual onde está presente os pais e os padrinhos e o celebrante seja ele “leigo” ou clérigo. Por isso, seguindo essa perspectiva:

O primeiro sujeito ministerial envolvido nas celebrações batismais é toda a comunidade cristã. Aos pais é reconhecida uma tarefa preeminente com relação à dos padrinhos: uma tarefa que os envolve antes da celebração, mediante uma adequada preparação; durante a celebração, que os vê exercitar “um verdadeiro ofício litúrgico”, através de gestos que lhe são próprios. Após a celebração, “compete ainda aos pais, [...] levarem a criança ao reconhecimento de Deus, de quem se tornou filho adotivo, bem como cuidarem para que receba a Crisma e participe da Eucaristia (CASAPNI, 2013, p. 283).

No exercício desse compromisso, serão mais uma vez assistidos pelo pároco, por intermédio de um itinerário convenientemente adequado. O Ordo prevê, em vista disso, que se tenha uma correspondência “mais orgânica entre a comunidade cristã e as famílias das crianças a serem batizadas” (CASAPNI, 2013, p. 283).

O período próprio para o batismo é nas primeiras semanas que precede o nascimento e o tempo litúrgico aconselhado pelo Ritual fica sendo o da vigília pascal

ou o domingo, assim se evidencia de maneira mais explícita o caráter pascal do sacramento.

2.1.2 O projeto do ritual

O projeto ritual do Ordo Batismal de Crianças está organizado em quatro tempos: ritos da acolhida, liturgia da Palavra, liturgia do Sacramento e ritos finais. Analogicamente essa estrutura está em evidência com o rito da missa. A indicação feita pelo livro litúrgico é a de que cada um dos tempos seja celebrado em lugares diferentes dentro do espaço celebrativo, contribuindo assim com a luminosidade do caráter próprio presente em cada um deles.

2.1.3 O rito de acolhida

Esse rito tem a indicação de que seja presidido às portas da Igreja. Esse é o costume ordinário. Depois do canto de abertura e a saudação de quem preside a celebração, é perguntado aos pais ou responsáveis o nome da criança lembrando a estes “a missão de educação na fé que eles assumem ao pedir o Batismo para seus filhos e filhas” (CASPANI, 2013, p. 284).

Conseqüentemente, os padrinhos são interrogados se estão de acordo e com disposição interior para ajudar os pais ou os que são responsáveis pela criança e que a trouxeram até a Igreja, na educação desta mesma fé. Em seguida, o presidente traça o sinal da cruz na fronte da criança acolhendo-a na Igreja.

Seguido a mesma fórmula, imediatamente os “pais”, depois os padrinhos fazem a mesma coisa exprimindo, concomitantemente “a acolhida por parte da comunidade cristã e a decisão dos pais e padrinhos de se empenharem para educar as crianças na fé da Igreja” (CASPANI, 2013, p. 284), entendo que está fé que a Igreja professa e transmite aos seus tem sua gênese e seu cume no “mistério da cruz”.

2.1.4 A Liturgia da Palavra

É importante que o desenrolar dos ritos tenham seus momentos distintos e que essa passagem de um momento para o outro seja evidente para os participantes. É uma experiência enriquecedora o movimento feito pelos fiéis de um local para o outro,

porque o povo de Deus é um povo que está sempre em caminho, sempre adiante no seguimento de Jesus.

Segundo o Ordo a sequência é: concluído o rito da acolhida passa-se para o rito da Palavra, depois para o rito batismal e, por fim, para os ritos finais onde os participantes são despedidos e voltam para suas casas. Portanto, terminado o rito da acolhida, organize-se uma procissão até a mesa da Palavra onde todos participarão escutando as leituras e salmos propostos, lembrando que esse momento é flexível podendo fazer a escolha das leituras de maneira que atenda a necessidade daquele momento.

Imediatamente pode ser feita uma breve homilia, seguida de preces comunitárias e invocação dos santos (ladainha). Privilegie-se os patronos dos batizados e da Igreja local que está gerando naquele momento, cristãos para a comunidade.

O novo Ritual conservou duas sequências muito antigas: a oração do exorcismo e a unção pré-batismal. O Ordo pós-tridentino previa três orações de exorcismo em forma de esconjuro, isto é, de ordem dirigida a Satanás para que saísse do corpo do batizando. O novo Ritual prevê, ao contrário, um só exorcismo em forma deprecativa: o sacerdote não afugenta mais o demônio do corpo da criança, considerado à revelia de um endemoninhado, mas, recordando a obra salvífica que Deus-Pai realizou no seu Filho para libertar o ser humano do mal, pede a sua intervenção em favor das crianças que estão para ser batizadas. (CASPERI, 2013, p. 285).

2.1.5 A Liturgia do sacramento

É bom que essa liturgia seja realizada no chamado batistério (*baptisterium*), lugar específico dentro da Igreja, fora do plano central, para a realização do Batismo entre os cristãos. O batistério é um local onde geralmente está localizada a fonte batismal que pode ser fixa ou móvel. Ou em outro lugar mais adaptado onde todos possam acompanhar (ver) o rito, mesmo que de longe.

Em primeiro lugar se faça a bênção da água. Essa bênção sempre será feita em todas as celebrações de todos os batismos, se for fora do tempo pascal. Durante o tempo pascal, usa-se a água que foi benzida na noite da vigília.

Atestada a partir da *Traditio apostólica* e desaparecida no corpo da Idade Média, a bênção da água foi retomada, sobretudo, pelo seu valor catequético e pedagógico. As diversas orações utilizadas perseguem, com efeito, um duplice objetivo: introduzir à compreensão do sinal sacramental da água à luz

da revelação bíblica e indicar na efusão do Espírito Santo a razão da sua eficácia sacramental. Em concreto, o ritual promove três diversas modalidades de bênção: a antiga fórmula gelasiana, revista e simplificada, a ser usada somente fora do tempo pascal, à qual se acrescentam duas fórmulas de nova composição: a estrutura litânica, a ser usada obrigatoriamente no tempo pascal e facultativamente em todos os outros tempos do ano (CASPERANI, 2013, 285-286).

Depois que a água foi abençoada, é momento de fazer a renúncia do demônio e professar a fé. Esses dois momentos complementam necessariamente o gesto batismal e é o elo entre a fé professada e o sacramento celebrado, a escolha contra o pecado e a decisão de acolher o convite de Deus. Somado a isso, ainda deixa evidente o apreço pela vivência na comunidade onde todos professam a mesma fé e segue o Cristo Salvador ajudados pelos pais e pela própria comunidade, elemento importante na vida de cada um dos que foram batizados.

2.1.6 Os ritos conclusivos

Esse rito acontece em torno do presbitério levando ao entendimento de que a celebração do sacramento do Batismo volta-se para o sacramento da Eucaristia, portanto, para o altar. A tendência do sacramento do Batismo para a Eucaristia é percebida igualmente no momento em que se faz a motivação para se rezar a oração do Senhor, o Pai Nosso quando se diz: “antes de participar do banquete da Eucaristia, sinal de reconciliação e vínculo de união fraterna, rezemos, juntos, como o Senhor nos ensinou” (LE 125).

Nessa monição encontra-se o testemunho mais cristalino sobre o sacramento do Batismo como o “primeiro grau sacramental da iniciação cristã” (CASPERANI, 2013, p. 288), seguido da Confirmação e, por fim, da Eucaristia.

É relevante elucidar três questões importantes no final da celebração: as bênçãos das mães ligada à tradição da bênção pós-parto do ritual publicado depois do Concílio de Trento; a bênção dois pais como uma inovação, também inspirada na atenção do Concílio para com os pais; o canto final expressão da “alegria pascal e ação de graças ou também com o canto do Magnificat” (CASPERANI, 2013, p. 288).

3 O Ritual do Sacramento da Confirmação de 1971

Essa parte da pesquisa tem como objetivo trabalhar o lter redacional, a constituição *Divinae Consortium Nature*, os *Praenotanda particularia de confirmatione* e por último a estrutura da celebração do sacramento.

3.1 O iter redacional

O vigente *Ordo Confirmationis* publicado em 22 de agosto de 1971 acompanha a constituição apostólica *Divinae Consortium Naturae* e foi elaborado de maneira que estivesse de acordo com as instruções dadas pela *Sacrosanctum Concílium* pelo fato deste sacramento estar em íntima conectividade com todo o processo de Iniciação à Vida Cristã.

A promessa batismal por exemplo é feita antes do sacramento, oportunamente a Confirmação poderá ser feita dentro da missa. Trata da Confirmação em extrema conexão com o Batismo. Discute a questão do ministro, da matéria, da forma e da idade da pessoa para receber o sacramento.

3.1.1 A constituição apostólica *Divinae Consortium Naturae*

No início do texto se tem a recordação da conhecida similitude acerca da vida divina transmitida pelos sacramentos e a vida biológica surgida naturalmente nesta terra. O nascer, o crescer, o alimentar-se, explicita “a vida física e correspondem, no organismo sacramental, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia” (CASPERI, 2013, p. 290).

A “unidade da iniciação cristã” é, portanto, explicitamente indicada como o critério guia que orientou a revisão do ritual da Confirmação, conforme indicação de SC, n. 71. A conexão da Confirmação com o Batismo e a Eucaristia é lembrada também lá onde se evidencia a especial importância da Crisma “em vista da iniciação sacramental”, através da qual os fiéis são incorporados a Cristo.

No âmbito de tal iniciação sacramental, a especificidade da Confirmação é encontrada refazendo-se, sobretudo, a LG, n. 11 (EV 1/313ss), que apresenta totalmente os efeitos desse sacramento na linha do crescimento e do reforço daquilo que já foi realizado pelo Batismo (CASPERI, 2013, p. 290).

A reflexão primordial, correspondente ao fruto do sacramento da Confirmação, incide no fato de que através desse sacramento, os que ressurgiram da “morte” pelo sacramento do Batismo recebem o dom do Espírito Santo e com a participação no sacramento Eucarístico, são inseridos de maneira plena na Igreja, corpo de Cristo.

Na sustentabilidade desse argumento, a pregação se centraliza no tema da retificação do “sinal sacramental” primordial, pelo qual “os fiéis recebem como dom o Espírito Santo” (CASPANI, 2013, p. 291). Com esse objetivo, depois de ter sumariamente recapitulado os elementos do Novo Testamento relacionados à presença e operação do Espírito Santo, o texto inaugura o estudo a respeito da prática das Igrejas orientais e ocidentais, constatando que desde de os tempos mais antigos, a Confirmação era realizada na Igreja percorrendo ritos distintos, mas adequados suficientemente para conservar o significado da comunicação do Espírito Santo.

O estudo orientado para o núcleo da tradição latina consente que se recolham os testemunhos magisteriais favoráveis à unção crismal, recordando também a oposição de muitos teólogos nesse sentido. Na discussão do texto, verifica-se uma certa preocupação para com as informações bíblicas originárias, que faz a seguinte menção:

Há uma imposição das mãos pós-batismal, no qual a tradição católica reconhece “a primeira origem do sacramento da Confirmação”, e o testemunho da tradição litúrgica e dogmática sucessiva, onde prevalece a crismação, sem que isto conote o desaparecimento da imposição das mãos (CASPANI, 2013, p. 291).

O produto do estudo é condensado, certificando que na “administração” do sacramento da Confirmação, quer nas Igrejas orientais, quer nas Igrejas ocidentais, ainda que de várias maneiras, promoveu o principal lugar para a chamada “crismação” que de algum modo denota a imposição das mãos, consagrada pelos apóstolos. Haveria, desse modo, uma sequência entre a tradição dos apóstolos no que tange a imposição das mãos e a assinalação com o Crisma, sendo que esse segundo gesto tomaria o lugar do primeiro e seria, ele mesmo, uma imposição das mãos.

Quanto às palavras que acompanham, a escolha feita é decididamente inovadora: à embora “veneranda fórmula”, em uso na Igreja latina, é preferida “a antiquíssima fórmula própria do rito bizantino, com a qual se exprime o dom do Espírito Santo e se recorda a efusão do Espírito Santo acontecida no dia de Pentecostes”. A constituição conclui-se com esta solene declaração:

O sacramento da Confirmação confere-se mediante a unção com o crisma sobre a fronte, que se faz com a imposição da mão e mediante as palavras: *'Accipe signaculum doni Spiritus Sancti'*. Uma vez precisada nesses termos a “essência mesma do rito sacramental”, dá-se grande relevo à imposição geral das mãos, que precede a crismação, e à oração que a acompanha. Tal imposição das mãos, com efeito, bem distinta daquela com a qual é feita a crismação, “serve para integrar, maiormente o mesmo rito e favorecer uma maior compreensão do sacramento (CASPERI, 2013, p. 292).

3.1.2 Os *Praenotanda* ao ritual

Chamando a atenção para a dignidade da Confirmação, os primeiros dois parágrafos dos *Praenotanda* a configuram, antes de tudo, como continuação do “caminho de iniciação cristã. Pela Confirmação a pessoa batizada recebe o Espírito Santo de Deus que a conforma em Cristo e lhe confere forças necessárias para ser dentro da comunidade, aquele testemunho necessário para a construção da Igreja.

Menciona-se também o “caráter indelével” desse sacramento e por isso não é possível a sua repetição: ao ser conferido a uma pessoa, ele será preservado para sempre. Na segunda alínea é planteada “os ofícios e os ministérios” que fazem parte deste sacramento, bem como o desenrolar do rito, aquilo que pode ser adaptado e tudo o que for necessário para a celebração.

Apresentando os ofícios e os ministérios envolvidos na celebração da Confirmação, os *Praenotanda* acentuam a conveniência da figura do padrinho e precisam as duas tarefas, introduzindo uma anotação de caráter pastoral, que tinha sido apresentada já na fase preparatória do concílio. “Dada a atual situação pastoral, é bom que o padrinho da Confirmação seja o mesmo do Batismo. Dessa forma, acentua-se de modo melhor o nexo entre Confirmação e Batismo, bem como o ofício e a tarefa do padrinho têm mais eficaz relevo (CASPERI, 2013, p. 293-294).

Peculiar atenção deve ter a pessoa do “ministro”. O *Ordo Confirmationis*, retomando o que dizia a LG, n. 26, publicado no ano de 1971, coloca o bispo como o ministro “originário” de tal sacramento e não como falava o Concílio de Trento, ou seja, que o bispo, e somente ele, era o ministro “ordinário”. Essa nova visão trazida pelo Ritual justifica a prática das Igrejas do Oriente, tornando viável considerar o presbítero como ministro “ordinário”, também na Igreja Latina.

No Oriente, como já foi dito antes, o presbítero, devido a questões pastorais, era quem conferia os três sacramentos. No entanto, as normas canônicas do Código de 1983, volta a formular a expressão “ministro ordinário”, por entender essa fórmula

mais jurídica e teologicamente correta e que mais corresponde à tradição Latina, só que apresenta também, e isso é um ganho para a Igreja, duas novidades: “não diz mais que só o bispo é ministro “ordinário” nem qualifica mais o presbítero delegado como ministro “extraordinário”. Com base nesses dois dados, parece que “também o presbítero possa ser considerado ministro ordinário” (CASPERANI, 2013, p. 294-295).

O assunto divergente da idade para a recepção do Sacramento da Confirmação é agravado segundo uma pesquisa que coloca em relevo as distintas circunstâncias da pessoa que deseja receber o Sacramento. Sabe-se, portanto, que habitualmente, “os catecúmenos, adultos ou crianças em idade de catecismo, recebem a Crisma na mesma celebração na qual são batizados e admitidos à Primeira Eucaristia no âmbito de uma única celebração comunitária” (CASPERANI, 2013, p. 295).

Quanto aos infantes que receberam o Sacramento do Batismo enquanto infantes, a prática da Igreja Latina é de protelar a Confirmação até a idade de sete anos. No entanto fica aberto para que as conferências episcopais possam prescrever uma idade em que a pessoa esteja mais amadurecida na caminhada de fé e, com isso, recebam uma preparação mais condizente com a gravidade do sacramento.

No que diz respeito ao que foi estipulado para os adultos e os infantes que não foram batizados, a obra sinaliza uma situação distinta. Há casos, portanto, que a atenção se volta para garantir o fundamento interno que circunda os três admiráveis sacramentos da iniciação cristã. “Aqui, contrariamente, a questão da idade da confirmação é afrontada de forma autônoma, de todo desligada do quadro da iniciação cristã” (CASPERANI, 2013, p. 295-296).

Efetivamente, esse consentimento corre o risco de esvaziar as verdades ditas sobre a unidade dos três sacramentos:

Unidade e progressão reafirmadas, lá onde se indica como normal o conferimento durante a missa, “porque ressalta melhor o nexos íntimo deste sacramento com toda a iniciação cristã, que atinge seu vértice na comunhão do corpo e do sangue de Cristo (CASPERANI, 2013, p. 296).

3.1.3 O projeto do rito

A sugestão ritual atualmente vigente realizada tanto dentro da celebração da missa ou fora dela, leva consigo quatro momentos: o primeiro deles é a renovação das promessas batismais, em segundo tem-se a imposição das mãos, em terceiro

segue o momento crismal finalizado com o quarto momento, ou seja, as preces da comunidade.

O primeiro momento tem a finalidade de criar uma explícita ligação com o Batismo”. (...) A imposição das mãos é um gesto que na Bíblia retorna várias vezes com significados diversos. No nosso caso, o seu sentido é esclarecido pela oração epiclética que a acompanha; após ter recordado a ação regenerativa do Espírito no Batismo, a oração invoca a efusão do Paráclito, com a plenitude dos seus dons, explicitados na linha do clássico septenário em Is 11, 2.

Com a crismação se chega no momento especificamente sacramental da celebração. O bispo mergulha o polegar na crisma (óleo misturado com perfume) e traça um sinal sobre a fronte do candidato, dizendo: “Recebe o selo do Espírito Santo, que te é dado como dom”. (...) A oração dos fiéis, por fim, relembra os efeitos principais do sacramento, invocando a plena correspondência a ele por parte das pessoas que o receberam.

4 Considerações finais

Ao finalizar esse segundo capítulo, notamos que o RICA, herdeiro da reflexão feita pelo Concílio Vaticano II, se apresenta como um ritual-marco, que deve adaptar-se às diversas situações, para o contexto da iniciação cristã. Segundo a *Ad Gentes*, n. 14, esse livro assume a iniciação como um itinerário de fé que tem o catecumenato como método para a catequese, culminando com a participação no mistério dessa mesma fé celebrado nos sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia.

De acordo com o RICA, a conformação humana à Santíssima Trindade é iniciada pela formação total e integral durante o período chamado de etapas do catecumenato. O critério progressivo orienta e organiza as orações e os ritos. Durante esse tempo, a iniciativa humana será transformada pela graça de Deus e, pouco a pouco, o catecúmeno ou catequizando é introduzido na comunidade de fé que é a Igreja.

O eixo orientador de sentido do processo polariza-se na celebração sacramental. O RICA repropõe o lugar e o sentido tradicional do sacramento de iniciação. Os três sacramentos são celebrados em íntima unidade, como posterior aprofundamento mistagógico. Em sua origem, o RICA tem três finalidades: significar

de maneira nova a unidade da iniciação, marcar ritualmente os tempos da catequese e sublinhar o caráter pascal do batismo.

Nesse sentido é que colocamos o RICA como um livro litúrgico, não somente usado com catecúmenos e catequizandos, mas também para a formação de catequistas da iniciação cristã de inspiração catecumenal.

Os fatos presentes nesse ritual nos animam para uma compreensão de que só é possível uma verdadeira iniciação cristã de acordo com o RICA à medida que formos implementando uma pastoral da iniciação cristã de inspiração catecumenal, verdadeiramente efetiva. Essa pastoral, primordialmente, nesse caso, é composta pelos catequistas.

É evidente que, aos poucos, a partir de catequistas entendidos desse método, através de uma formação que deu condições para tanto, a tradicional preparação para os sacramentos da iniciação: Batismos, Confirmação e Eucaristia, cederão lugar ao processo de iniciação cristã como almejamos.

A pastoral de iniciação cristã, com catequistas realmente formados por um processo também de inspiração catecumenal, será fundamental para a maneira como todo o processo da iniciação cristã vai ser vivido. Essa pastoral será mentora de escolas catequéticas de inspiração catecumenal, tanto para a formação de novos catequistas de base (paróquia), ou catequistas formadores, que poderão exercer função de coordenadores de novas equipes. Essa formação, um pouco mais aprofundada está no âmbito da diocese. Uma pastoral como essa, elaborará subsídios de estudos e atenderá de maneira personalizada cada comunidade que deseja efetivar a catequese de iniciação cristã no seu interior (cf. IVC 97, 146).

Por sua vez, os membros da referida pastoral, os catequistas, devem receber uma adequada formação à iniciação cristã de caráter catecumenal. Assim poderão, com conhecimento de causa, ajudar na formação de todos os catequistas para um novo processo formativo dos fiéis, como pede o *Documento de Aparecida* em seu capítulo VI. Conheçam, portanto, muito bem o RICA e tenha capacidade para fazer as adaptações necessárias (cf. IVC 97, 147).

Nesse processo formativo é importante, com os conteúdos da fé cristã, promover e estimular a vivência da fé, a fraternidade, o assumir do ministério evangelizador e catequético, e a arte de coordenar e formar catequistas da iniciação cristã entusiasmados e encantados com o Senhor (cf. IVC 97, 148).

ESTUDO DA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS NA IGREJA

No capítulo anterior estudamos o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), como modelo inspirador para a formação de catequistas da iniciação cristã de inspiração catecumenal. Chegamos ao terceiro capítulo com a intenção de trazer uma compreensão do modelo de formação de catequistas pós-Concílio Vaticano II, baseando-se no que diz o Magistério da Igreja Universal, da Igreja Latino-Americana e da Igreja brasileira.

São as chamadas fontes da catequese, conseqüentemente da formação de catequistas contendo cada uma a sua própria linguagem, que se encerra numa rica variedade de documentos da fé. Nesse sentido, o “período pós-conciliar, mais que qualquer outro, foi também pródigo em novos instrumentos e em diretrizes para uma renovação metódica da catequese eclesial (ALBERICH, 2004, p. 85-86).

A catequese e a formação dos catequistas se apoiara na tradição viva expressada e refletida nesses documentos: Bíblia, textos litúrgicos, escritos dos santos Padres da Igreja, formulações do magistério, símbolos da fé, testemunhos de santos, reflexões teológicas. Sem beber nessas fontes é impossível fazer uma boa transmissão da fé.

1 O Magistério Universal

1.1 Diretório Geral de Catequese

Sob a força do Concílio Vaticano II, surge em 1971, o primeiro Diretório Geral para a Catequese da Igreja (DGC), publicado a pedido do Decreto *Christus Dominus* (cf. CD 44) sobre os bispos. Em obediência a este mandato conciliar, a Congregação para o Clero valeu-se de uma especial Comissão de especialistas e consultou as Conferências Episcopais do mundo, as quais enviaram numerosas sugestões e observações a este propósito. O texto preparado foi revisto por uma Comissão teológica *ad hoc* e pela Congregação para a Doutrina da Fé. No dia 18 de março de 1971 foi definitivamente aprovado por Paulo VI e promulgado no dia 11 de abril do mesmo ano, com o título Diretório Catequético Geral (cf. DCG 1).

1.1.2 O Diretório Geral para a Catequese articula-se da seguinte forma:

– Uma Exposição Introdutiva, na qual se oferecem orientações fundamentais para a interpretação e a compreensão das situações humanas e das situações eclesiais, a partir da fé e da confiança na força da semente do Evangelho. São breves diagnósticos da realidade em vista da missão.

– A Primeira Parte possui três capítulos e enraíza de forma mais acentuada a catequese na Constituição *Dei Verbum*. Colocando-a no quadro da evangelização presente em *Evangelii Nuntiandi e Catechesi Tradendae*. Propõe, além disso, um esclarecimento da natureza da catequese.

– A Segunda Parte consta de dois capítulos. No primeiro, sob o título « Normas e critérios para a apresentação da mensagem evangélica na catequese », com nova articulação e numa perspectiva enriquecida, reúnem-se, em sua totalidade, os conteúdos do capítulo correspondente do texto anterior. O segundo capítulo, completamente novo, serve à apresentação do Catecismo da Igreja Católica como texto de referência para a transmissão da fé na catequese e para a redação dos Catecismos locais. O texto oferece também princípios básicos em vista da elaboração dos Catecismos para as Igrejas particulares e locais.

– A Terceira Parte mostra-se suficientemente renovada, formulando também as linhas essenciais de uma pedagogia da fé, inspirada na pedagogia divina; questão esta que diz respeito tanto à teologia como às ciências humanas.

– A Quarta Parte tem por título “Os destinatários da catequese”. Em cinco breves capítulos, se presta atenção às situações bastante diferentes das pessoas às quais se dirige a catequese, aos aspectos relativos à situação sócio-religiosa e, de modo especial, à questão da inculturação.

– A Quinta Parte coloca como centro de gravitação a Igreja particular, que tem o dever primordial de promover, programar, supervisionar e coordenar toda a atividade catequética. Adquire um particular relevo a descrição dos respectivos papéis dos diversos agentes (que têm o seu ponto de referência sempre no Pastor da Igreja particular) e das exigências formativas em cada caso.

– A Conclusão, exorta a uma intensificação da ação catequética no nosso tempo e coroa a reflexão e as orientações com um apelo à confiança na ação do Espírito Santo e na eficácia da palavra de Deus semeada no amor (cf. DCG 8).

1.1.3 *Evangelii Nuntiandi*

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN) foi um dos maiores documentos da Igreja do século XX. Não fala da catequese, mas apenas da Evangelização, cuja finalidade é a mudança interior; ela deve transformar a humanidade a partir de dentro e construir uma nova humanidade. A catequese, conforme a EN, faz parte da Evangelização, mas não é toda a Evangelização. Está integrada num corpo dentro do qual desempenha sua função específica e importante.

Uma via que não há de ser descurada na Evangelização é a do ensino catequético. A inteligência, nomeadamente a inteligência das crianças e dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história. Tal ensino deve ser ministrado de tal modo a educar os hábitos de vida religiosa e não para permanecer apenas no intelectual (EN 44).

“A conversão deve atingir a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, a vida e o meio concreto que lhes são próprios” (EN 18).

1.1.4 O Sínodo sobre a Catequese

Por ocasião da preparação do Sínodo de 1977 sobre a catequese, a CNBB expressou seu pensamento também nesta perspectiva antropológica: objetivo da catequese é ajudar as pessoas a interpretar cristãmente a sua existência e a transformar suas vidas e seu meio através de uma luta libertadora em Jesus Cristo.

O conteúdo da catequese é a integração cristã da existência, inserida na história da libertação do povo de Deus. As situações sociais, portanto, são parte integrante do conteúdo da catequese. Nesta mesma linha também estão as propostas da Comissão Representativa da CNBB ao Sínodo de 1977.

O Sínodo de 1977 sobre a catequese empenhou-se mais em descrever a realidade complexa e dinâmica da catequese do que em defini-la em termos acadêmicos. Caracteriza a catequese como expressão típica e privilegiada da primeira evangelização; como apresentação orgânica e sempre aprofundada do mistério cristão; como educação gradual e permanente da personalidade cristã; como iniciação

da vida da Igreja; como educação quotidiana para levar à coerência entre fé e vida; segundo as exigências e as possibilidades próprias de cada fiel; como autorealização da Igreja.

A catequese é uma forma de educação profunda da fé, mediante a apresentação orgânica do plano de Deus, que leva a uma vida em que se proclama e celebra o mistério de Cristo. A catequese há de ser fiel a Deus, ao magistério da Igreja e ao Homem. Deve-se também ter presente que a fé deve ser aceita pessoalmente, mas num sentido eminentemente comunitário, eclesial. A vida, além disso, é parte integrante da catequese.

A catequese é uma ação profética eclesial pela qual as comunidades cristãs adquirem, sob a guia do E. Santo, pela consideração das condições ou situações da existência dos homens e pela reflexão sobre o mistério pascal de Cristo revelado no Evangelho e explicado pela Igreja, uma consciência crítica para fazer uma contínua interpretação existencial da vida e da história dos homens à luz da fé, em ordem a promover a maturidade de sua vida cristã de modo que celebrem o Reino de Deus pela Liturgia já aqui na terra e o instaurem cada vez mais por um engajamento no mundo.

Na Síntese das 34 Proposições que os padres sinodais apresentaram ao Papa como subsídio para a elaboração de uma futura exortação apostólica, encontra-se as seguintes afirmações: a catequese é necessariamente eclesiológica, cristológica, trinitária e antropológica. Ao considerar o nexa entre a fé e a vida quotidiana, é necessário falar da relação pessoal do crente com Cristo. A catequese deve aprofundar o sentido da vida, ensinará cada um a resolver os problemas segundo o Evangelho e a orientar-se segundo as exigências radicais da vocação cristã e de docilidade às moções do Espírito Santo.

Na introdução do documento emitido no final do Sínodo de 1977 - Mensagem ao Povo de Deus - a catequese é descrita como atividade eclesial constantemente necessária para uma intensa e ativa difusão da Palavra de Deus, para o conhecimento mais profundo da pessoa e da mensagem salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo; atividade que leva à educação ordenada e progressiva da fé e se encontra intimamente unida a um contínuo processo de maturação da mesma fé.

Superando toda concepção meramente intelectualista e iluminista, como também toda concepção cultural-noética, a MPD⁹ descreve a catequese como palavra, memória e testemunho. A comunidade cristã, nas suas várias formas, é concebida como lugar, fonte e meta da catequese

A catequese apresenta-se como uma realidade complexa que não se esgota numa só dimensão; olhar a catequese somente por um lado seria empobrecê-la ou distorcer seu sentido verdadeiro.

1.1.5 *Catechesi Tradendae*

Como fruto do Sínodo sobre a Catequese de 1977, o Papa João Paulo II, participando ativamente desse encontro, assinou em 16/10/1979 a exortação apostólica *Catechesi Tradendae*. Nela o Papa pretendeu deter-se em alguns aspectos, os mais atuais e mais decisivos, a fim de consolidar os bons frutos do Sínodo" (CT 4). Reportando-se à tradição primitiva da Igreja, a catequese é apresentada como:

Conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditarem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo" (CT 1).

As catequeses, nesse sentido, têm um duplo objetivo: "fazer amadurecer a fé inicial e educar o verdadeiro discípulo de Cristo mediante um conhecimento mais aprofundado e mais sistemático da pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo" (CT 19).

Outro aspecto evidenciado pelo Papa é a importância que ele dá à catequese sistemática:

Insisto na necessidade de um ensino cristão orgânico, sistemático porque em diversas partes nota-se a tendência de minimizar sua importância [...]. Apresenta características deste ensino sistemático: "que siga um programa e alcance um fim determinado; que esteja centrado no essencial; que seja suficientemente completo; que seja uma iniciação cristã integral (CT 21).

⁹ Mensagem ao povo de Deus.

A instância prevalente do documento é o lugar central dado à Pessoa e ao Mistério de Cristo: sujeito e objeto precípua da catequese, Cristo é a verdade que se transmite, o caminho que se deve palmilhar, a vida de que se participa, o único Mestre que nos guia.

O tema da centralidade de Cristo na autocompreensão do homem e no processo de sua salvação leva a conclusões de envolvimento total dos evangelizadores numa atitude coerente de discípulos fiéis.

Catequizar é levar alguém a perscrutar o Mistério de Cristo em todas as suas dimensões [...] é procurar desvendar na Pessoa dEle todo o designio eterno de Deus que nela se realiza [...]. A finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo; somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Trindade" (CT 5).

Esta Exortação Apostólica constitui também, no espírito do pontificado de João Paulo II, um convite à prudência, à objetividade eclesial e à seriedade profética na obra catequética, sobretudo com a sua insistência sobre a integridade do conteúdo (cf. CT 30).

Numa análise mais ampla da CT, se pode dizer que a catequese vive na confluência de conflitos e se ressentido disto. O Papa deseja oferecer esclarecimentos e se preocupa em não permitir desvirtuamentos e, com direito, dirige algumas questões que se pode reunir em quatro pontos:

- 1) Algumas tensões constatadas na *Catechesi Tradendae*:
 - a) Certezas e buscas na catequese (nº 60);
 - b) Evangelho e ideologias (52);
 - c) Doutrina e vida: ortodoxia e ortopraxis (22);
 - d) Integridade da Mensagem e Transmissão pedagógica (30-31);
 - e) Inculturação e Universalismo do Evangelho (53);
 - f) Investigação teológica e catequese (61);
 - g) Linguagem do Credo e linguagem de hoje (49, 46, 28);
 - h) Estrutura paroquial clássica e hoje na catequese (67);
 - i) Presença e ausência da memorização (55);
 - j) Escola católica e catequese (69);
 - l) Integridade da fé católica e ecumenismo (33);

m) publicações falhas (49-50).

2) Dez características da catequese na *Catechesi Tradendae*:

- a) Cristocentrismo vertebral (nº 5-7);
- b) Integridade da mensagem (30);
- c) Palavra de Deus como princípio (26-27);
- d) Uma Igreja totalmente catequizadora e catequizante (16, 24, 49, 62, 71);
- e) Configurar a identidade cristã-católica (personalidade) (25, 56-57);
- f) Presença da catequese na História (10-13);
- g) Inserção nas culturas (53);
- h) Dinamismo litúrgico (23);
- i) Expressão do Espírito (72);
- j) Seguir a Pedagogia de Deus: amadurece a fé dentro da comunidade e é transformadora (29, 58).

3) Acentuações mais freqüentes na *Catechesi Tradendae*:

- a) Linguagem (9, 49, 59);
- b) Meios de comunicação e meios grupais (46);
- c) Luta pela justiça e libertação (29);
- d) Piedade popular e catequese de adultos (54, 43);
- e) Educação da fé das novas gerações (35-45);
- f) Catequese sistemática (6, 7, 8, 10, 12, 21, 25, 26, 28, 30, 31, 49, etc);
- g) Importância e primazia da catequese na pastoral (15, 63).

4) Questões abertas

- a) O que é mesmo a catequese (17; 18-25)?;
- b) Renovação contínua e fidelidade à tradição (17);
- c) Criatividade metodológica e prudência (51);
- d) Relação entre teólogos e catequetas (61).

2 O Magistério Latino-Americano

2.1 *Medellín* (1968)

Nos documentos recentes da Igreja, *Medellín* ocupa um lugar de destaque, principalmente para a América Latina. Foi a atualização do Vaticano II para nosso continente. O seu documento sobre catequese é atualíssimo: parece que foi escrito ontem. Naturalmente devemos levar em consideração que a época em que foi produzido, era tempo de grande liberdade eclesial, podia-se ousar, sonhar com tempos novos, coisas que no início deste século parecem um pouco distantes.

Deste profético documento pode-se relevar duas afirmações:

A catequese na América Latina deve ser eminentemente evangelizadora, sem pressupor uma realidade de fé antes de oportunas constatações. Pelo fato de se dar o batismo a crianças pequenas, confiando na fé das famílias, já se torna necessária uma evangelização dos batizados como uma etapa na educação de sua fé" (MD 9).

Porém, o que mais caracteriza *Medellín* é situar a catequese dentro do dinamismo transformador da América Latina, relevando sua dimensão antropológica e social (cf. MD 7).

Um texto originalíssimo de *Medellín*, citado em todos os tratados modernos de catequese e que revolucionou toda a concepção de catequese diz o que segue:

A catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, a fim de oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso, deve ser fiel à transmissão, não só da mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, como também à sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje. As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas constituem parte indispensável do conteúdo da catequese. E devem ser interpretadas seriamente, dentro do seu contexto atual, à luz das experiências vivenciais do Povo de Israel, de Cristo, e da comunidade primitiva, na qual o Espírito de Cristo Ressuscitado vive e opera continuamente (MD 6).

2.1.2 *Puebla* (1979)

De 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 realizou-se a *Conferência Episcopal de Puebla*, cujo tema foi a Evangelização. Essa Conferência não poderia deixar de falar da catequese. A documentação específica sobre o tema afirma o seguinte:

A catequese que consiste na educação ordenada e progressiva da fé, deve ser atividade prioritária na América Latina, se quisermos conseguir renovação profunda da vida cristã, e com esta, nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na sociedade (PB 977).

No entanto, ao percorrer todos os vários documentos, podemos ter uma visão completa do tema catequese em Puebla. Eis algumas afirmações:

A fidelidade ao homem latino-americano exige da catequese que ela penetre, assuma e purifique os valores de sua cultura. Por conseguinte, que se esmere no uso e adaptação da linguagem catequética. A catequese deve, por consequência, iluminar com a Palavra de Deus, as situações humanas os acontecimentos da vida para neles fazer descobrir a presença ou ausência de Deus (PB 996-997).

A catequese no *Documento de Puebla* é vista ainda como meio de comunhão e participação responsável pela construção da comunidade (cf. PB 992). Insiste-se ainda na fidelidade a Jesus Cristo, à Igreja e ao Homem no processo de conversão e crescimento na fé. Dos documentos de Puebla surgem 10 dimensões da catequese: a) antropológica; b) histórica; c) bíblica; d) cristocêntrica; e) eclesial; f) litúrgica; g) moral; h) doutrinal; i) testemunhal e pedagógica.

2.1.3 Manual do CELAM

Nesta perspectiva, em 10 de maio de 2003 é assinado pelo CELAM o Manual de Catequética, um instrumento a serviço dos formadores, destinado agora aos seminários da América Latina e Caribe. Diz o Manual:

Nos planos de formação dos pastores do povo de Deus, a catequética é parte integrante do currículo. [...]. Os futuros presbíteros, portanto, precisam adquirir uma formação catequética que os ajude, antes de tudo, a compreender a catequese como momento privilegiado do processo evangelizador, e não como ato pontual, limitado, que começa e termina em si mesmo (MCC, 2003, p. 5).

O terceiro capítulo desse manual traz à tona quatro partes importantes. A primeira trata dos agentes da catequese. São eles: a comunidade cristã, o bispo, os presbíteros, os pais, as pessoas de vida consagrada, os catequistas leigos.

A segunda alude à formação do catequista propriamente dita, sua importância, os critérios usados, suas dimensões, a formação bíblica, os diretórios de catequese a

serem estudados, o a compreensão do catecismo, a formação inicial e permanente, os seminaristas e sua formação catequética, os presbíteros, os formadores de catequistas, a espiritualidade.

Os sacerdotes e seminaristas sofrem de uma falta crônica de preparação adequada no âmbito pastoral geral e catequético em particular. Mas também a formação dos catequistas, não obstante louváveis esforços, deixa muito a desejar e se revela muito distante de poder responder às exigências atuais (ALBERICH, 2004, p. 40).

Na terceira parte, a reflexão toma para si a pessoa dos catequizandos, suas etapas da vida, os adultos, as crianças, os adolescentes, os jovens, a terceira idade, os catequizandos especiais, sua cultura, seu contexto sociorreligioso.

Na quarta e última parte desse capítulo, ele apresenta os ambientes formativos como a família, a comunidade cristã, a comunidade paroquial, a comunidade diocesana, a comunidade eclesial de base bem como os grupos e os movimentos apostólicos. Assim se completa o espaço vazio que faltava na formação dos catequistas.

2.1.4 Documento de Aparecida

A V Assembléia do Episcopado da América Latina e do Caribe (V CELAM) com o lema: discípulos e missionários de Jesus Cristo para que todos n'Ele nossos povos tenham vida, que foi realizada no Brasil, em Aparecida (SP), no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, de 13 a 31 de Maio de 2007, inaugurada por Bento XVI, publica seu Documento conclusivo em fins de Agosto de 2007. Esse foi, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos eclesiais no continente, e seu tema é eminentemente catequético.

Aprofundando cada vez mais a consciência missionária da Igreja, Aparecida aponta mais ainda para um trabalho urgente de evangelização, primeiro anúncio e catequese dentro de um mundo que, cada vez mais, vai se descristianizando. O documento final acentua muito a iniciação cristã (cf. DAp 286-294) e a catequese permanente (cf. DAp 295-300); porém, todo o documento pode ser lido em chave catequética, pois formar discípulos e missionários é a maior tarefa da evangelização e catequese.

Aparecida valorizou muito a catequese. Ela se apoiou plenamente na III Semana Latino-americana de Catequese, e tratou o tema sobretudo na perspectiva da formação dos discípulos e missionários de Jesus Cristo.

3 O Magistério brasileiro

3.1 Catequese Renovada

A CNBB em 15/04/1983 na 21ª Assembléia Geral aprovou o documento Catequese renovada: orientações e conteúdo (CR). É o documento mais importante para a Igreja do Brasil em termos de catequese, até a publicação do novo Diretório Nacional de Catequese (DNC). Realmente, impulsionou a renovação da catequese nestes últimos anos. Entre CR e DNC não há ruptura, mas continuidade.

Catequese como processo de iniciação à vida de fé: é o deslocamento de uma catequese meramente doutrinal para um modelo mais experiencial, da catequese das crianças para a catequese com adultos. Tanto a dimensão doutrinal como a da experiência estão integradas no processo de tornar-se discípulo de Jesus. O processo catecumenal começa a ser o modelo metodológico de uma catequese que quer levar a uma experiência de Deus; vida litúrgica e orante tornam-se indispensáveis.

Iniciação à vida de fé em comunidade: conforme a pedagogia de Deus, Ele se revela no dia-a-dia de pessoas que vivem em comunidade. A catequese é concebida como uma iniciação à fé não só individual, mas comunitária, embora a dimensão pessoal seja também importante. A comunidade de fé se constitui, assim, em fonte, lugar e meta da catequese.

Processo permanente de educação da fé: se a catequese é o momento da iniciação à fé, a formação cristã prolonga-se pela vida inteira. Além das crianças, os adultos começam a merecer maior atenção.

Catequese cristocêntrica: conduz ao centro do Evangelho (*querigma*), à conversão, à opção por Jesus Cristo que nos revela o Pai, no Espírito Santo (dimensão trinitária) e ao seu seguimento. Embora a catequese esteja a serviço da pessoa humana em sua situação concreta (dimensão antropológica), ela procura educar para a vivência do mistério dAquele que revelou o homem ao homem, o novo Adão, Jesus Cristo. É uma catequese cristológica com dimensão antropológica.

Ministério da Palavra: a catequese é considerada anúncio da Palavra de Deus, a serviço da qual se coloca. O verdadeiro catequista tem a convicção (mística) de que é profeta hoje, comunicando a Palavra de Deus com todo seu dinamismo e eficácia, na força do Espírito Santo. A Bíblia é considerada o livro da fé, e por isso mesmo, o texto principal da catequese. Os livros litúrgicos traduzem esta palavra em celebração e os catecismos ou textos de catequese se caracterizam por “dar razões da própria fé”. Os catecismos são utilizados em sua função de subsídio a serviço da iniciação ao conhecimento bíblico. O princípio da interação fé e vida, aplicado à leitura da Bíblia, gera um tipo de leitura vital e orante da Palavra de Deus.

Coerência com a Pedagogia de Deus: a renovação da catequese assume a doutrina sobre a Revelação contida na Dei Verbum, com suas conseqüências. O modo de educar a fé segue o mesmo "processo e pedagogia" que Deus usou para revelar-Se, isto é: revelação progressiva através de palavras e acontecimentos, por dentro da vida da comunidade, o respeito pela caminhada da comunidade, o amor pelos pobres e a conseqüente paciência (em sentido bíblico) no processo de educação da fé.

Catequese transformadora e libertadora: a mensagem da fé, iluminando a existência humana, forma a consciência crítica diante das estruturas injustas e leva a uma ação transformadora da realidade social. CR introduziu o conceito de ações evangélico-transformadoras como aprofundamento do tradicional conceito de atividades pedagógicas. A catequese tem por tarefa introduzir o cristão nestas ações inspiradas pela experiência de Deus na caminhada da comunidade; educam evangelicamente para as mudanças do ambiente que nossa fé exige e inspira.

Catequese inculturada: a catequese quer valorizar e assumir os valores da cultura, a linguagem, os símbolos, a maneira de ser e de viver do povo nas suas diversas expressões culturais. Não se trata só da cultura popular ligada mais ao ambiente rural e às vezes pré-moderno, mas também da cultura surgida da modernidade e pós-modernidade, cujo lugar privilegiado são os grandes espaços urbanos.

O Sínodo dos Bispos de 1977 recolocou na ordem do dia o problema da inculturação da fé cristã nas diversas situações geográficas e históricas e, portanto, a exigência de que a catequese se encarne verdadeiramente nas diversas culturas. Se a palavra de Deus se encarna na história dos homens, é preciso que fique claro em que sentido e em que condições a palavra revelada se relaciona com as diferentes culturas. Assim a catequese, enquanto ministério da palavra, se vê na contingência de ter de aprofundar

sua natureza, pois espera que seja complementar à fidelidade à tradição e à exigência da inculturação (ALBERICH, 2004, p. 105).

Interação fé e vida: o conteúdo da catequese compreende dois elementos que se interagem: a experiência da vida e a formulação da fé. A afirmação do princípio de interação é a recusa do excesso de teoria desligada da realidade e do dualismo que desvaloriza as necessidades do aqui e agora, da vida terrena dos filhos de Deus.

Catequese integrada com as outras pastorais: como dimensão, a catequese está presente em todas as pastorais, e como atividade específica articula-se com as demais. A catequese respira profundamente a vida da Igreja, celebrada na liturgia, expressa nas suas orientações e na prática pastoral das comunidades. A catequese se beneficia dessa articulação ao mesmo tempo em que contribui para uma pastoral orgânica ou de conjunto.

Fonte de espiritualidade: um dos temas centrais da formação do catequista é sua espiritualidade: ela brota da vida em Cristo e se expressa a partir da própria atividade de educador da fé, da mística daquele que está a serviço da Palavra de Deus. É uma espiritualidade bíblica, litúrgica, cristológica, trinitária, eclesial, mariana e encarnada na realidade do povo.

Opção preferencial pelos pobres: a Igreja redescobriu os pobres não só como destinatários de sua missão, mas também como evangelizadores. Não se trata de um tema da catequese, mas de uma perspectiva geral, que orienta concretamente objetivos, sujeitos e destinatários, conteúdo, métodos, recursos e a própria formação de catequistas.

Temas e conteúdo: a CR descreveu em sua terceira parte os temas fundamentais da catequese. Trata-se de um conjunto de mensagens a ser adaptado aos destinatários quanto à seleção de temas, linguagem, metodologia. Deseja-se principalmente que seja vivido na caminhada da comunidade. O eixo central que permeia a apresentação da mensagem é o da comunhão-participação num processo comunitário. A quarta parte de CR descreve o processo pelo qual interagem o conteúdo da fé e a transformação da vida pessoal e social.

3.1.1 Estudos 59 da CNBB

Catequistas de todo o Brasil foram premiados no dia do catequista em 1990 com este texto que faz parte da coleção Estudos da CNBB.

O texto aborda praticamente todos os problemas da formação de catequistas: o estudo do ministério da catequese e a pluralidade da vocação do catequista, a necessidade e os pressupostos teológicos da formação, o lugar próprio desta formação (sobretudo o grupo de catequistas, a comunidade, e a escola formal de catequista em seus vários níveis).

Aprofunda as metas da formação, colocando em primeiro lugar o crescimento humano e cristão do catequista, e depois o conhecimento da mensagem e as questões metodológicas. Um capítulo inteiro é dedicado aos fundamentos teológico-pastorais da formação: a questão eclesiológica (catequistas para uma Igreja servidora) e a tríplice fidelidade: à pessoa humana, a Cristo e à Igreja; uma quarta é acrescentada: atenção à realidade sócio-cultural.

Finalmente o texto termina com um longo capítulo dedicado às dimensões e conteúdos da formação do catequista. É o capítulo central, bastante sintético mas vigoroso pelos temas que aborda: formação pessoal e comunitária, espiritual, bíblica, teológico-doutrinal, litúrgica, psicossocial, ético-moral, metodológica; os dois últimos assuntos são dedicados ao processo de avaliação e ao papel da coordenação e formação do coordenador

3.1.2 O Diretório Nacional de Catequese

Para enriquecer todo esse empreendimento da Igreja no processo histórico de caminhada catequética, no Brasil, dia 8 de setembro de 2006 é aprovado pela Congregação para o Clero o Diretório Nacional de Catequese (DNC), um serviço de fé, abençoado pela Santíssima Trindade em favor de todos os homens e mulheres do Terceiro Milênio “que misteriosamente movidos pelo Espírito Consolador, poderão seguir melhor a Cristo, a cada dia, iluminados por Maria, Estrela da evangelização e Virgem de Pentecostes” (DNC, 2006, p. 6).

No foco do capítulo sétimo estão as pessoas que, na Igreja, assumem o ministério da catequese, com suas responsabilidades comuns e diferenciadas. A catequese é um ministério na Igreja. É um carisma, uma força divina conferida às

peças em vista das necessidades da comunidade; é um ministério porque a missão que o/a catequista assume, em forma de serviço, provém de uma vocação, de um chamado.

Ele o exerce em nome de Deus, da Igreja e da comunidade. Este Diretório afirma com ênfase que o Bispo, animador da comunidade e mestre da doutrina, com seus assessores, dirige e preside toda atividade catequética realizada na diocese (cf. DNC 255). Por outro lado, acentuando a vocação catequética dos presbíteros e diáconos, diz que a comunidade espera deles amor, entusiasmo, apoio e presença na catequese, particularmente na formação dos/as catequistas (cf. DNC 274-275). Este tema da formação de catequistas é longamente tratado (DNC 278-327), privilegiando estas três dimensões: ser, saber e saber fazer (DNC 290-308).

A catequese é uma ação concreta e histórica, realizada na vida cotidiana das pessoas e das comunidades, situada num tempo e num contexto. O sujeito da catequese, a pessoa do catequizando, seja adulto, jovem ou criança, vive sua experiência de fé e de vida num ambiente familiar, comunitário e social.

4 A formação de catequistas da iniciação cristã que se deseja

Como se viu nos documentos estudados acima, a formação de catequistas não é um tema recente na Igreja Universal, nem na Igreja Latina, muito menos no Brasil.

Ele aparece em vários documentos desde o Vaticano II, passando pelas Conferências Episcopais, Sínodos, Congressos, Semanas Internacionais e Nacionais de catequese, culminando em propostas e projetos disseminados pelos mais variados rincões da Igreja.

No contexto atual, nesse mundo novo que se apresenta cada vez mais desconcertado e desconcertante, o desejo é de continuar formando catequistas para a Igreja que saibam lidar com o diferente, fruto das transformações que surpreende o campo cultural, econômico e político. Que saibam olhar esse tempo como momento de grandes possibilidades para o ser humano, mas que não deixa de ser um tempo carregado de tensões, rupturas, perdas de valores centrais para a vida, como a fé, o respeito pelo outro, a hospitalidade etc. Tempo esse que gera desafios de grande seriedade para todos.

De maneira geral a Igreja nos últimos anos tem enfatizado em suas diretrizes a importância da chamada mudança de época que trazem transformações de grande profundidade para toda a humanidade e também para a própria Instituição Igreja que se vê convocada para uma adequada compreensão desse fenômeno.

A mudança de época, sem dúvida, transforma a concepção de vida da pessoa e dos grupos para além das fronteiras de classe, ideologia, raça ou sexo. Toca assim pontos diretos da educação da fé: a subjetividade, o individualismo, o pluralismo, a complexidade da comunicação, a cultura urbana, a privatização do religioso.

Sabe-se que com o Concílio Ecumênico Vaticano II (1963-1965), a Igreja redescobriu a necessidade da formação do povo de Deus que até então estava exclusivamente reservada ao clero e religiosos. Nesse sentido, a década de 60, segundo testemunhos e relatos das pessoas, apontou para uma verdadeira primavera formativa, como as chamadas reciclagens, cursos, escolas de pastoral, escolas catequéticas, escolas de formação bíblica, teológica e litúrgica.

Já na década de 70, esta prática foi acrescida pela contribuição das ciências sociais como: análise da realidade, conjuntura sócio-política, forças políticas e econômicas.

Seguindo a linha do tempo, nos anos 80 surgem os movimentos sociais, populares bem como as expressões da cultura e da religiosidade popular.

Nos anos 90, em decorrência da modernidade, do fenômeno da urbanização, da influência da mídia, o eixo de desloca para a pessoa, a subjetividade, a experiência vital, a busca da mística, como resposta para os desafios.

Entrando para o século XXI, a percepção é a de que as pessoas nem sempre se comprometem com as comunidades e com elas mesmas. A fé católica encontra-se reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados (DAp 12).

Assim, temos as pessoas, mas elas não se encantam o suficiente com Jesus Cristo e com a Igreja a ponto de tornarem-se discípulos missionários. Para suprir essa lacuna, a formação de catequistas, requer equipes de formação convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do processo e que acompanhem as pessoas

com pedagogias e dinâmicas, ativas e abertas na esperança de que a evangelização supere a falha denunciada pelo Documento de Aparecida quando diz que muitos são batizados, mas, não evangelizados e não convertidos.

Diante de todas essas mudanças, surge, portanto, o desafio de formar, mediante um processo de elaboração de conhecimento e experiências, catequistas apaixonados por Jesus Cristo e que sejam da iniciação cristã, comprometidos com a comunidade eclesial e com o Reino de Deus. O Documento de Aparecida é interpelador ao dizer:

“Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora. [...]. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer a modalidade de iniciação cristã, que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço, da missão” (DAp 287 e 289).

Da mesma forma, como já foi visto, além de elevar a iniciação cristã à categoria de urgência, o Documento de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011 – 2019), recorda que a iniciação não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Ela se refere à adesão a Jesus Cristo. Esta adesão deve ser feita, fortalecida e ratificada tantas vezes quantas o cotidiano exigir, quer seja nas situações de alegria, quer seja, no conforto, na dor ou na fragilidade (DAp 288 e DGAE 41).

Esta perspectiva, eminentemente catecumenal de nossas comunidades, apresenta uma série de consequências para a ação evangelizadora, pois requer: acolhida, diálogo, partilha, bem como a familiaridade com a Palavra de Deus e a vida em comunidade. Implica também em estruturas, isto é, grupos de inspiração catecumenal nos mais diversos lugares e horários, sempre disponíveis acolher, apresentar Jesus Cristo e dar razões da nossa esperança (1 Pd 3,15). Cria, assim, um novo perfil de agentes evangelizadores, no qual o ministério do catequista assumirá um papel preponderante. Eles são ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes e na missão de colaborar na edificação do Reino de Deus (DGAE 42).

A formação de catequistas, nesse sentido, precisa articular fé e vida e integrar cinco aspectos fundamentais: o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão. A formação, portanto, não se reduz a cursos,

pois integra a vivência comunitária, a participação, movimento e associações, A formação dos catequistas da iniciação cristã se torna mais efetiva e frutuosa quando integrada em um projeto orgânico de formação, que contemple a formação básica de todos os membros da comunidade e a formação específica e especializada, sobretudo para aqueles que atuam na evangelização dos catecúmenos e catequizandos, onde se apresenta o desafio de dar testemunho de Cristo e dos valores do Reino.

Face a realidade de uma formação superficial na educação da fé, que atinge diretamente os catequistas, já não é mais possível continuar apenas com a boa vontade e dedicação de voluntários para sustentar uma catequese eficaz. É necessário um grande investimento, para adequar a formação às novas exigências da missão. Constatase que existe, no Brasil, uma grande quantidade de cursos para a formação de catequistas e formadores de catequistas, mas, mesmo assim, persiste uma grande necessidade formativa. É urgente que se tome consciência que o modelo atual que é utilizado não leva os homens e mulheres à adesão a Jesus Cristo nem mesmo ao amadurecimento pessoal. Nem os ajudam a perseverar no caminho escolhido.

As lacunas referem-se, sobretudo, à metodologia adotada na formação dos catequistas. Se transmite o conteúdo doutrinariamente correto, mas falho enquanto ação evangelizadora, porque não chega ao coração dos interlocutores. É urgente repensar a figura do catequista dentro de uma comunidade que inicia os catecúmenos e reinicia os catequizandos à vida de fé. E, assim como a catequese está avançando, a formação de catequistas também será capaz de fazê-lo. Assim como a catequese está a serviço da iniciação cristã, a formação de catequistas pode configurar-se a partir da metodologia de inspiração catecumenal, isto é, iniciática. Passar do conteúdo meramente técnico, científico, teológico, doutrinal, para um conteúdo querigmático, mistagógico.

A formação de catequistas da iniciação cristã, é, sem dúvida, uma proposta nova e carregada de esperança. Para este novo processo formativo é preciso levar em conta as dimensões constitutivas da pessoa humana como a dimensão testemunhal, transmissão do mistério revelado e, sobretudo, de levar a pessoa à experiência do encontro pessoal e fraterno com Jesus Cristo vivo, a inserção na comunidade eclesial e o compromisso com a missão. O que se pretende é que o catequista seja capaz de bem assessorar a educação cristã dos fiéis e de realmente

acompanha-los num processo de “formação orgânica e sistemática da fé” (CT 21), na opção de serem discípulos missionários de Jesus Cristo, comprometidos com a Igreja e com a evangélica transformação das pessoas e da sociedade.

Partindo dessa realidade e dessa necessidade desafiadora, a formação de catequistas assume algumas características próprias e querer que se tenha clareza de suas finalidades: privilegia o encontro pessoal com Jesus Cristo, ultrapassando apenas a transmissão de conhecimentos; têm com centralidade a Palavra; o processo é marcado por etapas, ritos, símbolos, celebrações; desenvolve ações que possibilitam aquisição de habilidades, atitudes e valores; apresenta itinerários adequados que correspondam à realidade humana e de fé que estão vivendo, e garantindo, nesse processo, o acompanhamento pessoal e a animação da comunidade; além dos momentos coletivos de formação, desenvolve acompanhamento personalizado; há comunidade é tida como um elemento promotor da formação e culmina com uma proposta convicta de formação para a missão.

4.1 A situação atual da formação dos catequistas

Para esse tema as perguntas que se colocam são: formar catequistas da iniciação cristã por quê? Em vista de quê? Como a Igreja está formando seus catequistas? Para quem? E, portanto, com quem contar para esse empreendimento formativo? Como é o investimento nessa b formação? Pode-se falar de uma formação de catequista da iniciação cristã? A atual formação tem capacitado esses catequistas para uma iniciação cristã eficaz? Quais os pressupostos de uma formação atual dos catequistas? São perguntas que levam a uma reflexão acerca do modelo de catequistas que se tem hoje e do modelo de catequistas necessários para os novos tempos.

Agora, falando diretamente dessa formação, depois de ter compreendido um pouco da história da iniciação cristã no primeiro capítulo, conhecido o modelo ordinário de se fazer iniciação cristã no segundo capítulo (RICA), esse terceiro capítulo, depois de ter discorrido significativamente sobre os documentos da catequese da Igreja, traz uma compreensão mais abrangente sobre o atual modelo de formação de catequistas que deve se desenrolar para que realmente possa existir catequistas da incisão cristã que sejam capazes de compreender bem todo o processo para poder desenvolvê-lo, depois, em suas comunidades.

Para que haja na Igreja uma verdadeira iniciação cristã como requer o contexto atual, os catequistas precisam, portanto, de uma formação básica para iniciantes, quanto de uma formação de aprofundamento para catequistas de caminhada, e também uma formação permanente em vista da superação do modelo de catequese escolar que se tem atualmente. Essa formação, porém, deve ser segundo um processo bem articulado e experiencial, que ajude o catequista assumir com responsabilidade e de maneira qualificada a missão de transmissores da fé no mundo

Atualmente fala-se muito de catequese da experiência ou experiencial, de catequese como aprofundamento e leitura da experiência, como comunicação de experiência de fé etc. Onde a princípio predominava o ensino doutrinal, hoje privilegia-se a experiência vivida, as atitudes diante da vida, em um contexto que sempre parece exaltar o clima emocional e a fuga para o vago e o irracional. Daí o problema: que relação existe entre experiência e comunicação da Palavra de Deus? É possível uma catequese da experiência que permaneça fiel à mensagem de Deus em Cristo? (ALBERICH, 2004, p. 106).

No momento em que se pensa uma formação de catequistas e de agentes da evangelização para uma catequese de iniciação cristã, faz-se, portanto, lembrar que, o caminho de formação do cristão no início do cristianismo acontecia, sobretudo, pelo caráter experiencial e catecumenal. Nesse caminho, era determinante o encontro pessoal e vital com a pessoa de Jesus Cristo que foi anunciado verdadeira e autenticamente pelas testemunhas (cf. Lc 24, 48).

Nesse sentido, o Diretório Nacional de Catequese e o Documento de Aparecida acentuam a necessidade de se formar catequistas da iniciação cristã que sejam realmente missionários a partir de uma formação integral, experiencial e querigmática.

Partindo do contexto de nossas dioceses, prelazias, paróquias e comunidades, temos que nos indagar: quais são as maiores necessidades de nossos catequistas atualmente? Quais são os desafios que uma sociedade em profundas mudanças tem apontado? É certo que existem muitas iniciativas para a formação dos catequistas: escolas paroquiais, diocesanas, regionais, cursos de pós-graduação, mestrado, mas o que ainda falta para que a catequese possa atingir seu fim? Qual a insuficiência?

Diante desse quadro, chega-se à conclusão de não se está falando apenas no aumento de conhecimentos em detrimento do anúncio, não é isso, mas o que está em jogo é a forma, o método que está sendo usado para se ensinar e receber o conteúdo.

Nesse caso é importante dar uma reviravolta, um salto de qualidade da atual formação de catequistas. É preciso passar de um conteúdo meramente técnico,

científico, para um conteúdo mistagógico. Segundo o *DNC*, as indicações pedagógicas adequadas à catequese são aquelas que permitem comunicar a totalidade da Palavra de Deus no coração da existência das pessoas (*DGC* 146).

4.1.2 O perfil do catequista da iniciação cristã

Diante do desafio atual que a Igreja enfrenta como a de muitos cristãos que afastaram completamente da Eucaristia dominical, dos demais sacramentos de modo geral e da participação na comunidade eclesial, é necessário pensar uma ação nova de aproximação, a fim de ajuda-los na valorização do sentido da vida sacramental, da participação comunitária e do compromisso de cidadão. Ajudá-los a entender que sua missão é a de ser sal, fermento e luz no mundo, com uma identidade cristã forte e resistente.

Essa nova ação passa por um novo perfil de catequistas, “um ideal a ser conquistado, olhando para Jesus, modelo e Mestre, de servidor e de catequista” (*DNC* 261). No entanto, para que possa existir catequistas com esse perfil de Jesus, que atendam a demanda atual, neste atual contexto de mudança de época onde aquilo que era valor foi deixado à margem, uma formação que acompanhe pessoalmente esse novo agente da catequese, é necessária, pois não haverá uma catequese realmente de iniciação, se não houver catequistas formado para tanto.

Não se pode pensar mais numa formação como simples repasse de conceitos. Não cabe mais na catequese iniciática, ficar repetindo ao catecúmeno ou catequizando, aquilo que foi ouvido no cursos e congressos. O agente dessa nova catequese de iniciação deve ser alguém competente, capaz de responder aos inúmeros desafios da realidade atual. “Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a algum elenco de algumas normas e de proibições, a prática de devoções fragmentadas...” (*DAP* 11).

A formação de catequistas da iniciação cristã deve formá-los para que possam ler os sinais dos tempos. Criar neles uma sensibilidade para percebam Deus atuando na história de vida pessoal e também comunitária. Esses catequistas terão a missão de olhar a realidade na perspectiva positiva, com olhar crítico e ao mesmo tempo, com um olhar de esperança. Não é ser especialistas em uma determinada área do conhecimento, mas um agente introduzido no mistério cristão.

Esse novo modelo de catequista é alguém que fez a experiência do encontro com o ressuscitado e que hoje, como discípulo ou discípula, se coloca a serviço do Reino com uma grande abertura para se deixar guiar e iluminar pelo Espírito Santo com a missão de educar as futuras gerações à maturidade na fé, pois, “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (*DCE 1*).

O novo catequista que se pensa atualmente, é aquele que procurará desenvolver um projeto de formação pessoal, continuada, global, que suscite conversão e crescimento na fé. Por isso a formação, na tentativa de fomentar essa gestão pessoal do próprio agente da catequese, precisa ser sistemática e orgânica, com a finalidade de educar à maturidade, na fé em detrimento da transmissão integral e querigmática da mensagem cristã que é gradual, focalizada sempre no essencial, ou seja, a pessoa e os ensinamentos de Jesus Cristo.

Nesse sentido, haverá um alto favorecimento do encontro que faz discípulos missionários. Resta lembrar que esse novo catequista é aquele que será capaz de transmitir aos outros, suas próprias experiências de vida cristã. Se isso é verdade, se fala hoje que a catequese tem como seu último eixo de aprendizagem, a existência cristã.

4.1.3 O catequista e a mistagogia

Todos os que trabalham no processo catecumenal deveriam ser mistagogos: os bispos, os ministros ordenados, os religiosos e religiosas, os catequistas, os chamados introdutores, as famílias, os pais bem como os padrinhos. A presença desses mistagogos é um elemento essencial para a catequese de iniciação cristã. A partir de uma ação de diálogo vai conduzindo o catecúmeno e o catequizando à mistagogia. Uma ação chamada de mediação entre o mistério e o iniciante é que vai orientar todo o processo mistagógico de um itinerário catequético.

Um das características da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade de uma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada

comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (EG 166)

Os catequistas mistagogos, portanto, apropriam-se da cultura pedagógica da iniciação, pois, ninguém pode entrar no mistério através apenas do saber, do conhecimento, uma vez que o mistério resiste a qualquer tipo de representatividade, de explicações. O mistério se esconde em seu próprio segredo de mistério. No entanto, uma pessoa pode muito bem deixar-se ser penetrada por esse mistério ao mesmo tempo que também poderá fazer um mergulho profundo nele.

Não é, portanto, entrar no mistério, mas ser iniciado nele. A iniciação cristã pode ser um caminho pedagógico e fecundo numa sociedade que não é mais iniciadora, que banaliza o sagrado e sacramentaliza as pessoas sem muito critério. Não era assim na Igreja primitiva como já foi visto, pois uma verdadeira iniciação demanda caminhos e processos árduos e graduais que nem sempre está de acordo com a lógica do mundo e dos imediatismos imperantes presente na atual sociedade.

Por isso é necessária uma cultura pedagógica da iniciação cristã que tem como grande importância a presença da comunidade no processo iniciático de cada pessoa em particular. Sabe-se que a iniciação cristã é um processo que conjuga a autonomia pessoal e a vivência no grupo, na comunidade. É o sentido da pertença que o iniciado conquista através da prova de iniciação que representa um desafio para a sua existência. Não é um troféu ou medalha que se ganha no final de uma competição, um prêmio, um diploma que se recebe no final de um curso, um certificado assinado pelo bispo e pelo catequista e o pároco, não é um exame escolar. Aliás a iniciação cristã pede que se tire essa cara de escola que é a atual catequese.

A prova da iniciação, portanto, é a morte simbólica que coloca a pessoa em estado de luto, de perdas. O luto é a situação na qual se avalia e se experimenta o preço da vida e dessa forma gera valor. É na conflitualidade, no confronto consigo mesmo que o indivíduo prova e descobre a sua autonomia. Enquanto ele não tiver passado pela prova, não pode saber o que o tonará livre de fato, por exemplo, a passagem da adolescência para a fase adulta, experiência e perdas, lutas e ganhos.

Em vista de ser iniciado, uma pessoa nunca passa pela prova iniciática sozinha, mas em comunidade, em grupo, de maneira coletiva. Ao passar pelos desafios dessa

prova, os indivíduos são ligados por um mesmo e único destino que os ensina a viverem de forma solidárias e comprometida com as necessidades uns dos outros.

4.1.4 A formação de catequista da iniciação cristã

É uma nova proposta que está carregada de esperança e tem como objetivo primordial fazer acontecer um processo de conversão daqueles que são chamados pelo Senhor para a vocação e a missão de serem catequistas. Para tanto, não basta apenas uma escola de formação. Esse novo processo formativo tem seu estilo próprio, uma vez que ele leva em conta as dimensões da pessoa, na missão de transmitir o mistério que lhe foi revelado. Ao mesmo tempo quer ajudar o catequista a experimentar através de um encontro pessoal a própria Pessoa que o chamou para essa missão, Jesus Cristo e com isso fazer com que se descubra cada vez mais a o valor da comunidade e de seu compromisso para com ela.

A formação de catequista da iniciação cristã atual deve possibilitar a transmissão da fé a esse catequista e ajudá-lo a conhecer Jesus de um jeito novo, de experimentá-lo de um jeito novo e vivenciá-lo de um jeito novo. Só assim, poderão aderir a ele de maneira eficaz, ao mesmo tempo que estão aderindo ao seu Evangelho.

O que se deseja com a atual formação de catequistas, é formar pessoas que sejam capazes de assessorar de maneira melhor a educação e a transmissão da fé cristã aos que desejam aproximar-se de Cristo e de sua Igreja. Essa formação, portanto, demanda um processo, como diz o Documento *Catechesi Tradendae*, sistemático, suficientemente completo, que se concentre no essencial, para uma iniciação cristã integral, aberta a todas os outros componentes da vida cristã (cf. CT 21).

5 A finalidade e a natureza da formação de catequistas da iniciação cristã

A formação de catequistas da iniciação cristã, atualmente tem como meta ajudar os catequistas a descobrir, compreender e aperfeiçoar o método catecumenal para a transmissão do Evangelho aos que procuram aproximar-se de Cristo e da Igreja, por conta própria, através dos pais, avós, parentes, amigos ou por algum membro da comunidade que os apresentam para essa iniciação.

Nesse sentido, a formação tem a finalidade de fazer com que esses catequistas possam ir se aperfeiçoando dia-a-dia, mês-a-mês, ano-a-ano, até chegar a um ponto onde se percebem seguros e conscientes na “comunicação da mensagem” à qual foram chamados a fazê-la, primeiro pelo Senhor, depois pela Igreja, no intuito de anunciar o Reino que vem. “O objetivo essencial da formação catequética é o de tornar apto à comunicação da mensagem cristã” (*DGC 235*), uma vez que é o dever da Igreja “capacitar o catequista para comunicar a mensagem evangélica e ajudar os catequizandos no crescimento e no amadurecimento de sua fé, de maneira a constituírem verdadeiros discípulos de Cristo” (*CELAM, 2008, p. 134*).

5.1 A finalidade cristocêntrica da catequese de iniciação cristã

A Igreja, empenhada na construção de um mundo cristão, deseja colaborar para que o ser humano convertido, encontre seu pleno caminho de comunhão com Jesus Cristo, verdade e vida. Sendo assim, no que concerne à catequese, ela tem como seu objeto primordial o Mistério de Cristo que, além de impregnar todos os crentes de maneira geral, encharca de amor, sabedoria e ciência, a formação dos catequistas. “Catequizar é levar alguém, de certa maneira, a perscrutar este Mistério e todas as suas dimensões” (*CT 5*).

A finalidade cristocêntrica da catequese, portanto, quer levar o catequista conhecimento pessoal de Jesus Cristo, “no contexto da história da salvação; assim como sua capacidade de comunicar adequada e fielmente seu Evangelho. Isso não seria suficiente nem consistente sem uma identificação pessoal com Jesus Cristo e seu seguimento” (*CELAM, 2008, p. 136*).

O que está em busca, de fato, não é outra coisa senão levar o catequista a saber animar eficazmente um itinerário catequético no qual, através das necessárias etapas, anunciem Jesus Cristo; faça conhecer sua vida, enquadrando-a na totalidade da história da salvação; explique o mistério do Filho de Deus feito homem por nós; e, enfim, ajude o catecúmeno ou o catequizando a identificar-se com Jesus Cristo, mediante os Sacramentos da iniciação (*DGC 235*).

Essa perspectiva cristológica é basilar para a formação de catequistas justamente por incidir de maneira direta na vida, identidade e missão de cada agente da catequese que deseja, pela fé, seguir o Mestre, como verdadeiro discípulo, comprometendo-se a viver e trabalhar na construção do Reino de Deus. Por essa

razão, “os cristãos precisam começar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e seu sentido” (*DAP* 41). “Só quem conhece a Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano” (*DAP* 41), como catequista.

5.1.2 A natureza eclesial da formação de catequista da iniciação cristã

O catequista é formado e habilitado para transmitir a fé, não em seu próprio nome, mas em nome da Igreja, em união com a missão da Igreja e em nome dela. Portanto, se num primeiro momento a sua adesão é para com Cristo, num segundo, ele deve pensar na comunidade eclesial como um todo. É necessário tornar-se conhecido e acolhido por esta comunidade, pois ele será o responsável por pessoas que pertencem a essa comunidade ou não, mas que irão percorrer o caminho da iniciação cristã, sejam crianças, adolescentes, jovens ou adultos.

É necessário que o catequista conheça e adira a essa comunidade, ao mesmo tempo que sua adesão se volta para com toda Igreja, não só paroquial, mas também diocesana, a qual o Bispo é o primeiro catequista e também o primeiro formador de catequistas. Pois é de dentro de uma comunidade, de dentro da Igreja, que saem as vocações, inclusive a de ser catequista. “O fato de que a formação procure tornar o catequista apto a transmitir o Evangelho em nome da Igreja confere a toda a formação uma natureza eclesial” (*DGC* 236).

Por sua particular condição na Igreja, os catequistas exercem seu trabalho inseridos no mundo e na sociedade e, portanto, com um maior conhecimento das características das comunidades, através de uma formação sólida, o catequista se abre para uma maior proximidade e sensibilidade para as situações e para as pessoas. Se seu testemunho de vida é o desejável, sua própria pessoa será o modelo, o recurso audiovisual mais respeitável e confiável, que estimula a viver autenticamente o Evangelho.

A Igreja é enviada e mandada para a evangelização do mundo. Essa evangelização, como já foi tido, não é em nome próprio daquele que evangeliza, muito menos uma evangelização isolada, mas profundamente eclesial. “A formação dos catequistas não é senão uma ajuda a inseri-los profundamente na consciência viva e atual que a Igreja tem do Evangelho, tornando-os, assim, aptos a transmiti-lo em nome desta mesma Igreja” (*DGC* 236).

Assim, quando os mais obscuros dos pregadores, dos catequistas, ou dos pastores, no rincão mais remoto, pregam o Evangelho, reúnem a sua pequena comunidade, ou administram um sacramento, mesmo sozinho, ele realiza um ato da Igreja e o seu gesto está certamente conexo, por relações institucionais, como também por vínculos invisíveis e por raízes recônditas da ordem da graça, à atividade evangelizadora de toda a Igreja (EN 60).

5.1.3 As dimensões da formação do catequista da iniciação cristã

A atual formação de catequista da iniciação cristã, compreende três dimensões: o ser, o saber e o saber fazer. De maneira complementar essas dimensões garantem a integridade no processo formativo. Por elas, “se expressa, além do mais, a fidelidade do catequista a Deus e ao ser humano” (CELAM, 2008, p. 137). De fato, a formação atual de catequista, inspirada no modelo catecumenal da Igreja primitiva, quer formar catequistas para os cristãos de hoje. Deseja forjar catequistas que não só cuidem do ensino doutrinal, moral e ético, mas da formação integral do cristão como um todo.

5.1.4 O ser do catequista da iniciação cristã

A preocupação dos formadores de catequista ou de uma escola de formação, deve ser “o ser do catequista”, pois é por essa primeira dimensão, a mais grave e a mais profunda de todas, que o catequista vem a “amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo” (DGC 238), uma vez que se refere ao seu próprio ser enquanto catequista e à sua dimensão humana e cristã.

Dada as exigências da catequese hoje, sente-se a necessidade urgente de personalidades convincentes e significativas, em nível humano e crente. Mais do que por sua competência operativa ou pela riqueza de seus conhecimentos, o catequista se define hoje, antes de tudo, pelo seu ser, por sua espiritualidade, por seu perfil pessoal e interior (ALBERICH, 2004, p. 348).

Uma pessoa que ama viver e se sente realizada, assume seu chamado com entusiasmo e realiza sua vocação que nasceu pelo sacramento do Batismo. É um comprometer-se com o outro, em favor daquele que espera uma palavra, uma mão estendida, um acolhimento. Por isso, para ser catequista, é preciso querer assumir com coragem e entusiasmo esse Sacramento e vivenciá-lo na Igreja, mergulhado em

Jesus, proclamando o Reino de Deus, à medida que convida todos a fazerem parte da comunidade e participarem fielmente dela.

5.1.5 O saber do catequista da iniciação cristã

O segundo momento é “o saber do catequista”, ou seja, seu conhecimento dos conteúdos necessários para poder cumprir bem a sua missão. “Esta dimensão, permeada pela dúplici fidelidade à mensagem e ao homem, requer que o catequista conheça adequadamente a mensagem que transmite e, ao mesmo tempo, o destinatário que a recebe, além do contexto social em que vive” (DGC 328).

Naquilo que se refere ao conhecimento, o saber do catequista, nas atuais circunstâncias, não mais poderá limitar-se ao âmbito teológico, ainda que continue a ser importante uma boa base teológica como ingrediente essencial da competência catequética. O catequista deverá também conhecer a problemática pastoral de hoje e o projeto pastoral da Igreja a que pertence, a natureza e dimensões do ato catequético, as pessoas ou sujeitos com os quais irá trabalhar e de modo especial, o contexto sociocultural em que se situa a sua ação. Tudo isso se traduz, portanto, em exigências concretas no plano da formação (ALBERICH, 2004, p. 350).

A formação de catequistas da iniciação cristã, nesse sentido, deve começar sempre pela dimensão bíblica. O conhecimento suficiente da Palavra de Deus vem sempre em primeiro lugar, depois vem a formação doutrinal que compõe o Creio, a Doutrina Social, o diálogo ecumênico, a formação litúrgica, a moral etc. Velar pela integridade do conteúdo que se refere a formação dos catequistas é tarefa de grande importância, uma vez que se projeta nos catecúmenos e catequizandos, bem como para toda a comunidade de maneira geral.

5.1.6 O saber fazer do catequista da iniciação cristã

Por fim, não menos importante, chega-se ao “saber fazer dos catequistas” da iniciação cristã que serão “educadores – do homem e da vida do homem – na fé” (CT 22). Para isso o que será aplicado é a pedagogia original da fé, a Revelação de Deus, sendo ela a forma usada pelo próprio Deus ao longo de toda história sagrada para iniciar seu povo (CT 58).

“A catequese, que é, portanto, a pedagogia da fé em ato, ao realizar as suas tarefas, não pode deixar-se inspirar por considerações ideológicas, ou por interesses

puramente humanos” (DGC 144), mas é pela Revelação, tal como é transmitida pelo magistério universal da Igreja, que a catequese deve ser guiada. “Esta Revelação é a de um Deus Criador e Redentor, cujo Filho, vindo ao meio dos homens revestido da carne humana, entra não somente na história humana, da qual ele se torna o centro” (CT 52).

“O catequista da iniciação cristã, não é alguém que confunde “o agir salvífico de Deus, que é pura graça, com o agir pedagógico do homem, nem tão pouco os contrapõe e separa” (DGC 144).

Nesse sentido, o saber fazer do catequista o livra de misturar indevidamente o ensino catequético das perspectivas ideológicas, claras ou disfarçadas, sobretudo de natureza político-social, ou então opções políticas pessoais. Quando tais perspectivas prevalecem sobre a mensagem central a ser transmitida, até ao ponto de a obscurecerem e fazerem com que ela se torne secundária, ou mesmo até utilizarem para os próprios fins, a catequese passa a ficar desnaturada profundamente em suas raízes (CT 52).

O saber fazer do catequista da iniciação cristã está ligado, sobretudo, com a questão metodológica, pedagógica, didática, “para gerar o desenvolvimento de conhecimento, atitudes habilidades e técnicas que apoiarão o conhecimento objetivo da realidade dos destinatários, em função dos itinerários da educação na fé” (CELAM, p. 140).

Hoje não é mais possível confiar a realização da catequese ao jogo da improvisação e do empirismo pastoral. O animador ou responsável pela catequese deve demonstrar um certo profissionalismo, pelo menos no sentido de possuir as competências operativas necessárias à sua tarefa. Em termos concretos, o nosso tempo parece exigir do catequista uma preparação adequada tanto na educação, como na comunicação, quando na animação e planejamento (ALBERICH, 2004, p. 350).

“Para que o catequista possa tornar-se uma pessoa de testemunho e de confiança perante a comunidade, é preciso que seja competente em sua ação catequética, superando a improvisação e a simples boa vontade” (DNC 270). “Devem chegar a ser capazes não só de conhecer prévia e adequadamente os princípios da pedagogia atual, e mais especificamente da pedagogia catequética, da metodologia e da didática catequética, como também de levar à esses conhecimentos” (CELAM, p. 140).

6 Dimensões e conteúdo da formação global do catequista da iniciação cristã

Foi visto que os catequistas precisam ser, saber e saber fazer, sendo assim, a formação de catequistas da iniciação cristã demanda projetos bem elaborados que comportam vários níveis dessa formação para que aconteça a catequese de iniciação cristã nas comunidades. Sem a pretensão de falar de todos os níveis, será evidenciado a partir de agora, dois deles que, ao que parece, são as linhas mestras da formação: formação básica e formação de aprofundamento.

A formação básica, é para aqueles ou aquelas que ouviram o chamado e se colocaram à disposição. Nesse caso, não basta apenas a boa vontade como já foi dito, mas é preciso que tenham o mínimo de conhecimento que os qualifiquem para o trabalho. Esse primeiro momento formativo deve acontecer na comunidade paroquial onde vivem. Os agentes dessa formação serão os próprios catequistas da paróquia juntamente a coordenação de catequese, pároco, diáconos, seminaristas e outras pessoas convidadas que dominem o conteúdo proposto no projeto.

A formação de aprofundamento tem como objetivo, agora em um segundo nível, diocesano, atingir aqueles catequistas de caminhada, com uma certa experiência e traquejo com a catequese. São os catequistas proveniente das paróquias que passaram pela formação básica, tiveram suas experiências como catequistas e agora podem continuar trilhando um caminho mais elevado dessa formação que vai qualifica-los para que sejam catequistas formadores e coordenadores paroquias.

6.1 Os eixos norteadores para uma formação global de catequistas da iniciação cristã

Quanto a formação que se pretende propor para tal projeto, os conteúdos devem girar em torno de cinco eixos: 1) bíblico-catequético; 2) teológico-catequético; 3) metodológico-catequético; 4) litúrgico-catequético; 5) dimensão existencial. O conteúdo de cada eixo dever ser definido a partir dos aspectos relacionados à catequese de iniciação cristã.

Assim, é de fundamental importância que cada projeto formativo seja claro e animado por uma pedagogia, uma metodologia e por fim uma mística que perpassa todo o processo, garantindo a integralidade da formação em todos os níveis, pois um

fator decisivo no campo da formação é o da pedagogia e da metodologia adotadas no processo formativo.

- 1) *O eixo Bíblico-catequético*: deve apresentar uma leitura contextualizada da Bíblia, de acordo com as orientações mais atualizadas; ajudar a perceber o processo de criação que gerou os textos; perceber a evolução teológica de conceitos dentro da própria Bíblia, decorrentes do processo histórico de produção dos textos; destacar como fatos “fundantes”: a formação de comunidades; mostrar a diversidade dos evangelhos e estudar Marcos como o primeiro e mais simples, destacando o Querigma; educar para a leitura Orante, apresentando os métodos mais conhecidos e deixando liberdade para a espiritualidade pessoal; destacar o apelo à ação transformadora.
- 2) *O eixo Teológico – catequético*: apresenta a teologia do povo de Deus redescoberta pelo Concílio Vaticano II (*Lumen Gentium*); quer ajudar a na compreensão de que o povo de Deus não um povo errante e inconsciente, mas um povo organizado; contribuir para no entendimento da própria fé; desperta a consciência para a missão e conhecimento do sentido de pertença e das razões da fé.
- 3) *Catequético - metodológico*: apresentar a “dimensão catequética” de toda a ação eclesial e as diferentes dimensões que a Catequese tem que contemplar; basear a metodologia catequética na experiência histórica da realidade brasileira e no (DNC 5-8); levar em conta que a linguagem e a metodologia devem estar adequadas à realidade local; refletir e definir o perfil desejável do catequista; destacar a importância da espiritualidade em seus vários aspectos (meta, sem exageros excludentes); destacar a importância de ouvir o catequizando para compreender a sua realidade; ter o CIC¹⁰ como um livro de consulta importante, mas não único.
- 4) *Eixo litúrgico-catequético*: posicionar o Mistério Pascal no Querigma e na História da Salvação; apresentar o Ano Litúrgico como processo pedagógico de reviver a história cristã, relacionando-a à história de cada um aos desafios da história atual; trabalhar os elementos essenciais dos ritos dentro do processo catequético; valor religioso e antropológico dos sinais.

¹⁰ Catecismo da Igreja Católica

5) *Dimensão existencial*: todo o conteúdo deverá ser trabalhado a partir do princípio da interação FÉ e VIDA, considerando os aspectos antropológicos de cada assunto e as necessidades dos interlocutores. Como a Catequese não é uma ação isolada da Igreja, mas educação de fé para a vivência das diferentes dimensões da vida eclesial, a Catequese deverá ser um agente estimulador de uma Pastoral Orgânica capaz de fortalecer a vida eclesial.

6.1.2 Propostas de conteúdo para a formação básica e inicial de catequista da iniciação cristã em nível paroquial a partir dos eixos condutores:

6.1.3 Conteúdo do eixo bíblico-catequético

1) *Introdução à Bíblia*: a) o que é a Bíblia; b) onde foi escrita; c) como se formou; d) as traduções; e) como ler a Bíblia; f) os métodos de leitura bíblica com ênfase na *Lectio Divina*; g) fato vivido; h) fato narrado e escrito.

2) *História da Salvação*: a) as grandes experiências históricas da Bíblia; b) contexto e significado; c) a Revelação ao longo do tempo; d) a vocação de Abraão; e) patriarcas; f) juízes; g) reis; h) profetas; i) fatos fundantes da Bíblia: criação (Gn 1 a 11), Êxodo; j) Aliança e Profetismo.

3) *Jesus no Evangelho de Marcos*: a) contexto sócio-político-cultural e religioso da Palestina no tempo de Jesus; b) quem é Jesus de Nazaré; c) mensagem do Reino; missão e discipulado.

6.1.4 Conteúdo do eixo teológico-catequético:

1) *Igreja*: a) momentos fundantes da Igreja; b) modelos de Igreja;

2) *Catecismos da Igreja Católica*: a) fundamentação básica sobre as quatro colunas da fé; d) Credo; e) Sacramentos; f) Mandamentos; g) Oração do Pai-Nosso.

6.1.5 Conteúdo do eixo metodológico-catequético:

- 1) *Evangelização e catequese*: a) natureza e finalidade da evangelização e catequese; b) Iniciação à Vida Cristã; c) missão e vocação do catequista; d) grupo de catequese.

6.1.6 Conteúdo litúrgico-catequético:

- 1) *Introdução à Liturgia*: a) o que é liturgia; b) porque celebrar; c) onde celebrar; d) Ano Litúrgico; e) sinais; f) símbolos e ritos nas celebrações litúrgicas.

- 2) *O Mistério Pascal*: a) o Mistério Pascal como centro da Liturgia; b) a páscoa judaica e a Páscoa cristã; c) celebração eucarística como memorial do mistério Pascal.

6.2 Proposta de conteúdo para a formação de aprofundamento para catequista da iniciação cristã em nível diocesano a partir dos eixos condutores:

6.2.1 Conteúdo do eixo bíblico-catequético:

- 1) *Primeiro anúncio*: a) que é Querigma; b) o sentido etimológico do Querigma; c) textos querigmáticos; d) conteúdo e forma de aplicação no dia de hoje.

- 2) *Os métodos de Leitura Bíblica*: a) ênfase na Leitura Orante da Bíblia; c) oficina de Leitura Orante.

- 3) *Os Evangelhos*: a) Jesus Cristo nos Evangelhos sinóticos; b) estudo comparativo; c) discipulado, seguimento e missão nos quatro Evangelhos.

- 4) *A Igreja no Livro dos Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas*: a) formação das primeiras comunidades; b) vivência dos primeiros Cristãos.

- 5) *Estudo do Livro do Gênesis (1-11)*: a) quando, por quem e para quem foi escrito; b) o contexto do povo da época; c) simbologia; d) linguagem e gênero literário; e) diferentes tradições nos textos bíblicos.

6.2.1 Conteúdo do eixo teológico-catequético:

1) *Maria*: a) modelo de fé; b) mãe da Igreja;

2) *História da catequese da Igreja*: a) história da catequese no contexto da história da Igreja;

3) *Ensino social da Igreja*: a) a conjuntura que surgiu a Doutrina Social da Igreja (DSI); b) documentos que compõe a DSI; c) o ensino social atual;

4) *Mensagem e conteúdo da catequese*: a) mensagem e conteúdo da catequese nos documentos de catequese da Igreja.

5) *Mística e espiritualidade do catequista*: a) noções básicas; b) espiritualidade trinitária; c) espiritualidade bíblica; d) espiritualidade litúrgica; e) espiritualidade mariana; f) espiritualidade ecológica.

6.2.2 Conteúdo do eixo metodológico-catequético:

1) *Pedagogia catequética – introdução geral*: a) pedagogia divina; b) princípio metodológico e métodos; c) didática; d) compreensão de técnicas e recursos;

2) *Processo de iniciação cristã*: a) catequese de inspiração catecumenal; b) o itinerário catecumenal; c) catequese mistagógica; d) catequese formadora de discípulos missionários de Jesus Cristo.

3) *Comunicação na catequese*: a) fundamentos básicos da comunicação; b) linguagem; c) tipos de comunicação; c) meios de comunicação; d) oficinas de comunicação.

6.2.3 Conteúdo do eixo litúrgico-catequético

1) *Sacramentos*: a) introdução aos sacramentos; b) os sete sacramentos; c) ritos dos sacramentos.

2) *Liturgia*: a) celebração da Palavra e da Eucaristia; b) a presença real de Cristo na Eucaristia; c) a presença de Cristo no presidente, na assembléia reunida, na Palavra; c) o rito da celebração da Eucaristia;

3) *Religiosidade popular e Litúrgica*: a) pontos conflitantes e convergentes da vivência cristã.

6.2.3 Considerações finais

Ao concluir esse terceiro e último capítulo, vemos que uma via que não há de ser descurada na evangelização é a do ensino catequético, sobretudo a formação dos catequistas. A inteligência nomeadamente a inteligência das crianças e a dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história.

Por isso a necessidade de catequistas bem formados para esse processo. Depois, que um semelhante ensino deva ser ministrado para educar hábitos de vida religiosa e não para permanecer apenas intelectual, ninguém o negará. Nesse sentido se torna quase que repetitivo lembrar que estamos tratando o tempo todo de catequese de iniciação cristã e por isso da formação de catequistas dessa iniciação cristã o qual acrescentamos mais um elemento, a inspiração catecumenal no processo dessa formação.

Ao finalizar nosso estudo, a proposta apresentada no eixo dos conteúdos da formação é um instrumento que ajudará na preparação melhor dos catequistas da iniciação cristã para que a catequese de iniciação cristã de inspiração catecumenal possa ser efetivada na Igreja atual. Sabe-se que os catequistas, são os responsáveis pelo momento mais decisivo da educação da fé das comunidades. Essa proposta integra elementos valiosos da formação para que o catequista da iniciação cristã possa construir o seu ser, o seu saber e o seu saber fazer no momento em que for catequizar.

7 CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, acredito que conseguimos abordar a questão central da pesquisa que gira em torno da seguinte proposta: a formação de catequistas da iniciação cristã, um desafio atual para a Igreja. Nesse sentido chegamos à conclusão de que a iniciação cristã de inspiração catecumenal, tem como sua primordial exigência atual, um modelo novo de formação dos catequistas o qual, nem as paróquias nem as dioceses estão totalmente preparadas para desenvolvê-los.

No meu parecer, digo que o tema foi bastante desafiador, pois, como pude refletir várias vezes e até comentar em certas ocasiões, sou um padre responsável por uma paróquia e assessor diocesano da pastoral catequética de minha diocese. Vivo longe dos grandes centros de estudos, conseqüentemente das bibliotecas. Houve um grande esforço em estudar esse tema por conta do meu próprio trabalho com os catequistas.

Acredito que pude compreender melhor com essa pesquisa, as ações que devem ser desenvolvidas para a formação de catequistas da iniciação cristã de inspiração catecumenal, pois trilhei caminhos até então desconhecidos através do estudo histórico da iniciação cristã, seus documentos e testemunhos que trouxeram grandes luzes para as ações futuras que ainda pretendo empreender.

A maneira como o problema foi encarado através dos três capítulos, contata-se que há poucos catequistas preparados para os encaminhamentos, tanto para formar novos catequistas quanto para serem agentes da iniciação cristã. Sendo assim, ofereço está reflexão aos responsáveis pela catequese e a formação dos catequistas, para colaborar num projeto sério de formação que ajude da implantação da iniciação cristã de inspiração catecumenal na Igreja atual.

Gostaria de afirmar que estamos em um momento de refundação da catequese na Igreja, ou se prefere, num momento de reajuste de época da catequese. Por isso a catequese é o lugar preferencial de revitalização da comunidade cristã e tudo começa, portanto, com catequistas convertidos ao projeto de evangelização que vai de encontro à iniciação cristã.

Nesse sentido, a catequese está a serviço da iniciação cristã. A fé, mediante a qual o homem responde ao anúncio do Evangelho, exige o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. A íntima relação entre as duas realidades tem sua raiz na vontade do

próprio Cristo, que ordenou aos seus apóstolos que fizessem discípulos em todas as nações. A missão sacramental, está implícita na missão de evangelizar.

Aqueles que se converteram a Jesus Cristo e foram educados à fé por meio da catequese, ao receberem os sacramentos da iniciação cristã, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, são libertados do poder das trevas; mortos com Cristo, com ele sepultados e com ele ressuscitados, recebem o Espírito da adoção de filhos e com todo o Povo de Deus celebram o memorial da morte e da ressurreição do Senhor.

A catequese é, assim, elemento fundamental da iniciação cristã e é estreitamente ligada com os sacramentos de iniciação, de modo particular com o Batismo, sacramento da fé. O elo que une a catequese com o Batismo é a profissão de fé que é, ao mesmo tempo, o elemento interior a este sacramento e a meta da catequese. A finalidade da ação catequética consiste precisamente nisso: em favorecer uma viva, explícita e operosa profissão de fé.

A Igreja, para alcançar esta finalidade, necessita, portanto, de agentes que sejam competentes no anúncio e transmitam aos catecúmenos e aos catequizandos, a viva experiência do Evangelho, a fé, a fim de que estes a façam própria, ao professá-la.

Disso decorre que, formados a partir de um modelo acadêmico, a evangelização dos agentes qualificados por tais escolas catequéticas, será a reprodução completa de conteúdos tal e qual aprenderam nesses cursos, desassociado de uma fé querigmática e mistagógica, comprometendo por assim dizer, uma catequese que deve ser vivencial, experiencial, celebrativa e existencial, fator preponderante para o encontro pessoal com Jesus Cristo vivo.

Diante desse empreendimento grandioso que é a formação de catequistas da iniciação cristã, é necessário que se tenha um cuidado especial na preparação desses agentes. Eles devem ser competentes no que fazem, mas, muito mais que competência, devem ser testemunhas do Reino de Deus, pois atuam em nome da Igreja. É importante que eles se coloquem sempre em um permanente estado de conversão, santificação, atualização, crescimento na espiritualidade, no conhecimento e na intimidade com o mistério.

Nesse sentido, concluímos que há ainda um longo caminho a ser percorrido e uma grande lacuna a ser preenchida na formatação atual de um projeto de formação

de catequistas da iniciação cristã coerente e sólido, que ajudem os catequistas introduzirem no mistério de Cristo a quem pede para ser cristão e aos que desejam aprofundar a fé recebida no batismo.

REFERÊNCIAS

Fontes

BENTO XVI. **Deus é amor**. Carta Encíclica. São Paulo: Loyola/Paulus, 2006.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. (CELAM). **Manual de Catequética**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CNBB. **Discípulos e servidores da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**: São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Código de Direito Canônico**. São Paulo. Loyola, 2004.

_____. **Catequese Renovada**. Orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2-15-1019). São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Iniciação à Vida Cristã**. Um processo de Inspiração Catecumenal. Estudos da CNBB 97. 1. Ed. Brasília. Ed. CNBB, 2009.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concílium* sobre a Sagrada Liturgia. In: KLOPPENBURG, B. (org). **Vaticano II**: Constituições e decretos e declarações. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Decreto Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: KLOPPENBURG, B. (org). **Vaticano II**: Constituições e decretos e declarações. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Decreto Christus Dominus*. In. KLOPPENBURG, B. (org). **Vaticano II**: Constituições, decretos e declarações. 25^a ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JOÃO PAULO II. **A catequese hoje**: Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae”. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. **Catecismo da Igreja Católica.** São Paulo: Loyola, 2000.

PAULO VI. ***Evangelii Nuntiandi***: Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Paulo VI sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a catequese.** São Paulo: Paulinas, 2009.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**: Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. **Ritual do Batismo de Crianças.** São Paulo: Paulo, 1999.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos.** São Paulo: Loyola, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ALBERICH E. **Catequese Evangelizadora**. Manual de catequética fundamental. São Paulo. Salesiana, 2004.

ALMEIDA, J. A. **ABC da Iniciação Cristã**. São Paulo: Paulinas, 2010.

AMADO, P.J. **Catequese num mundo em transformação**. In Revista de Catequese. São Paulo: Salesiana, n. 128.

LIMA, A. L. **Catequese a serviço da iniciação cristã**. In Revista de Catequese. São Paulo: Salesianas, 2009. 128.

BACKHAUSER, A, F. In. Peregrinação de Etéria. **Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENAVIDES, M, L. **Hacia nuevos rumbos en la catequesis**. Buenos Aires: San Benito, 2009. Essa citação foi usada na introdução.

BOROBIO, D. **Catecumenado e iniciación Cristiana**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007.

_____. **La Iniciación Cristiana**. España: Sígueme, 2009.

BUYST, I. FRANCISCO, J. M. **O mistério celebrado: memória e compromisso II**. Teologia Litúrgica. Coleção livros básicos de teologia 10. São Paulo: Paulinas, 2004.

CASPANI, P. **Renascer da água e do Espírito: Batismo e Crisma, Sacramentos da Iniciação cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.

DUJARIER, M. **A evolução da pastoral catecumenal dos seis primeiros séculos da Igreja**. In. Caderno Phase. O catecumenato. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2003.

FLORISTÁN, C. **Catecumenato: história e pastoral da Iniciação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEVAERT, J. **Evangelização, primeiro anúncio e catequese**. In. Revista de catequese. Formação de Catequistas. Catequese evangelizadora. Ano 27. n. 106. Abriu e junho. São Paulo: Salesianas, 2004.

GINEL, A. **Repensar la catequesis**. Buenos Aires: Claretiana, 2010.

GIRARDI, L. **Battesimo e confermazione**. Brescia: Queriniana, 2000.

HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica**. Liturgia e catequese em Roma no século III. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologia. Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 2013.

LELO, F. A. **Catequese com estilo catecumenal**. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **O estilo catecumenal na catequese por etapas**. IN. Revista de Catequese. São Paulo: Salesianas, n. 116, 2006.

NENTWIG, R. **Iniciação à comunidade cristã**. A relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2013.

OÑATIBIA, I. **Batismos e confirmação: sacramentos de iniciação**. Tradução: José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREGRINAÇÃO DE ETERIA. **Liturgia e catequese em Jerusalém no Século IV**. Com. de Frei Alberto Beckhauser, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 2004.

RATZINGER, J. **Battesimo, fede e appartenenza alla Chiesa**. Comunnio 27, 1976.

DI BERARDINO, A. Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SAXER V. **Les rites de l'initiation chrétienne du IIe au VIe siècle**. Esquisse historique et signification d'après leurs principaux témoins, 1988. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rscir_00352217_1989_num_63_1_3120_t1_0159_0000_2. Acesso em 27/08/2015.

SAXER, V. **Les rites de l'initiation chrétienne**. Spoleto. Centro italiano di studi sull'alto medioevo, 1992.

TERTULLIANUS. **De baptismo**. A cura di j. G.P.Borllefs. In: Tertulliani opera. Pars I, p. 275-295. [Ed. Bras.: TERTULIANO. O sacramento do Batismo. Introdução, tradução e notas por Urbano Zille. Petrópolis: Vozes, 1981. (Padres da Igreja, 3).

DIDAQUÉ. O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 9. ed. RJ: Vozes, 2009.

ZILLES, U. **O sacramento do Batismo nas fontes cristãs.** Teologia e pastoral do batismo segundo Tertuliano. Petrópolis: Vozes, 1975.